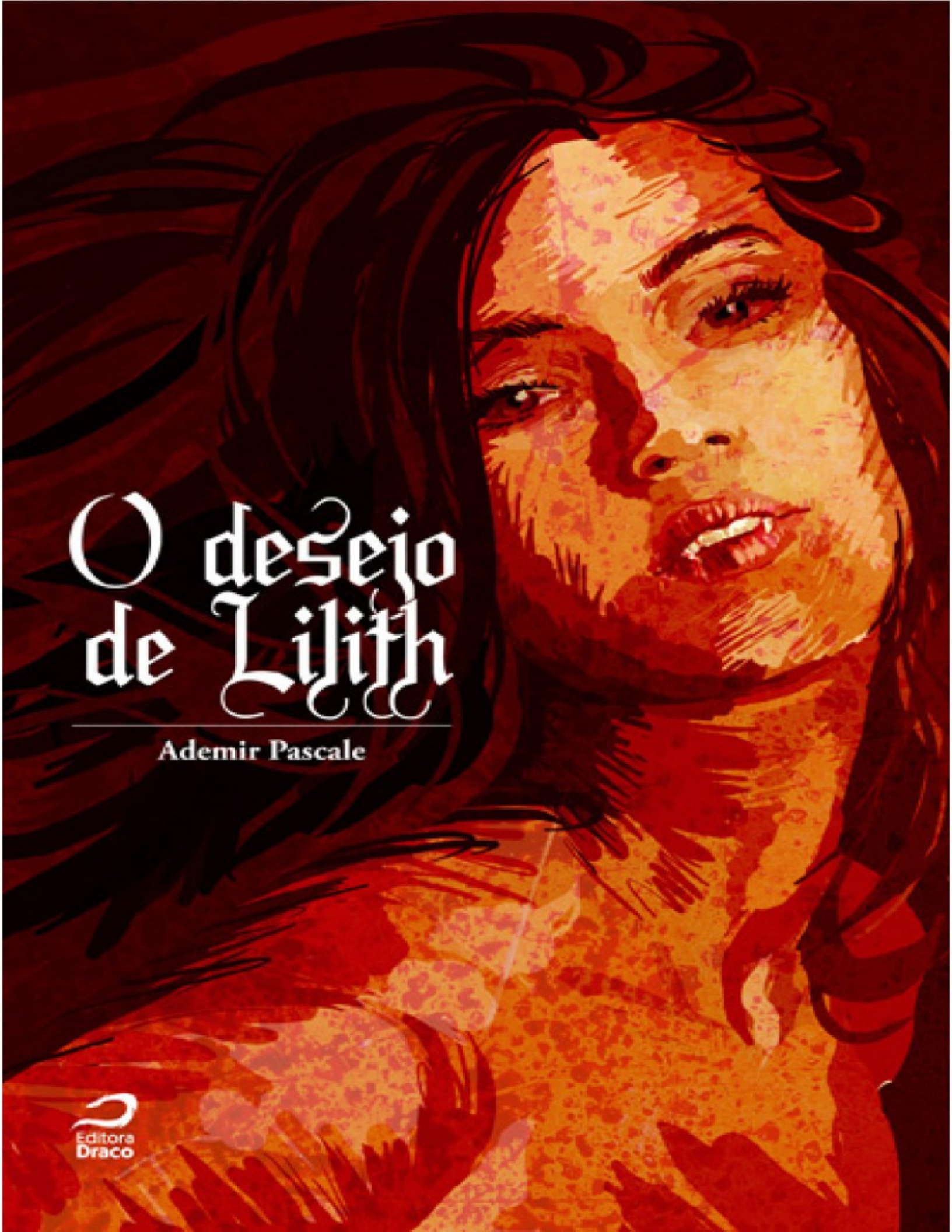




O desejo de Lilith

Ademir Pascale



O desejo de Lilith

Ademir Pascale

1ª edição



São Paulo

2010

Ademir Pascale

paulista, linguísta, crítico de cinema, ativista cultural e autor de FC e horror. É autor do audiolivro *Cinema: Despertando Seu Olhar Crítico* (2008). Organizou as antologias *Invasão* (2009), *Draculea: O Livro Secreto dos Vampiros* (2009), *Metamorfose: A Fúria dos Lobisomens* (2009) e com Maurício Montenegro, *Poe 200 Anos* (2010). É co editor, juntamente da Elenir Alves, do e-zine *TerrorZine: Minicontos de Terror*. Mantém o *Portal Cranik*, já tendo publicado mais de 130 entrevistas.

© 2012 by Ademir Pascale

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Edição: Erick Santos Cardoso

Produção editorial: Janaina Chervezan

Preparação de original: Eric Novello

Revisão: Andréia Szczypula e Karlo Gabriel

Ilustração de capa: Ericksama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pascale, Ademir

O desejo de Lilith / Ademir Pascale. —

São Paulo : Editora Draco, 2012.

ISBN 978-85-62942-57-0

2.162 kb; ePUB

1. Ficção brasileira I. Título.

10-00713 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

1ª edição, 2012

Editora Draco

R. José Cerqueira Bastos, 298

Jd. Esther Yolanda - São Paulo - SP

CEP 05373-090

editoradraco@gmail.com

www.editoradraco.com

www.facebook.com/editoradraco

twitter: @editoradraco

Índice

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Índice](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1 - Mr. Sheol](#)

[Capítulo 2 - O início de um grande pesadelo](#)

[Capítulo 3 - Estranhos anjos salvadores, o fim do preconceito](#)

[Capítulo 4 - Conhecendo o dr. Murial Sante](#)

[Capítulo 5 - Novos manuscritos descobertos e um segundo suicídio](#)

[Capítulo 6 - O desejo de Lilith e o demônio Qayin](#)

[Capítulo 7 - Possuídos e manipulados?](#)

[Capítulo 8 - De frente com a besta e outras descobertas](#)

[Capítulo 9 - Manual prático do imortal](#)

[Capítulo 10 - Curtindo a imortalidade?](#)

[Capítulo 11 - O anjo Mebahiah](#)

[Capítulo 12 - Anos 80, a perseguição continua](#)

[Bônus](#)

[Epílogo](#)

[Posfácio por Roberto de Sousa Causo](#)

Para minha querida esposa, Elenir Alves.

Aos queridos irmãos, Almir Pascale (muito obrigado pelo incentivo), Adriana Pascale e Alberto Pascale.

Aos amigos e leitores, que me acompanham nesta empreitada.

Ao querido pai, Alberto Cardoso (*in memoriam*), que me incentivou para o meio literário com seus incríveis “causos”... Sinto muita falta das suas histórias sobre lobisomens, bruxas, fantasmas e caboclos d’água. Sei que um dia ainda nos reencontraremos...

À querida mãe, Anna Maria Pascale (*in memoriam*), que me incentivou a desenhar com apenas três anos de idade e a montar as minhas primeiras historinhas... Sinto muita falta das suas macarronadas, lasanhas, pizzas, e principalmente de você.

Admirar-se-ia você de que tais pensamentos me levassem a assomos de ódio e fúria? Quanto a mim, o que me surpreende é não ter naquele momento, em lugar de perder-me em lamentações, dado vazão a meus instintos de perversidade e a meus impulsos de investir contra toda a humanidade e perecer na tentativa de aniquilá-la.

Mary Shelley, *Frankenstein*

PRÓLOGO

Diário de Rafael Monte Cerquillo

12 de dezembro de 1978

Os fatos que seguem ocorreram há quase um ano...

Até então, pura rotina: mais um dia, mais uma ocorrência, mais uma pobre alma que teria ido para os confins do inferno. O casebre estava cheio de pó, ratos, baratas e outros seres imundos. Minhas narinas já deveriam estar acostumadas com o odor da podridão, mas ainda precisava controlar a repulsa. Havia livros embolorados espalhados pelo chão, em cima da pia, no fogão a lenha e na única mesa do pequeno casebre. O cadáver, já bastante decomposto, estava apoiado sobre a mesa com os braços entrelaçados em uma antiga máquina de escrever e, quando me aproximei do corpo, notei alguns textos datilografados, além de um recheado diário. Como detetive-chefe, colhi todos os papéis cuidadosamente. A arma do crime, ainda fincada no peito do morto, parecia um punhal ritualístico talhado com uma serpente de pequenos olhos rubros em seu cabo. Tivemos muito trabalho para retirar o corpo do local, pois se unira de tal maneira à cadeira e à máquina de escrever que tivemos que cortar a roupa e arrancar pedaços da pele do defunto. Mesmo depois de tantos anos de serviço, me impressionava com cenas assim e aquela, realmente, era diabólica. Já tinha visto famílias inteiras chacinadas, crianças mortas e garotas aos pedaços, mas notei que enfrentaria algo macabro na investigação daquele caso.

De tão ansioso que estava para folhear o diário e os manuscritos, minha mão parecia se mover por vontade própria mas, definitivamente, aquele não era o melhor momento. A escrivania do meu apartamento e toda aquela papelada retirada da cena do crime passaram a ser a triste companhia deste curioso detetive que se arrependeu mil vezes de ter atendido a ocorrência. Depois de ler aqueles papéis, comecei a enaltecer as trevas. Minha personalidade e modo de vestir se modificaram drasticamente. Minha voz ficou mais rouca e ganhou um tom intenso de melancolia. Perdi o gosto pelas cores da vida e passei a adotar o cinza, o preto e o vermelho. Há meses não corto o cabelo, e minha aparência lembra a dos homens medievais. Perdi o emprego, saí do Município de Hortolândia e me mudei para o centro de São Paulo, passando as noites vagando por bares e perambulando nas acinzentadas ruas desta cidade de pedra que possui cemitérios e igrejas com marcante estilo gótico.

Vim morar em um prédio caindo aos pedaços, próximo à Praça Ramos. O local foi invadido por centenas de pessoas que não tinham moradia. Não temos luz nem água. Sempre que preciso sair para perambular, esbarro nos vizinhos pelos corredores e escadas, e foi justamente em um desses dias que descobri que a pobreza tinha uma grande pluralidade de estilos.

Como a porta principal do meu apartamento não possui fechadura, tenho que passar uma corrente com cadeado. Mesmo assim, ainda encosto uma cadeira e algumas garrafas vazias que servem para me alertar caso alguém tente arrombar a porta se eu cair no sono, coisa que não faço há dias. Tenho duas companheiras, na verdade três, mas sobre esta última falarei apenas ao final do diário, se conseguir terminá-lo com vida. Compartilho meu pouco espaço com duas companheiras, a escuridão e sua irmã solidão. Não tenho muito dinheiro, acendo uma vela apenas quando escrevo essas linhas.

Peço desculpas por toda essa melancolia nas palavras, mas preciso compartilhar o meu desespero. Portanto, com base nos manuscritos, textos datilografados, pesquisas e no embolorado diário que encontrei na cena do crime de Hortolândia, contarei primeiramente a história de Jacinto Rodrigues; assim você entenderá melhor a delicada situação em que me encontro.

Rafael Monte Cerquillo – ex-detetive de Polícia

CAPÍTULO 1

Mr. Sheol

Acaso, ó Criador, pedi que do barro me moldasses homem? Porventura pedi que das trevas me erguesses?

John Milton, *Paradise Lost*, X, 743-5

Sob as trevas da noite, correndo a largos passos, J.R. nota a faca ensanguentada em sua mão e, por um instante, cessa a insana corrida. Seus pés descalços latejam de dor. Os joelhos estavam dormentes. A luz da lua, metafórica luz inalcançável. Os seres das trevas presenciam o desespero de uma figura maltrapilha. Gritos ensandecidos quebram o silêncio da noite.

Jacinto Rodrigues parou de escrever. Já estava clareando. Hoje era dia de oração, de clamar por misericórdia, de passar o dia com os irmãos de fé. Com o terno engomado e a bíblia embaixo do braço, estava pronto para sair.

Jacinto era um escritor descendente de escritores cristãos, rapaz de família puritana, de palavras sábias e vestimentas rudimentares. Era um símbolo de cultura e fé, interlocutor da comunidade regional e chave de um grande segredo.

Semanalmente, o jornal *O Diário da Região*, principal veículo de comunicação do município de Hortolândia, publicava pequenos trechos de uma novela, considerada pela maioria da população da cidade, que era cristã, como demoníaca. O diabo era enaltecido naqueles textos profanos que faziam o jornal ser o mais vendido do município. Todos ficavam desesperados para saber a continuação da trama, incluindo os que a renegavam. Acotovelavam-se perante o jornaleiro para adquirir o tabloide com a novela plagiada dos contos do mundo inferior. O autor da obra assinava com o nome de *Mr. Sheol* e se autodefinia como estudioso e membro de uma antiga seita secreta.

Por onde Jacinto Rodrigues passava, fossem restaurantes, sebos, exposições ou ruas, sempre murmurava trechos de sua obra poética preferida: *Paradise Lost*, de John Milton, de 1667:

*Que importa onde eu esteja, se eu sou o mesmo
Sempre serei, – e quanto posso, tudo?...
Tudo... menos o que é esse que os raios
Mais poderosos do que nos fizeram!
Nós, ao menos aqui, seremos livres,
Deus, o Inferno não fez para invejá-lo;
Não quererá daqui lançar-nos fora:
Podemos aqui reinar seguros.
Reinar é o alvo da ambição mais nobre,
Inda que seja no profundo Inferno:
Reinar no Inferno preferir nos cumpre
À vileza de ser no Céu escravos.*

Em seu casebre, mantinha bíblias de todos os tamanhos, formatos e anos possíveis. Nas lisas paredes, não havia figuras, apenas livros e mais livros amontoados entre lembranças. A solidão era gigantesca naquele recinto repleto de ideias de autores antigos e contemporâneos. No centro da grande mesa que ficava ao lado da lareira, havia várias obras enfileiradas, umas sobre as outras. Algumas destacavam-se como a obra de Tristan Tzara e o seu Dadaísmo, enfatizando o ilógico e o absurdo; o clássico do autor escocês Robert Louis Stevenson, *O Médico e o Monstro*; e o grandioso ensaio *O Mundo que esnobou o poeta*, do autor russo Roman Jakobson – uma obra escrita sob fortes emoções após a morte do amigo Wladimir Maiakóvski.

Jacinto ocultamente se autodefinia como pluralista. À noite, deixava-se possuir pelo seu outro eu, *Mr. Sheol*, o escritor polêmico.

Certa vez, Jacinto se apaixonou loucamente por uma jovem de sua comunidade cristã, Maria Isolda. Bela, de fala simples e desnuda de ornamentos, possuía cabelos longos e sedosos, olhos negros grandes e brilhantes e uma pornográfica boca carnuda. Não sentia o mesmo que Jacinto, tornando-o uma infeliz alma pensante, para desespero do seu ser e felicidade dos seus inúmeros leitores, pois, Isolda, Maria Isolda, era a inspiração para os contos infernais de seu alterego.

Mr. Sheol descrevia as trevas com tantos requintes e detalhes, que às vezes causava arrepios nos leitores. Antônio Bernardino, editor e proprietário de *O Diário da Região*, sentia o mesmo ao ler os trechos da tétrica novela, responsável pelo crescimento considerável nas vendas do jornal e de seu império. Assim como os leitores, não conseguia parar de acompanhar a medonha novela.

Foi no dia do casamento de Maria Isolda, que *Mr. Sheol* ganhou vida pela primeira vez pelas mãos de Jacinto. Os olhos dela brilhavam tanto ao olhar o noivo Gilberto Tristão que Jacinto sabia que nunca mais teria uma chance, a não ser, assassinando o rival.

Após o casamento, trêmulo, deprimido e bêbado de ódio, o escritor caminhava para casa. As cores dos jardins da praça por onde costumava passar se diluíram, dando lugar as trevas. As crianças que brincavam no parquinho não eram mais crianças. Os sorrisos das figuras que perambulavam nas ruas não eram mais sorrisos. Jacinto não era mais Jacinto. A escuridão tomara conta da alma do jovem cristão. A primeira tarefa daquele novo homem ao chegar em casa foi sentar-se furiosamente na cadeira, jogar no chão todos os livros que estavam na mesa, pegar a máquina de escrever que pertencera a seu avô, e começar alucinadamente a datilografar cenas terríveis do assassinato de um homem que acabara de se casar.

05 de janeiro de 1976. Foi nesse dia que Maria Isolda se casou com Gilberto Tristão. O dia do primeiro capítulo da novela *Death of the soul*.

Todos os dias, ao amanhecer, o jovem cristão notava que não dormira na cama e sim debruçado sobre a grande mesa. Invariavelmente, acordava com pelo menos duas folhas datilografadas a sua frente e, ao lê-las, sabia que não eram suas e sim do seu alterego, *Mr. Sheol*. Na hora de sair para a igreja, Jacinto sempre lavava apressadamente o rosto para não perder o culto. Ao se olhar no espelho, uma voz em sua mente repetia: Publique a novela!

No primeiro dia da criação da novela, ele mal conseguia ouvir o sermão do pastor, pois outra voz tomava o seu lugar. Na saída do culto, o atormentado rapaz foi às pressas para a redação do jornal. Discretamente, entrou na redação e procurou pela mesa do editor. Não demorou muito para encontrá-la, pois o recinto mais requintado da sala cheia de divisórias era o do editor Antônio Bernardino. Demorou poucos minutos para Antônio sair de lá para atender alguns convidados políticos. Sem perder tempo, Jacinto aproveitou para jogar o envelope com o primeiro capítulo de *Death of the soul* em cima da mesa, bem ao lado da plaqueta *Editor*. Saiu da redação com certo alívio, pois a voz macabra que vinha do seu interior cessara completamente. A partir desse dia, as visitas à redação de *O Diário da Região* foram constantes.

Jacinto passou várias semanas atormentado, sonolento e desesperado, pois não sabia mais o que fazer. Não sabia como cessar a novela que enaltecia o Diabo. Porém, certo dia, próximo da vibrante lareira de sua sala, o rapaz teve uma obscura ideia, semelhante às do seu outro eu: assassinar *Mr. Sheol*.

O atormentado rapaz viu pela janela da sala o Sol se pondo. Sabia que em poucas horas *Mr. Sheol* viria tomar o seu lugar. Então, deu início aos preparativos: pegou um punhal e o escondeu atrás de um livro de Felisberto Hernández. Sentou-se calmamente na cadeira, puxou a antiga máquina de escrever, inclinou-se em direção à lareira e vislumbrou as chamas como se fosse a primeira vez. Passou quase duas horas nessa posição. Vez ou outra, olhava para um dos livros que estavam sobre a

mesa. Ao olhar a *Nadie encendía las lámparas*, de Hernández, lembrou-se do que deveria fazer ao amanhecer. Depois disso, Jacinto apagou.

O dia amanheceu com o escritor debruçado sobre a mesa e cabeça sobre os braços. Jacinto abriu os olhos vagarosamente e encontrou uma página totalmente datilografada com a assinatura de *Mr. Sheol*. Odiando o abominável ser, prometeu para si mesmo que o próximo texto do seu alterego seria produzido apenas nos confins do inferno.

Jacinto levantou o livro de Felisberto Hernández, segurou firmemente o instrumento que o livraria de *Mr. Sheol* e, por alguns segundos, vislumbrou um par de olhos refletido na pequena arma. Esta seria sua última lembrança se não fosse a visão do tom vermelho que escorria lentamente do abdome ao chão.

Jacinto Rodrigues, cristão, escritor descendente de escritores cristãos. Rapaz de família puritana, de palavras sábias e roupas rudimentares. Símbolo de cultura e fé, interlocutor da comunidade regional e, agora, suicida, livrou a cidade de Hortolândia do delírio vicioso da novela *Death of the soul*. Fez desmoronar o império de um homem chamado Antônio Bernardino e, nas trevas, fez companhia ao escritor *Mr. Sheol*.

Último manuscrito da novela de Mr. Sheol. (Não publicado)

19 de novembro de 1977

Sob as trevas da noite, correndo a largos passos, J.R. nota a faca ensanguentada em sua mão e, por um instante, cessa a insana corrida. Seus pés descalços latejam de dor. Os joelhos estavam dormentes. A luz da lua, metafórica luz inalcançável. Os seres das trevas presenciam o desespero de uma figura maltrapilha. Gritos ensandecidos quebram o silêncio da noite. Dois olhos queimando de ódio surgem das trevas. O ser está com o abdome aberto, deixando notar os órgãos ainda pulsantes. Nas mãos da criatura, a página de uma novela, intitulada Death of the soul – O triste fim de um escritor.

CAPÍTULO 2

O início de um grande pesadelo

“Mas o tempo acabou por apagar a intensidade desses remorsos, os escrúpulos tornaram-se banais, e eu passei a torturar-me com ansiedades e desejos, como Hyde lutando pela sua libertação. E um dia, num momento de fraqueza moral, preparei e bebi mais uma vez a droga transformadora.”

Robert Louis Stevenson, *O Médico e o Monstro*

Agora que você acabou de ler a história de Jacinto Rodrigues, a personagem principal da minha última ocorrência, descobriu também o pivô de todo o caos que acabou com a vida desse jovem cristão e com a minha. Porém, se fosse apenas isso, eu morreria feliz, mas a questão iria muito além da compreensão humana, beirando o irreal, se não fossem os novos manuscritos que tinha descoberto e de um novo e triste suicídio, pensaria que o caso Jacinto fosse, quem sabe, apenas um caso psiquiátrico, apesar da cena diabólica que presenciei. Mero engano.

A investigação teve grande avanço dois dias depois do ocorrido no casebre de Jacinto Rodrigues. Li seu diário, os manuscritos e os textos datilografados e, a cada linha que meus olhos percorriam, um novo arrepio me subia pela coluna. A tensão foi tanta que tive de parar a leitura por diversas vezes e me debruçar à janela do apartamento para ver a noite invadir a praça e os poucos transeuntes que perambulavam pelas ruas de Hortolândia. Mesmo o processo sendo tortuoso, sabia que tinha que voltar ao trabalho e, mais uma vez, à tétrica leitura.

No dia seguinte, o chefe de polícia Manuel Cardoso de Sá percebeu meu cansaço e me concedeu alguns dias para essa investigação, passando as demais para outros detetives mais jovens e desenvoltos, diferentes deste de quase cinco décadas de vivências, sendo três delas de malandragem e estresse.

DIÁRIO: 14 de dezembro de 1978

Antes de continuar essas linhas, devo lembrá-los de que os fatos aqui escritos ocorreram há quase um ano. Minha situação hoje é pecaminosa. Esse caso destruiu a minha vida, que já não era lá grande coisa. Acredito que ainda estou vivo apenas pelo fato de saber que tenho que registrar o que aconteceu neste diário, a fim de alertá-los sobre um imenso perigo, uma conspiração contra toda a humanidade.

Também registro aqui o extraordinário sorriso que se estampa em minha face neste exato momento, pois dedicarei o dia de hoje (14 de dezembro de 1978) exclusivamente ao meu grande amigo Evandro Alves, o Ruivo.

Evandro Alves tinha 35 anos de idade. Era ruivo, possuidor de cabelos lisos que emolduravam a sua face sardenta. Tinha o olhar sério e era muito observador. Usava sempre a mesma jaqueta preta de couro, diversificando apenas os luxuosos calçados e calças de cores variadas com boca de sino. Era detetive e companheiro de inúmeros casos. Ficou sabendo da investigação e, logo pela manhã, no dia 10 de dezembro de 1977, foi ao meu apartamento, talvez para injetar óleo nas engrenagens e dar um impulso nesta velha máquina desgastada.

Como de costume, acendi um incenso de canela, preparei dois chás pretos e convidei Evandro para sentarmos no sofá da sala. O momento foi propício para descrever o que tinha descoberto sobre o caso de Jacinto Rodrigues. Fui contando tudo nos mínimos detalhes e, quando citei o nome de *Mr. Sheol*, Evandro fez um olhar tão sério que emudeci por alguns instantes. Sem dizer palavra, notamos que o incenso chegara ao fim. Então, para passar o tempo, me levantei e acendi outro. Dessa vez me sentei mais próximo de Evandro, que quebrou o gelo perguntando se eu tinha o costume de ler a bíblia. Disse que não, mas que lia às vezes na juventude, principalmente quando desejava algo com veemência: uma garota, ir bem nas provas do colégio, não ser surrado pelos garotos da rua de baixo etc. Evandro sorriu, mas logo em seguida voltou a tensão da seriedade entre nós.

Abriu sua antiga maleta para pegar uma bíblia no meio das dezenas de papéis, fotos de vítimas de antigos casos e um revólver calibre 38. Evandro a segurou com vontade e devoção e, por alguns segundos, fixamos o olhar apenas no conhecido livro, lido e relido por milhares de pessoas no mundo inteiro. Embora eu tivesse lido alguns trechos na juventude, não me lembrava de uma única frase da obra.

Evandro abriu certo em uma página. Leu em silêncio, sorriu e me estendeu o livro, pedindo para que eu lesse em voz alta o versículo *Cântico dos Cânticos* 8: 6:

*Põe-me como selo sobre o teu coração
como selo sobre o teu braço;
porque o amor é forte como a morte;
o ciúme é cruel como o Seol;
a sua chama é chama de fogo,
verdadeira labareda do Senhor.*

Embora faltasse a letra “h” a palavra “Seol” era semelhante ao Sheol do caso Jacinto Rodrigues. E, o mais interessante, ele era citado como cruel. Definitivamente, sabia que não poderia ser uma simples coincidência. Minha intuição dizia que aquele trecho milenar tinha realmente algo a ver com o caso de Jacinto.

Empolgado, perguntei se Evandro conhecia mais alguma passagem da Bíblia com o termo. O rapaz retomou um sorriso confirmando minha pergunta. Disse que existiam várias passagens usando a referida palavra e, embora não se lembrasse de todos os versículos, procurou outro para me mostrar. Eu já não conseguia me conter de curiosidade. Os minutos que se seguiram foram torturantes, uma verdadeira eternidade, até que Evandro estendeu novamente a mão. Havia encontrado outro versículo com a palavra “Seol”.

Levantei-me e, como fazem os pastores das igrejas cristãs, li em voz alta o versículo Eclesiastes 9:10: tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças; porque no Seol, para onde tu vais, não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma.

Esse versículo parecia se referir a “Seol” como o próprio inferno. Era uma conotação diferente do primeiro versículo que Evandro encontrou, mas os dois se referiam a ele como algo terrível e cruel. Sempre fui um pouco místico, mas nunca, em toda a minha vida, tinha presenciado algo sobrenatural. Desde o início sabia que aquele caso tinha um quê de diabólico, mas agora tinha plena certeza.

Evandro me explicou que a palavra Seol poderia ter várias conotações, mas que todas estavam correlacionadas, dependendo de quem houvesse redigido o versículo e de como ele tivesse sido traduzido e interpretado aqui no Brasil. No caso da nossa bíblia, o tradutor era João Ferreira de Almeida (1628–1691).

O Ruivo ainda me disse que poderia encontrar todos os versículos com a referida palavra, mas que demoraria um mês ou mais para fazê-lo, pois além de trabalhar pesado como eu na polícia, ainda frequentava faculdade de Teologia à noite, mas como insisti na urgência, me pediu que fosse encontrá-lo no dia seguinte à noite na porta da faculdade às 19h30. Claro, sem hesitar, aceitei a proposta.

DIÁRIO: 15 de dezembro de 1978

Era 11 de dezembro de 1977, época de provas. A correria era intensa na Faculdade de Teologia de Estudos Bíblicos de Hortolândia. Completamente sem graça, parei ao lado da grande porta principal da faculdade. Não sabia o que fazer nem em qual posição ficar. De vez em quando, cruzava os braços ou colocava as mãos nos bolsos, enquanto alunos apressados passavam por mim sem ao menos notar a minha presença. Confesso que desde a minha infância nunca tinha apreciado ficar só em público, fosse num restaurante, numa festa ou em qualquer outro lugar

com um grande fluxo de pessoas. Sentia-me deprimido, acanhado, um verdadeiro idiota.

Fiquei intensamente aliviado quando notei que, ao longe, o Ruivo descia do ônibus. Realmente, aquele era o símbolo de um homem honesto e pontual. Tinha muito orgulho de ter um amigo tão íntegro e decente. As garotas pareciam notá-lo, mesmo ainda estando longe. Seu andar era calmo e despreocupado, livre de quaisquer problemas. Gostaria de voltar no tempo e ter sua virilidade e coragem. Faria qualquer coisa para recuperar o tempo perdido. Iria me divertir mais, frequentaria grandes discotecas, viajaria pelo mundo e, quem sabe, no meio de toda essa transição, encontraria o amor da minha vida. Eu viajava em pensamentos quando Evandro me abordou.

19h30 em ponto

Parecia que não nos víamos há vários meses. Evandro me abraçou, e então caminhamos calmamente pelo corredor, até pararmos em frente à sala dos professores. Aguardávamos Benedito Campos Sales, Doutor em Teologia pela Universidade de Boston. Nesse meio tempo, o Ruivo me explicou que esse senhor me ajudaria – pelo menos no que dissesse respeito ao conteúdo do antigo testamento.

Enquanto conversávamos sobre antigos casos, a porta da sala dos professores se abriu, e pude notar umas vinte pessoas caminhando apressadamente, trajando avental branco e carregando vários livros e cadernos.

Evandro puxou Benedito Campos Sales, o dito-cujo que me ajudou na investigação, abrindo as portas para o verdadeiro significado da palavra “Seol” no antigo testamento.

Evandro me apresentou ao professor. Um senhor aparentando uns 60 anos, calvo, barbado, curvado e incrivelmente magro, assemelhando-se às mais engraçadas caricaturas. O Ruivo contou meu caso de forma resumida e, sinceramente, senti ódio ao notar que o professor não prestava muita atenção. Parecia querer ir embora, olhando para os lados e concordando em todos os momentos, mesmo sem entender nada. Só quando Evandro pronunciou a palavra “Seol” ele passou a prestar atenção e como um relâmpago, Benedito deixou os livros e cadernos caírem no chão, arregalou os olhos e, branco como um cadáver, nos perguntou em voz baixa: “Vocês também sabem do Seol? Vocês também sabem?”

Fiquei aflito, pois naquele momento sabia que enfrentaria o maior de todos os meus casos.

Nós nos acomodamos em algumas cadeiras na praça de alimentação da faculdade. Benedito retirou uma caderneta de sua pasta e rabiscou alguma coisa com muita altivez, depois destacou a folha e me entregou sem dizer uma única

palavra. Na verdade, ele tinha escrito cinco palavras: “Seol, Sheol, She’óhl, Xeol ou Cheol”. Após lê-las, voltei meu semblante com um ponto de interrogação ao professor, que me disse: “Tanto faz... Todas as cinco palavras estão corretas. A diferença é que a palavra She’óhl é usada originalmente nos antigos textos hebraicos e soa como Sheol ao ser pronunciada. Xeol foi usada na Bíblia de Jerusalém e Cheol na Bíblia Mensagem de Deus, que na tradução feita por João Ferreira de Almeida ficou sendo Seol. Essa simples palavra pode ter vários significados: inferno, sepulcro, enterrado, sepultura, mundo invisível, habitação dos mortos, abismo, morte etc.”

Consciente de que todos os alunos da faculdade carregavam uma bíblia, o professor pediu a do Ruivo. Sabido e entendedor do assunto, Benedito a abriu velozmente e leu Isaías 5:14

“Por isso o Seol aumentou o seu apetite e abriu a sua boca desmesuradamente; e para lá descem a glória deles, a sua multidão, a sua pompa, e os que entre eles se exultam”.

Depois de pronunciar o versículo, com os olhos vidrados semelhantes aos de um louco, Benedito fechou a mão e deu uma forte pancada na mesa, chamando a atenção das pessoas que estavam próximas de nós. Em seguida, vociferou ao se levantar: “O velho estava certo, sempre esteve certo. Sempre esteve certo”. Eu e o Ruivo seguramos o professor e sugerimos que se sentasse novamente, pedindo que fosse discreto, afinal era uma investigação policial. Sem delongas, o professor pediu desculpas. Para nos acalmarmos, pedi que o Ruivo buscasse alguma coisa para beber. Enquanto ele comprava dois sucos de laranja e um suco de maracujá, Benedito segurou fortemente a minha mão e disse: “Se você estiver realmente interessado em prosseguir com esse caso, infelizmente não poderei mais ajudá-lo, pois não sou a pessoa certa para isso. Não sou tão bom no assunto ‘Seol’ como vocês imaginam. Mas conheço alguém que é um grande estudioso, talvez o maior do mundo no assunto. O nome dele é Dr. Murial Sante, um velho amigo e companheiro dos tempos de faculdade. Só que tem um porém. Ele se mudou para São Paulo em 74 e faz mais de três anos que não o vejo, mas tenho o seu endereço em casa em minha agenda. Durante os dois primeiros anos nos correspondemos com frequência, via correio e algumas vezes por telefone, mas por mero acaso do destino, há um ano não tenho notícias do velho. O número do telefone, sei de memória, e lhe passarei agora...”

Evandro retornou segurando com dificuldade os três sucos, e passou o de maracujá ao professor. Entre uma golada e outra, nós nos entreolhávamos com curiosidade. O professor parecia desconfortável, pois de repente iniciou um terrível tique nervoso no olho direito. Já o Ruivo, por sua drástica mudança de fisionomia, parecia saber que não nos veríamos tão cedo.

No dia seguinte, já com o endereço do Dr. Murial Sante em mãos, rumei em um ônibus de viagem para o centro da grande cidade de São Paulo, com apenas uma bolsa de viagem, documentos, algumas papeladas e anotações do caso Jacinto Rodrigues.

CAPÍTULO 3

Estranhos anjos salvadores, o fim do preconceito

Durante muito tempo, ali ficamos, imóveis, olhando para o seu rictus profundo e descarnado. O corpo devia ter, a princípio, repousado na atitude de carícia, abraçado a outro corpo, mas agora o grande sono que sobrevive ao amor, o grande sono que vence até mesmo as carícias do amor, dominara-o afinal. O que restava dele, em decomposição dentro do que restava de sua camisola de dormir, tornara-se inseparável do leito em que jazia; e sobre ele, assim como sobre o travesseiro vazio ao seu lado, estendera-se aquela camada espessa de paciente e obstinada poeira.

William Faulkner, *Uma Rosa para Emily*

DIÁRIO: 16 de dezembro de 1978

12 de dezembro de 1977. No início da viagem, procurei algo para ler entre os papéis que estava carregando e, para meu espanto, encontrei dois livros que provavelmente se perderam entre os manuscritos e textos datilografados de Jacinto Rodrigues. Uma das obras era intitulada *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e a outra *O Confessionário dos Penitentes Negros*, de Ann Radcliffe. Escolhi a de Oscar Wilde para ler nas horas vagas, também dedicadas à música e coisas do gênero. Fiquei interessado pela história já nas primeiras linhas e, quando menos percebi, chegava ao seu triste final. Para mim foi um momento inesquecível, pois consagrei aquela obra como uma dentre as melhores que já tinha lido. Que bom gosto tinha Jacinto! Jamais me esqueceria do retrato macabro de Dorian Gray e de toda a trama criada pelo escritor inglês no século XIX. Ali se registrava tudo que um homem seria capaz de fazer para manter a juventude. Naquele momento, visões conturbadas invadiram minha mente, como se eu fosse personagem principal da história, e me lembrei das palavras de Dorian Gray: “Mas este retrato se conservará eternamente jovem. Nele, nunca serei mais idoso do que neste dia de junho. Ah, se fosse o contrário! Se eu pudesse ser sempre moço, se o quadro envelhecesse! Por isso, por esse milagre eu daria tudo! Sim, não há no mundo o que eu não estivesse pronto a dar em troca. Daria até a alma!”.

Depois de pouco mais de 100 km de viagem, chegamos à Estação Rodoviária do Jabaquara, na zona sul da cidade. Finalmente, estava na capital de São Paulo. Desci do ônibus com a bagagem e, completamente perdido, comecei a caminhar seguindo as setas que indicavam a Avenida Jabaquara.

A primeira coisa que tinha que fazer neste lugar era procurar um local para me acomodar por alguns dias, ou, quem sabe, semanas. Saí da rodoviária e dei sinal para o primeiro táxi que apareceu, um Fuscão Preto. O motorista abriu a porta e, com um sotaque nordestino, cordialmente, perguntou o meu destino. Eu disse: “Sinceramente, não sei. Gostaria de saber onde posso encontrar hotéis baratos... Pelo menos para me acomodar por alguns dias”. O motorista girou a catraca do taxímetro e ligou o rádio. Sintonizou uma estação que tocava *I Love You Baby*, do cantor Paul Anka, uma das minhas canções prediletas. Cansado da viagem, recostei a cabeça na janela e fui cantarolando a letra: “You’re Just too good to be true. Can’t take my eyes of you...”

A noite invadiu a cidade enquanto vislumbrava esse município de prédios colossais, pessoas apressadas, grandes lojas e incontáveis veículos. Meus olhos se encheram de lágrimas ao notar milhares de luzes que vinham e iam como grandes pirilampos. Confesso que naquela noite estava muito emotivo. Não sei dizer se por estar longe de casa, na capital de São Paulo, ou se porque a canção do Paul Anka estava influenciando aquele intenso sentimento de um velho e cansado solteirão.

O taxímetro continuava rodando e, sem muita pressa, fomos até o centro da cidade, próximo à Praça da Sé, famoso bairro da Liberdade. Íamos para a Rua Barão de Iguape, onde o motorista disse haver um hotel bom e relativamente barato. O taxista (infelizmente não perguntei o seu nome) disse que aquele bairro possuía a maior colônia japonesa do mundo fora do Japão, fato que era nítido pela quantidade de orientais que passeavam nas calçadas, pelos canteiros com bonsais bem podados e pelas luminárias de cores vermelha e branca – com certeza uma homenagem à bandeira do Japão.

Chegamos ao hotel Le Baron. Paguei ao motorista e, ao apertar a sua mão, ele disse com um largo sorriso estampado no rosto: “Você foi o primeiro passageiro em doze anos a apertar minha mão. Muito obrigado pela consideração”. Aquela simples frase constrangeu o meu coração, afinal, o que é um simples aperto de mão? O que custa fazê-lo de vez em quando? Isso me fez refletir por alguns dias.

Hoje não estou me sentindo muito bem para escrever. Sinto-me emotivo e lastimoso. Deprimido, sombrio ou doente, quem sabe. Desde ontem sinto fortes dores abaixo do tórax no lado direito, um pouco acima do quadril. Pelos sintomas acredito que sejam cólicas renais, pedra nos rins. Vou me deitar, mas se a dor continuar irei ao hospital. Por hoje, chega de escrever.

DIÁRIO: 02 de janeiro de 1979

Faz dezesseis dias que não escrevo neste diário, a única coisa que me mantém vivo. No dia 17 de dezembro do ano passado, senti uma dor tão terrível que a própria morte deveria doer menos. Ajoelhei-me por alguns segundos; deitei-me no

chão e rolei como um cão. Não havia posição que fizesse a dor cessar. Os gritos ensandecidos chamaram a atenção dos vizinhos, que vieram ao meu socorro: um travesti musculoso com uma maquiagem chamativa e uma peruca desconcertante e um cabeludo aparentando uns 25 anos com uma camiseta preta do Black Sabbath, tatuado até a alma. A dor era tanta que nem me importei com a aparência bizarra dos meus anjos salvadores. Eles me ajudaram muito, muito mesmo. O travesti Suzetti, pseudônimo de Régis Albuquerque, me segurou pelas pernas. O cabeludo, pelos braços. Eles desceram vários lances de escada. Sorte deles que eu não era muito pesado, deveria estar com uns 65 quilos, cinco a mais do que meu peso atual. Eles me levaram até a Rua Barão de Iguape e deram sinal para o primeiro táxi que passou. Jogaram-me no banco de trás e foram comigo até o hospital 9 de Julho. Depois disso, não me lembro de mais nada. Quando acordei, havia um pequeno corte e alguns pontos no lado direito do meu quadril. Felizmente, a dor tinha cessado. Suzetti e Maverick estavam lá, sentados ao meu lado. Disseram que fui operado e que os médicos tinham retirado duas pedras dos meus rins: uma de 9 milímetros e outra de 11. Eles tinham guardado as pedras em um pote de vidro de azeitonas e as exibiam com imensa alegria, como um grande troféu.

O médico me deu alta, prescreveu uma dieta e receitou muita água, mas não a segui e passei a beber refrigerante e cerveja sem moderação. Os estranhos anjos me levaram de volta ao meu pequeno e velho apartamento. Fui colocado na cama, acomodaram um travesseiro embaixo da minha nuca e me cobriram com um cobertor que ninguém usava nem lavava há meses. Saíram e voltaram alguns minutos depois. Maverick com um jarro de água, e Suzetti com um caprichado prato de comida: arroz, feijão preto, batatas fritas, salada de alface, tomate, cebola e um suculento peito de frango cozido. Fazia muito tempo que não degustava uma comida tão decente quanto aquela.

É curioso. Evitei por um bom tempo os meus vizinhos e nem sabia os seus nomes. Eles me salvaram, me ajudaram, gastaram tempo e, provavelmente, o pouco dinheiro que tinham com o táxi, hospital e comida. Sempre fui preconceituoso com o diferente, com o estranho, mas aprendi a lição. Afinal, eu não era tão diferente deles, minha atual aparência era semelhante à dos integrantes de alguma banda de rock, como o The Doors. Não, não era isso o que eu queria dizer, pois a aparência deles é muito normal. Eu estava mais para um integrante do Ramones.

DIÁRIO: 02 de janeiro de 1979

Estava relendo meu diário e notei que ainda não escrevi o porquê nem como saí da polícia. Na verdade, não saí porque quis, fui despedido. O chefe Manuel Cardoso de Sá recomendou que quando chegasse à capital de São Paulo ligasse para ele dia sim outro não. Parecia algo muito simples, mas não o fiz, pois nunca gostei de

seguir regras e, mesmo se quisesse segui-las, desta vez não me foi possível, pois me aprofundei tanto no caso que esqueci até de mim mesmo. Em janeiro de 1978 já estava desempregado. O próprio chefe de polícia e mais dois soldados vieram até mim. Eles viram meu estado, ainda pouco decadente, mas assustador para olhos conservadores. O chefe perguntou se eu precisava de um médico, mas sei que, na realidade, quis dizer um psiquiatra. Eu disse que não e que de nenhuma maneira abandonaria o caso, pelo menos até ver o seu fim.

Resultado: ele confiscou a minha arma, meu distintivo e me demitiu. Os outros dois soldados apenas olhavam abismados, talvez vislumbrando a terrível decadência de um homem obcecado por um caso obscuro e indecifrável. Inimaginável e impossível se não fosse pelo que presenciei e pelo intrincado quebra-cabeças que montei. Agora, para que possa prosseguir, contarei meu encontro com o Dr. Murial Sante. E que Deus tenha piedade da sua alma ao ler o meu relato, pois eu mesmo, inicialmente, não teria acreditado, se não fosse por um diabólico acontecimento que ocorreu no dia em que me encontrei com o doutor.

CAPÍTULO 4

Conhecendo o Dr. Murial Sante

13

*Morte, que atacas a mulher e o homem
Porque morderam a maçã.
Com toda a força tu nos flagelas;
Vai saudar a grande Roma
Que, a justo título, assim se chama
Porque ela rói, escorcha e péla.
Talha ao simoníaco um manto
De papa ou de cardeal; Roma
É o macete que a tudo espanca
Ela faz do sebo vela,
De um legado negro como fuligem
Faz uma estrela, onde tudo é igual.*

Hélinand de Froidmont, *Os Versos da Morte*, escrito entre 1194 e 1197

“Entre as coisas conhecidas e as desconhecidas existem as portas.”

Jim Morrison, vocalista do The Doors

DIÁRIO: 04 de janeiro de 1979

No dia 14 de dezembro de 1977, dois dias depois que cheguei à capital de São Paulo, resolvi ligar para o Dr. Murial Sante, usando o número que o professor Benedito me fornecera na Faculdade de Teologia. Como o hotel onde estava hospedado não possuía telefone nos quartos, comprei três cartelas de fichas prevendo uma longa conversa. Escolhi um orelhão bem solitário na Liberdade. Tentei algumas vezes, mas ninguém atendeu. Resolvi tentar a ligação mais tarde e,

para me distrair um pouco, dei um passeio pela Avenida Liberdade. No caminho, parei em um aconchegante restaurante japonês. Como não conhecia os pratos, pedi uma sugestão ao dono do estabelecimento. Sem hesitar, ele sugeriu um prato chamado *yakisoba* que, segundo a sua explicação, significa *macarrão frito* em japonês, apesar de ter origem chinesa. Durante a refeição, senti que pelo menos naquele momento minhas necessidades tinham sido supridas e até me esqueci do nervosismo. A partir deste dia passei a me alimentar regularmente deste delicioso macarrão frito.

Satisfeito, resolvi voltar calmamente ao Le Baron. Só então notei uma placa fixada na parede do salão principal do hotel. Peguei minha caderneta de anotações e comecei a registrar as informações que se referiam ao Barão de Iguape, o mesmo que deu origem ao nome da rua onde se situava o hotel.

Antônio da Silva Prado (1778-1875). Foi o primeiro Barão de Iguape, tendo sido capitão-mor de São Paulo, vice-governador da Província e cavaleiro comendador da Ordem de Cristo.

Achei muito interessante, principalmente no que se referia à Ordem de Cristo. O gerente do hotel estava próximo e notei que observava inquieto meu interesse pelos dizeres da plaqueta. Ele se aproximou de mim e disse que Antônio da Silva Prado tinha sido o comendador da Ordem de Cristo.

“Sempre noto que quando os hóspedes leem esta placa ficam se perguntando o que seria esta tal ordem. Na realidade, era uma ordem religiosa e militar criada no século XIV, depois do grande extermínio dos Cavaleiros Templários. É estranho, pois a mesma Igreja que os disseminou, criou a Ordem de Cristo, mas é óbvio que para outras finalidades. Em Portugal a ordem era chamada *Ordo Militiae Jesu Christo*. Alguns antigos livros dizem que todos os bens dos Cavaleiros Templários passaram para eles, exceto um valioso artefato histórico. Agora, o que era esse grande tesouro eu não sei. Só sei que envolve um importante segredo e que pelo menos o papa da época, João XXII, tinha muito interesse nele.”

Alguns dias antes deste caso eu não teria o menor interesse nessas informações. Mas, depois que comecei a investigar o tal “Sheol” e descobri alguns trechos do antigo testamento que se referiam ao nome, comecei a me interessar por esse tipo de assunto e sabia que algo de sobrenatural estava acontecendo. São Paulo possui milhares de ruas com nomes diferenciados, por que fui parar justamente na que envolvia a tal Ordem de Cristo e um segredo que foi guardado pelos Cavaleiros Templários centenas de anos atrás?

Até hoje não descobri por que não desisti deste caso. Minto, estou no caso não porque quero, mas porque envolve toda a história da humanidade. Mas, o que um mero mortal como eu pode fazer? Mais uma vez estou me perdendo nas ideias e

acredito que quem ler esse relato ficará com os nervos à flor da pele. Mas estou fazendo o possível para registrar todos os acontecimentos da investigação. Como já escrevi anteriormente, não tenho força elétrica no apartamento e dependo de uma vela. Minha vista está turva e sinto fortes dores de cabeça. Às vezes tento me distrair me lembrando de fatos que aconteceram e que fugiam do tema “Sheol”.

Bom, por hoje chega. Irei apagar a vela e me deitar, não para dormir, pois não consigo fazer isso há dias, mas para descansar os olhos. Registro aqui, exatamente às 00h32 do dia 05 de janeiro de 1979, que no começo da tarde prometo voltar a escrever no diário, retirar as informações do meu caderno de anotações e finalmente registrar o meu encontro com o Dr. Murial Sante.

DIÁRIO: 05 de janeiro de 1979

14 de dezembro de 1977. Peguei minhas cartelas de fichas e resolvi voltar ao orelhão da Avenida Liberdade. Eram exatamente 20h30. Disquei sem a mão trêmula como da primeira vez, pois achava que ninguém atenderia. Ledo engano. Em questão de segundos, ouvi uma voz baixa e rouca: “Pois não?”. Emudeci por alguns instantes, e a pessoa repetiu a pergunta em um tom mais rude: “POIS NÃO?”. Tomei fôlego e respondi: “Boa noite! Por favor, poderia falar com o Dr. Murial Sante?” A voz proferiu: “Pois não, é ele mesmo que está falando!”.

Meu Deus, até hoje sinto um arrepio ao me lembrar desse episódio, pois foi o Dr. Murial quem abriu as portas da minha investigação. Coloquei várias fichas no orelhão, prevendo um possível esquecimento ao me empolgar com a conversa. Apresentei-me, expliquei sobre a minha investigação e falei que o professor Benedito tinha me passado o telefone dele e dito que ele provavelmente me ajudaria com as informações sobre o “Sheol” do antigo testamento. O Dr. Murial emudeceu por alguns instantes, até que perguntou quem realmente eu era. Disse novamente que era um detetive de polícia investigando um suicídio que ocorrera na cidade de Hortolândia, e que gostaria de conversar com ele pessoalmente. Marcamos um jantar às 19h30 do dia seguinte no restaurante oriental da Avenida Liberdade, o mesmo onde conheci o *yakisoba*.

15 de dezembro de 1977, 19h30. Como um bom detetive, logo na entrada verifiquei o ambiente e todos os que estavam presentes. Notei um senhor que poderia ser Murial Sante, pois os clientes que estavam nas outras mesas aparentavam bem menos de 40 anos. O senhor de poucos cabelos brancos flutuantes usava óculos com um aro corpulento de cor preta, e as lentes eram tão grossas que ocultavam a verdadeira feição dos olhos. Trajava um fino, porém amassado, terno cinza. Apresentava um semblante de preocupação e fadiga. O doutor parecia um sócio de Woody Allen, só que aparentando uns trinta anos mais. No momento em que caminhei da porta do restaurante até a mesa onde ele estava, torci para que

tivesse o mesmo senso de humor do comediante ou que no mínimo fosse cordial e me ajudasse nas investigações.

Senti certo acanhamento em perguntar se ele realmente era quem eu queria que fosse. Instintiva e cordialmente, o velho esticou a mão me convidando a sentar e, antes de pronunciarmos palavra, o garçom trouxe o menu. Sem consultá-lo, pedi um *yakisoba* e uma cerveja e o doutor pediu o mesmo. Parecia que todos que estavam no restaurante nos observavam. Odiava multidões, e mesmo sabendo lá no fundo que ninguém estava nos olhando sempre tinha a impressão de que estavam. Esse era um sério problema que tinha desde criança, pois meus pais, que Deus os tenha, me prendiam em casa e me privavam das populares brincadeiras de bolinhas-de-gude, cabra-cega, futebol e luta.

O doutor parecia pensativo, com os cotovelos sobre a mesa e os dedos entrelaçados, olhando fixamente para os guardanapos da mesa, como se lesse algo muito importante.

“O que o senhor deseja de mim?”, disse finalmente. Repeti tudo que tinha dito pelo telefone, só que com muito mais detalhes. Com o semblante de desabafo, ele tirou um papel do bolso, desdobrou e leu calmamente. Quando terminou, esticou a mão com o manuscrito em minha direção. Comecei a ler em voz baixa o manuscrito que guardo até hoje.

CXIX - ABEL E CAIM

I

*Raça de Abel, só bebe e come,
Deus te sorri tão complacente.*

*Raça de Caim, sempre some
No lodo miseravelmente.*

*Raça de Abel, teu sacrifício
Doce é ao nariz do Serafim!*

*Raça de Caim, teu suplício
Será que jamais terá fim?*

*Raça de Abel, tuas sementes
E teu gado produzirão;*

*Raça de Caim, sempre sentes
Uivar-te a fome como um cão.*

*Raça de Abel, não tremas nunca
À lareira patriarcal;*

*Raça de Caim, na espelunca,
Treme de frio, atroz chacal!*

*Raça de Abel, pulula! Ama!
Teu oiro é sempre gerador.*

*Raça de Caim, alma em flama,
Cuidado com o teu amor.*

*Raça de Abel multiplicada
Como a legião dos percevejos!*

*Raça de Caim, pela estrada
Arrasta a família aos arquejos.*

II

*Raça de Abel apodrecida
Há de adubar o solo ardente!*

*Raça de Caim, tua lida
Nunca te será suficiente;*

*Raça de Abel, eis teu labéu:
Do ferro o chuço é vencedor!*

*Raça de Caim, sobe ao céu
E arremessa à terra o Senhor!*

Charles Baudelaire (1821-1867), *As Flores do Mal*

É claro que fiquei confuso ao ler o manuscrito. Ao terminar, fixei os olhos no doutor.

“Isso que você acabou de ler tem tudo a ver com o seu caso, porque o bíblico Caim é ninguém menos que o citado ‘Seol’ do antigo testamento”. Ironizei e me diverti com o que o doutor dissera, afinal, devido a sua avançada idade, imaginei que as faculdades mentais estivessem falhando. Não preciso dizer que o doutor Murial se irritou dizendo que não me ajudaria mais no caso, mas que aquele

manuscrito deveria ficar comigo, acreditando ou não que o bíblico Caim era o Seol do antigo testamento e que estava envolvido no meu caso.

Enquanto tentava acalmá-lo, o garçom trouxe os dois pratos de *yakisoba* e duas cervejas. O doutor empurrou o prato de uma maneira que as crianças fazem quando não querem comer, largou os óculos sobre a mesa, e então seus olhos em fúria penetraram os meus. Seu semblante se modificou drasticamente, e um sorriso maléfico estampou o seu rosto. Em um salto quase olímpico, eu me levantei, deixando o prato se espatifar no chão. Estupidamente, empurrei a cadeira de tal maneira que, ao cair, causou um vergonhoso eco no salão. Naquele momento tive a certeza de que todos estavam nos olhando. Aquele olhar diabólico e o sorriso maléfico me perseguem até hoje em pesadelos e devaneios; anáforas de um homem enlouquecido pelo destino que Deus ou outro poderoso ser imortal me reservou.

Senti um terrível calafrio e minhas mãos ficaram trêmulas. Quando olhei de novo para o doutor, seu semblante já não era o mesmo. Com os óculos emoldurando os olhos, ele voltara ao normal e parecia estar mais assustado do que eu. O garçom limpou a bagunça, perguntou se estávamos bem e se eu gostaria de um novo prato. Claro que depois daquele episódio não quis comer mais nada. Tinha perdido completamente o apetite. Já mais aliviado, sentei-me novamente e perguntei para o doutor o que tinha sido aquilo. Ele apenas me contemplou com tristeza e disse que o fim estava próximo. Levantou-se e se despediu. Cabisbaixo e sem olhar para trás, foi embora.

Dois dias depois do jantar, descobri o que ele realmente queria dizer.

CAPÍTULO 5

Novos manuscritos descobertos e um segundo suicídio

– Vou morrer, disse-me ele, tenho de morrer desta deplorável loucura. Aqui, e só aqui, está o meu fim. Tenho medo dos acontecimentos futuros, não por eles mesmos, mas por seus efeitos. Estremeço com a ideia de qualquer incidente, mesmo do mais trivial, que possa influir nesta intolerável agitação de espírito. Na verdade, não tenho aversão ao perigo, exceto no seu efeito absoluto – no terror.

Edgar Allan Poe, *A Queda da Casa de Usher*

DIÁRIO: 06 de janeiro de 1979

Apesar da terrível dor de cabeça por não ter conseguido dormir, poderia rotular esta manhã como tranquila. Hoje, exatamente às 8h00, meus vizinhos Maverick e Suzetti vieram me acordar. Suzetti, exageradamente maquiada como sempre, trouxe um delicioso café da manhã, com pães de queijo, frutas, café e suco de laranja. Maverick trouxe apenas um radinho de pilhas. Posicionou-o sobre a mesa da cozinha e sintonizou numa rádio de *Hard Rock*, pegando o comecinho de *Suicide*, do Thin Lizzy. Ao ouvi-la, viajei nos pensamentos, dentre os quais posso destacar um ocorrido em dezembro de 77.

17 de dezembro de 1977. Resolvi andar um pouco pela Avenida Liberdade para espair e, como não assistia TV havia vários dias, decidi parar em uma pequena loja oriental especializada em eletrônicos. Na vitrine, várias TVs sintonizavam o mesmo canal de notícias. Sem conseguir acompanhar o noticiário do lado de fora da loja, entrei para poder ouvir quais eram as novidades. Como sempre, peguei minha caderneta e anotei os acontecimentos mais interessantes da retrospectiva do ano de 1977:

- Ocorre o maior acidente aéreo da história, com 583 pessoas mortas, nas Ilhas Canárias, em Tenerife, envolvendo os aviões das companhias aéreas Pan Am e KLM.
- O pequeno país do nordeste da África chamado Djibouti adquire a independência.

- O piloto Niki Lauda se torna bicampeão mundial da Fórmula 1 e um desconhecido garoto de dezessete anos chamado Ayrton Senna vence o campeonato sul-americano de Kart.
- Criado o estado de Mato Grosso do Sul, desmembrado da parte meridional do estado do Mato Grosso.
- O mundo perde a grande escritora Clarice Lispector e o grande músico, compositor e ator Elvis Presley.
- É inaugurado no Rio de Janeiro o Riocentro, maior centro de exposições e feiras da América Latina.
- Lançado o moderno microcomputador *Apple II*
- O diretor de cinema norte-americano George Lucas lança o longa-metragem de ficção científica *Star Wars – A New Hope*.
- Jimmy Carter torna-se o 39º presidente dos EUA.

Entre os falecidos anunciados em 77 estavam Francisco Matarazzo Sobrinho, Carlos Lacerda, Roberto Rossellini, José Carlos Pace, Elvis Presley, Clarice Lispector e... Dr. Murial Sante. O jornalista anunciou que o doutor provavelmente tinha se suicidado no escritório do seu apartamento no Itaim, naquela madrugada do dia 17 de dezembro, mas que a polícia ainda estava fazendo investigações.

Sai cambaleando da loja de eletrônicos e tive que me apoiar em um poste para não desabar. Na noite anterior, no restaurante oriental, não tive tempo nem oportunidade de perguntar onde ele morava. A única pista que tinha era o bairro anunciado na TV, Itaim. Como era detetive, pensei em ligar para a delegacia do Itaim e perguntar o endereço do doutor, mas não queria envolvê-los em meu caso.

DIÁRIO: 07 de janeiro de 1979

Mais uma noite sem dormir e parece que meus vizinhos se encontram na mesma condição: ouço Suzetti tagarelando e dando gargalhadas no corredor e tento não imaginar do que ela sobrevive. No apartamento do lado direito, ouço Maverick arranhando o seu violão, e até que ele toca bem. Em cima do meu apartamento, ouço fortes pisadas e discussão de um casal como em praticamente todas as noites. Depois de umas duas horas de brigas, gemidos de prazer atrapalham minha concentração. E assim vou escrevendo neste diário.

Voltando ao caso do suicídio do Dr. Murial Sante. Quando ouvi a notícia na TV, pensei em inúmeras maneiras de obter seu endereço, até que me lembrei do professor Benedito Campos Sales que o Ruivo me apresentara em Hortolândia. Não perdi tempo, peguei minhas fichas, liguei para meu grande amigo e disse tudo o que acontecera em minha chegada a São Paulo. De princípio, Ruivo hesitou em passar o recado, começou a achar que o caso estava ficando perigoso demais, então comecei a usar meus métodos de chantagem e ameacei desligar o telefone e me virar

sozinho. Não preciso dizer que o Ruivo me forneceu o endereço do doutor no dia seguinte.

18 de dezembro de 1977. O doutor Murial morava no apartamento 52 de um prédio de classe-média no bairro do Itaim, na Rua Iguatemi, próximo à Avenida Faria Lima. Olhando para o alto, percebi que o prédio tinha 12 andares. Nas proximidades havia uma viatura de polícia. Aproveitando minha experiência no assunto, comprei um jornal em uma banca, sentei-me calmamente em um banco de onde tinha uma ampla visão do local, inclusive dos policiais, e esperei até saírem da viatura e entrarem em uma padaria do outro lado da esquina. Fui rápido e entrei no prédio antes que me notassem. Cumprimentei o porteiro como se nos conhecêssemos há vários anos. Subi os cinco lances de escada e cheguei praticamente morto no 5º andar - não me exercitava muito. Havia uma faixa isolando a área em frente à porta nº 52, que estava aberta. Até aquele presente momento tudo estava correndo com muita tranquilidade, e cheguei a estranhar, pois nada na minha vida era tão fácil. Nada.

Encostei a porta usando a borda da camisa para não deixar minhas digitais na maçaneta e procurei os aposentos do doutor. Entre a sala e o quarto havia um pequeno escritório. Na parede, vários diplomas. O que me chamou a atenção foi uma pasta em cima da mesa, assim como o retrato do velho doutor. Aquilo me incomodou muito, pois seus olhos na foto pareciam me vigiar.

Baixei o retrato e comecei a verificar a pasta. Eram fichas de pessoas com datas, nomes, local de nascimento e um breve resumo de cada um. Na gaveta principal da escrivaninha encontrei alguns papéis que coloquei na pasta onde estavam as fichas. Quando me levantei para sair do escritório, ouvi vozes vindo do corredor, perto da porta de entrada. Verifiquei cautelosamente para saber de quem eram e vi dois homens esbeltos e engravatados e uma senhora muito chique; provavelmente policiais federais. Lembro-me até hoje, nos mínimos detalhes, das intensas batidas do meu coração e do sufoco que passei.

Naquele momento tinha duas opções: sair pela única porta do escritório e dar de frente com os três policiais ou abrir a janela e me jogar do 5º andar. Acho que nem preciso dizer que preferia sair pela janela, mas me faltou coragem. Minhas pernas ficaram trêmulas ao visualizar a rua lá embaixo – a janela dava para um beco onde os moradores jogavam lixos e entulhos. Enquanto me decidia se pulava ou encarava os policiais, as vozes ficavam cada vez mais próximas do escritório. Eles caminhavam lentamente, mas meu coração acelerava cada vez mais. Quando vi que não tinha mais escapatória e que a qualquer instante chegariam ao pequeno recinto, coloquei a pasta com os documentos dentro da calça, apertei bem meu cinto e subi no parapeito da janela. Pensei em fechar os olhos, mas preferi deixá-los bem abertos, pois se fosse morrer morreria com dignidade. Como um lunático-suicida

pulei, e pela primeira vez senti a verdadeira liberdade. Senti o vento me abraçando com tanta força que me faltou o ar nos pulmões. Eu me vi criança, menino e adolescente. E me vi homem, desgraçado, livre. Surgiu um turbilhão de imagens que se faziam vivas naqueles dramáticos segundos de queda livre. Tentei afastar os pensamentos, mas eles me acompanharam até o fim.

DIÁRIO: 08 de janeiro de 1979

Com certeza você já sentiu alguma dor no decorrer da sua vida, mas a que provei naquele dia, por incrível que pareça, não chegou nem perto da que senti com as cólicas renais. A noite invadira a cidade e os ratos me faziam companhia no beco escuro e malcheiroso. Meu corpo estava dormente, mas mesmo assim sentia uma leve fígada na coxa direita. Passei uma das mãos no local e percebi algo pegajoso. Havia um objeto pontiagudo atravessado de ponta a ponta da minha coxa, parecia uma seta, um pedaço de sucata. Enfiei as mãos dentro da calça e me certifiquei de que os documentos que tinha roubado do apartamento do doutor estavam intactos. Arrastei-me, apoiei-me em uma lata de lixo e refleti sobre todo o caso, desde o primeiro dia em que o aceitei. Senti tanta raiva por ainda não ter conseguido desvendá-lo que puxei a seta que atravessava a minha coxa com toda a força que tinha. Não senti dor, senti ódio. Levantei-me cambaleando. O sangue escorria pela perna, e aquele calor me fazia sentir vivo para prosseguir com as investigações.

Para minha infelicidade, estava a uns oito ou dez quilômetros do meu quarto de hotel. Tinha apenas algumas moedas no bolso, mas naquelas condições, seria necessário um táxi. Andei até a Rua Itaim. Tentei me afastar do prédio o máximo que pude, até notar um ponto de táxi logo adiante. Caminhei bem devagar para não notarem que eu estava mancando. Ao chegar no ponto, devido às árvores frondosas da calçada, a luminosidade não realçou meu estado deplorável. Entrei no carro com certa facilidade e, sem hesitar um segundo sequer, pedi ao motorista que me levasse até a Praça da Sé, e assim que chegássemos, na primeira oportunidade, abriria a porta do táxi e sairia correndo. Você deve estar se perguntando: “Por que ele não decidiu ir até o hotel e pediu para o motorista aguardar na porta enquanto fosse pegar o dinheiro para pagá-lo?” Pois eu digo: além das moedas no bolso estava sem um puto no apartamento. Tinha que ir até o banco para sacar dinheiro, mas às 22h00 já estava fechado.

Tudo corria bem. Apesar do estado em que me encontrava, eu mantinha documentos importantes que provavelmente me ajudariam no caso de Jacinto Rodrigues e, quem sabe, a descobrir o motivo do suicídio do Dr. Murial Sante. O motorista mostrava certa agilidade no volante e logo chegamos à Praça da Sé. Pedi que me deixasse próximo da igreja. Tenso e intimidado pela situação, abri a porta do carro e me joguei na rua, rolando até a calçada, o que ocasionou uma intensa dor

em minhas costas. Levantei-me com certa dificuldade, e ao tentar correr não consegui, minhas pernas travaram, ficaram duras como as de uma estátua. O motorista notou a minha situação, desceu do carro com o semblante de um lunático e deu um soco tão forte em minha boca que perdi três dentes, mais uma dor para minha coleção. Se fosse somente o soco estaria bom, mas ele me chutou e esmurrou sem parar por uns três minutos. Não senti mais as pernas nem os braços, parecia que eu estava anestesiado. Minha maior preocupação eram os documentos, mas, na sessão de pancadaria, deixei a pasta cair, despertando a atenção do taxista. Não consegui visualizar muito bem o que ele fazia, pois um dos olhos estava inchado.

O sangue que escorria pela testa cobria meus olhos. Eu sentia uma forte ardência e via a cena em pequenos relances. Notei que o meu agressor abriu a pasta e começou a vasculhar todos os papéis em busca de dinheiro, mas como não encontrou, começou a jogar tudo ao vento. Ver todos os papéis se espalhando pela rua foi pior do que todas as dores daquele dia dispensável. Ao terminar de jogar os papéis, o motorista começou uma nova sessão de pancadaria, mas desta vez com menos frequência entre um golpe e outro, pois o intenso ritmo da primeira parecia ter cansado o homem. Entre um relance e outro, algo chamou minha atenção: um grupo de jovens se aproximando. Pela sua aparência – longos cabelos, tatuagens, roupas negras e coturnos – deduzi que eram roqueiros ou algo do tipo. Então apaguei.

DIÁRIO: 09 de janeiro de 1979

Lembro que abri os olhos com dificuldade e, em vez do meu agressor, vi um jovem aparentando uns vinte e dois anos, de cabelos negros longos e lisos, trajando jaqueta preta de couro e calça jeans. Apesar do aspecto de *bad boy*, algo em seu olhar me dizia que ele era uma boa pessoa. Outros vieram e ficaram ao meu redor. Tinham o mesmo aspecto do primeiro: cabelos longos, calça jeans e jaqueta preta de couro. Notei que traziam nas costas das jaquetas uma insígnia composta por um retângulo branco com duas asas negras bordadas em seu centro, com os dizeres Black Angels, ou seja, Anjos Negros. Eu estava em uma sala, deitado em um sofá de três lugares. O local era iluminado por uma lâmpada fraca. As paredes apresentavam manchas, talvez pela umidade. O chão de taco estava imundo, parecendo que não era limpo há anos. Mas, apesar do péssimo ambiente, os rapazes eram prestativos, fizeram curativos em meus ferimentos e trocaram minhas roupas.

Resolvi perguntar os seus nomes. Sem hesitar, um a um foram se apresentando: Sitael, Achaiah, Yesalel, Hacamiah, Reyel, Omael e Mebahiah. Perguntei se eram irmãos, já que eram muito parecidos e se vestiam de modo semelhante, além da maioria dos nomes terminarem com a letra “l”. Eles simplesmente caíram na gargalhada até notarem meu semblante de seriedade. Yesalel parecia ser o líder.

Disse que sim, de certa forma eram irmãos. Não entendi muito bem, mas logo em seguida imaginei que fossem integrantes de alguma espécie de gangue ou banda de rock. Sei lá. Yesalel contou que o seu grupo enfrentou o meu agressor que, percebendo a desvantagem, foi embora no táxi. Eles conseguiram recuperar alguns dos documentos do meu caso, mas outros foram perdidos, pois a garoa havia umedecido o asfalto que despedaçou parte dos papéis. Mas o pouco que recolheram foi um grande tesouro, pois já os considerava perdidos.

Como tinha dormido direto por dois dias, sentia uma forte dor de cabeça, além de muita fome e sede. Mebahiah trouxe água, uma banana, uma maçã e uma pera. Senti um grande alívio ao comer as frutas e beber água, pareciam um manjar dos deuses. Ainda fiquei por mais dois dias no local. Durante esse tempo não descobri como os sete jovens ganhavam a vida, só sei que sabiam como vivê-la. Eles conversavam muito, riam, ouviam música até tarde da noite e se alimentavam muito bem. Alguns eram vegetarianos, mas todos, sem exceção, abusavam da bebida.

Logo pela manhã, depois de ficar dois dias com os Black Angels, peguei meu único pertence: os documentos que roubei, ou melhor, peguei emprestado do escritório do Dr. Murial Sante; que Deus o tenha em um bom lugar, pois dizem que a alma dos suicidas vai para um lugar não muito agradável. Gentil como sempre, Yesalel me deu uma carona em sua antiga e rara *Harley-Davidson* até o hotel onde eu estava hospedado na Liberdade. Desci da moto, apertei a mão do meu herói e nos despedimos. Ele disse que ainda nos veríamos por aí.

DIÁRIO: 10 de janeiro de 1979

21 de dezembro de 1977. Meio sem graça, mancando e ainda sentindo fortes dores no corpo, entrei no hotel. O gerente me olhou assustado, como se acabasse de ver um fantasma. Com um jeito meio delicado perguntou: “Minha Nossa Senhora Santíssima, o que aconteceu contigo, homem de Deus?” Naquele momento não tive muitas ideias; respondi que tinha sido atropelado e segui andando. O gerente correu na minha frente e disse que pelas normas do hotel não aceitavam hóspedes desordeiros que se envolviam em arruaças. Olhei fixamente em seus olhos e respondi: “Essa espelunca não aceita arruaceiros? Você acha que sou um arruaceiro?” Tirei meu distintivo da carteira e o esfreguei em seu rosto. Naquele dia eu não estava com muita paciência. Guardei o distintivo e segui minha peregrinação, subindo vários lances de escada. Como o gerente tinha coragem de dizer que não aceitava arruaceiros naquela espelunca que nem elevador possuía?

Como sempre, cheguei morto de cansaço em meu apartamento. Coloquei a pasta com os documentos em cima da mesa e fui direto ao banheiro. Encostei-me na parede e me olhei no espelho por alguns minutos. Visualizei uma drástica mudança

em minha aparência e dei crédito ao gerente do hotel, já que estava realmente semelhante a um arruaceiro.

No dia 23 de dezembro de 1977, como disse anteriormente neste diário, recebi a visita do chefe de polícia e de mais dois soldados. Fui exonerado, e com o dinheiro que recebi da rescisão resolvi mudar de hotel, pois pelas minhas contas aquela miséria não duraria muito tempo.

Com o estado deplorável no qual me encontrava, não conseguiria emprego em lugar algum, além de que não sabia fazer nada além do que fazia: investigações criminais. No início de janeiro de 1978 acabei indo parar em um prédio invadido próximo da Praça Ramos onde estou até hoje. Foi aqui que iniciei o diário e aqui que descobri realmente o que ocasionou o suicídio de Jacinto Rodrigues e do Dr. Murial Sante.

Logo nos primeiros dias senti um grande desconforto. Não tinha luz, água nem móveis no apartamento. Tive que comprá-los aos poucos em lojas de usados e a luz eu adaptava com velas, mas a água era o maior dos problemas, pois tinha que descer vários lances de escadas para ir buscá-la com um balde em um bar e, em troca, dava uns trocados para o dono do estabelecimento.

Dia 22 de janeiro de 1977. Recordo com exatidão a data que comecei a ler e pesquisar a papelada que retirei do apartamento do doutor. Claro, as que sobraram do incidente com o taxista.

Por incrível que pareça, a primeira anotação do Dr. Murial que retirei da pasta falava sobre todos os trechos da bíblia – 63 trechos – onde consta a palavra *Sheol*, ora traduzida como inferno, ora como sepulcro, enterrado, sepultura, mundo invisível, habitação dos mortos, abismo, morte ou mesmo Seol, que é uma transliteração da palavra hebraica She'óhl.

Reproduzo a lista abaixo com todas as devidas ocorrências:

Gênesis 37:35; 42:38; 44:29, 31

Números 16:30, 33

Deuteronômio 32:22

1 Samuel 2:6

2 Samuel 22:6

1 Reis 2:6, 9

Jó 7:9; 11:8; 14:13; 17:13, 16; 21:13; 24:19; 26:6

Salmos 6:5; 9:17; 16:10; 18:5; 30:3; 31:17; 49:14, 15; 55:15; 86:13; 88:3; 89:48; 116:3; 139:8; 141:7

Provérbios 1:12; 5:5; 7:27; 9:18; 15:11, 24; 23:14; 27:20; 30:16

Eclesiastes 9:10

Cântico dos Cânticos 8:6

Isaías 5:14; 14:9, 11, 15; 28:15, 18; 38:10, 18; 57:9

Ezequiel 31:15, 16, 17; 32:21, 27

Oséias 13:14

Amós 9:2

Jonas 2:2

Habacuque 2:5

As folhas seguintes me chamaram ainda mais a atenção, com uma tal de Lilith como personagem principal dessa história real e fantasmagórica. Fico sempre atordoado e confuso ao me lembrar desse fato. Parece que tudo o que fazemos ou vivemos é irreal e que a ficção tornou-se realidade. Minha mente anda confusa desde que li as fichas e pesquisas que sobraram do Dr. Murial, afinal nada daquilo poderia ser uma mentira. Dr. Murial Sante era um artista no que fazia, um grande historiador da humanidade.

Sinto-me cansado, afadigado por completo. Agora são exatamente 01h37 da manhã. Irei me deitar e descansar um pouco, pois sempre que me recordo da leitura sinto terríveis arrepios, como se alguém estivesse atrás de mim, observando-me em todos os momentos, mas sempre que olho para trás não existe nada além da minha própria sombra projetada pela única vela acesa.

CAPÍTULO 6

O desejo de Lilith e o demônio Qayin

Chegado ao fim da minha vida de pecador, enquanto velho encanecido como o mundo, à espera de me perder no abismo sem fundo da divindade silenciosa e deserta, participando da luz incomunicável das inteligências angélicas, retido agora pelo meu corpo pesado e doente nesta cela do querido mosteiro de Melk (...) repetindo verbatim quanto vi e ouvi, sem ousar tirar daí nenhum desígnio, como para deixar àqueles que hão de vir (se o Anticristo não os preceder) sinais de sinais para que sobre eles se exercite a prece da decifração.

Umberto Eco, *O Nome da Rosa*

DIÁRIO: 14 de janeiro de 1979

22 de janeiro de 1977 – 00h01. *Tristes preparativos, pálidas velas, dias mais horríveis que as trevas* ¹. Aquele era o início de mais um pesadelo. Um leigo, diante das anotações do Dr. Murial Sante, iria descrevê-lo como um lunático mas, como já estava no caso e tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente, sabia que era o suficiente e lhe dei crédito nas pesquisas, apesar do olhar sobrenatural que lançou sobre mim naquela noite no restaurante.

Além das fichas, todos os manuscritos do Dr. Murial Sante que estão em minha posse são numerados, mas a folha que reproduzirei abaixo não tinha numeração, pois o doutor usou só metade do papel. Na realidade ela estava um pouco danificada, mas felizmente pude compreender com exatidão as palavras e as reproduzo abaixo:

Isaías 34:14

E as feras do deserto se encontrarão com hienas; e o sátiro clamará ao seu companheiro; e Lilite pousará ali, e achará lugar de repouso para si.

Em outra bíblia e numa outra tradução, o mesmo trecho apresenta algumas diferenças e, o nome “Lilite” é trocado por “Fantasmas”:

As feras do deserto se encontrarão com as hienas, e os sátiros clamarão uns para os outros; fantasmas ali pousarão e acharão para si lugar de repouso.

Ainda em outra tradução da Bíblia, poderemos encontrar o nome Lilith trocado por “Demônio Caprino”

Você que está lendo esse diário – se é que alguém o encontrou – não sabe o trabalho que tive para escrever as linhas acima sobre a única passagem de Lilith na Bíblia. Minha vela se apagou. Reacendi e comecei a escrever, mas novamente se apagou, e isso se repetiu por mais duas vezes. Como as janelas e a porta da frente estavam fechadas, não podiam ser a causa das fortes correntes de ar. Então, concluí que poderia ser algo sobrenatural ou a mera loucura de um ex-detetive de polícia.

O mais estranho foi que em outra folha que o doutor escreveu Lilith parecia ter sido excluída propositalmente dos textos Bíblicos. Em *Isaías 34:14*, ocorreu um esquecimento dos tradutores, comprovando a sua real existência. No que pude notar, os tradutores mais recentes da Bíblia pareciam temer o nome Lilith e o trocavam por outros nomes. Mas o que achei ainda mais estranho é que ele é um simples nome feminino. Então pensei: “Por que trocaram o nome Lilith por ‘Fantasmas’ ou ‘Demônio Caprino’?”

O segundo tradutor português da Bíblia foi João Ferreira de Almeida, que posteriormente a publicou. Mas a primeira tradução da Bíblia para a língua portuguesa foi elaborada no final do século XIII, por Dom Dinis. Você deve estar se perguntando: por que queriam excluir a tal Lilith dos textos bíblicos? Calma. Sei que você deve estar apreensivo para saber sobre os relatos do Dr. Murial. Para seu alívio, pretendo relatar neste diário tudo o que li e presenciei durante todo este tempo, mas prefiro fazê-lo amanhã cedo, quando o dia clarear o meu sombrio apartamento. Isso se os meus vizinhos Maverick e Suzetti deixarem.

DIÁRIO: 15 de janeiro de 1979

Exatamente às 08h10 da manhã, Maverick veio me fazer companhia e arranhar um pouco o seu violão com algumas canções do The Doors e Thin Lizzy. Tomamos um café preto e papeamos algumas besteiras e quando chegamos ao ápice da conversa comecei a falar do meu caso, pois precisava desabafar com alguém. Como meu melhor amigo, o Ruivo, estava longe, tinha que encontrar alguém para despejar tudo o que estava acontecendo. Mesmo me ouvindo, Maverick continuava com suas canções, me irritando deveras. Com certa indelicadeza, pedi para que parasse por alguns instantes e resumidamente contei todo o caso. O jovem não se abalou, muito pelo contrário, seu semblante apresentava seriedade, algo muito estranho para uma pessoa que em 99% do tempo está sorrindo ou cantando. Quando terminei meu relato, Maverick colocou vagarosamente o violão sobre a mesa e disse: “Tome cuidado com o que você não conhece. O sobrenatural não é um conto de fadas, ele existe.” Depois disso pegou seu violão, levantou-se e foi embora sem dizer mais nada.

Continuando as pesquisas do Dr. Murial Sante:

O doutor relatou em uma de suas pesquisas que a Bíblia foi escrita por cerca de 40 homens, e todos eles sabiam do *Desejo de Lilith*. Mas para lhe dizer qual é o seu real desejo começarei do início, tal como o Dr. Murial Sante fez.

Todos os 40 homens que escreveram a Bíblia possuíam o conhecimento do demônio milenar chamado “Qayin”, esse nome é uma simples transliteração de Caim, o primeiro homem nascido do ventre de uma mulher. O que foi retirado dos textos bíblicos foi a passagem de Lilith, mãe de Caim. Lilith foi a primeira mulher de Adão, e não Eva, como todos imaginam. Esse casal viveu feliz no paraíso como marido e mulher, até que Lilith se cansou de ser submissa ao seu homem e disse: “Por que devo abrir-me sob teu corpo? Por que ser dominada por ti? Contudo, eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual.” Por essas lamentações e infelicidades, durante muitas noites Lilith esperava Adão adormecer e, como uma felina, caminhava nas trevas sem ser notada até chegar a uma escura caverna onde habitava o primeiro *anjo caído* ² que se rebelou contra Deus, o querubim da guarda pessoal do Todo Poderoso, Samael, e dele engravidou. Percebendo as mudanças em seu corpo não imaginou que teria um filho, já que nunca tinha presenciado nada igual. Após nove meses de gestação deu à luz o primeiro homem nascido de uma mulher, Qayin. Adão, sem entender o que acontecia, acolheu a criança e passou a amar ainda mais a sua esposa Lilith que, com o tempo, voltou a se rebelar, não aceitando de nenhuma maneira ser submissa ao seu igual. E à noite ela ia se encontrar com o pai do seu filho, Samael ou Satanás, como é conhecido pelos mortais.

Certa noite, Adão despertou e não encontrou a esposa. Em completo desespero, passou a procurá-la por todos os jardins do paraíso, até que ouviu gemidos semelhantes ao som de uma coruja, vindos de dentro de uma caverna escura. Curioso, Adão aproximou-se do local e o que presenciou foi a sua perdição: sua amada em carícias obscenas com Satanás. Em estado extremo de tristeza e decepção, Adão chorou e estranhou as lágrimas, pois foram as primeiras a escorrer em sua face. Ao caírem no solo, um grande estrondo estremeceu todo o paraíso, fazendo com que a noite virasse dia. Então Adão vislumbrou os três anjos Sanvi, Sansavi e Samangelaf, que desceram do céu em um feixe de luz e, ao chegarem ao solo, selaram a entrada da caverna onde se encontravam Lilith e Satanás.

Um dos anjos proclamou: “Que de hoje em diante, em nome de Deus, Lilith permaneça nas trevas por toda a eternidade com o traidor querubim chamado Samael. E que as trevas sejam seu sepulcro, e que os anjos caídos sejam seus eternos companheiros. Nestas terras não mais pisarás, e assim será para todo o sempre.” Os três anjos se voltaram para Adão e enxugaram-lhe as lágrimas. Como o som do farfalhar das folhas das árvores, um deles disse: “Vá descansar e esqueça

essa mulher. Amanhã será um novo dia e uma nova vida lhe espera.” E assim, Adão caminhou até o pequeno Qayin e ao seu lado adormeceu até a claridade invadir toda a planície. Ao abrir os olhos, uma nova mulher estava ao seu lado, e esta ele chamou de Eva, a qual depois de um ano deu à luz seu filho verdadeiro, chamado Abel. Durante trinta anos, Qayin jamais imaginara ser filho de outro pai e outra mulher, apesar de ser diferente do seu irmão, tanto na cor como na fisionomia. Qayin apresentava uma estrutura hercúlea, era bruto e não tinha paciência, ao contrário de Abel que era franzino, paciente e bondoso. Desde criança, Qayin apresentava sinais de perversidade e seu olhar era diferente do de todos os outros.

Já na fase adulta, depois de um longo dia de trabalho, Abel trouxe uma ovelha para seu pai e sua mãe e Qayin, os “frutos da terra”. Mas tanto Adão quanto Eva deram muito mais atenção ao presente de Abel. Naquela noite Qayin não se alimentou, as trevas lhe tomaram por completo. As horas que se seguiram foram destinadas ao planejamento do assassinato do próprio irmão.

Ao amanhecer, antes do trabalho diário, Qayin convidou o irmão para um passeio alegando querer lhe mostrar uma grande novidade. Os dois irmãos caminharam por algum tempo até se afastarem completamente dos pais. Chegando próximos de um penhasco, o perverso Qayin disse ao irmão: “Olhe lá embaixo e verás tua casa, querido irmão”. Abel, sem entender o que acontecia, fez o que o irmão pediu e, com a velocidade de um chacal, Qayin empurrou o irmão para a morte. No final da tarde, chegando até seus pais e outros irmãos, disse que uma terrível fera tinha devorado o irmão mais novo. Sua felicidade foi tamanha que naqueles dias desposou a irmã mais nova, e com ela se mudou para a terra de Nod (terra da fuga). Com sua esposa-irmã, Qayin teve o filho Enoque, e em sua homenagem construiu uma cidade que levou o seu nome. Na cidade de Enoque, proliferou uma grande família nômade que praticava desvairadamente o incesto e a poligamia. Entre esta grande família encontrava-se o pai de Noé, Lameque, filho de Metusael, que foi filho de Meujael, que foi filho de Irade, que foi filho de Enoque, que foi filho de Qayin³. Nesta época Qayin tinha 130 anos e seus atos de crueldade excediam os de sua juventude. Seu descendente Lameque jamais se acostumava com tais atos, e cada dia de convivência naquela maldita cidade era uma verdadeira tortura. Não conhecendo outras regras, Lameque também praticava a poligamia e o incesto e desposou duas primas, Ada e Zilá.

Um dia Lameque cruzou com Qayin e um dos seus descendentes. Como sempre, ouviu ofensas do primeiro assassino da história. *Este é o momento*, pensou Lameque, e com toda a sua fúria investiu contra Qayin, golpeando-o nas partes mais sensíveis do corpo. Apesar dos seus 130 anos, Qayin apresentava um corpo definido e resistente. A luta não foi nada fácil, pois o perverso filho de Lilith revidou, e o

jovem que o acompanhava se intrometeu na luta corporal, mas a fúria de Lameque excedeu a dos seus parentes e naquele dia surgiu o segundo assassino da história.

Gênesis 4:23-24

E disse Lameque às suas esposas: Ada e Zilá, ouvi-me; escutai o que passo a dizer-vos: Matei um homem porque ele me feriu; e um rapaz porque me pisou. Sete vezes se tomará vingança de Caim, de Lameque, porém, setenta vezes sete.

Nas trevas, Qayin finalmente encontrou-se com Lilith, que então contou que era sua verdadeira mãe e que foi aprisionada naquele lugar por manter relações sexuais com seu verdadeiro pai, Samael. Lilith disse que esperou muito por aquele momento, mas que finalmente poderia colocar seu plano em prática. Segundo os folclores assírio, babilônico e hebraico, o seu desejo era destruir toda a humanidade e acabar com tudo o que Deus criara na terra: *O desejo de Lilith*. Possuidora de grandes conhecimentos adquiridos de seu cônjuge, Samael, ex-querubim de Deus, Lilith sabia que Qayin seria um demônio ainda mais poderoso que o próprio pai, pois como era filho de um anjo caído e uma simples mulher, liberto de sua estrutura física, poderia vagar tanto nos confins do inferno como na terra, tendo acesso livre para caminhar onde bem quisesse. Desde então, este passou a ser o demônio que anda, o mais poderoso dentre todos de sua espécie.

Um dia no inferno se passou, 100 anos na terra se passaram. Qayin retornou e possuiu com facilidade o corpo de um dos seus descendentes. Na fúria da besta, foi ao encalço do seu assassino, Lameque e o golpeou covardemente pelas costas, acertando-o na cabeça com uma pedra, deixando para trás um corpo sem vida. Desde então, Qayin anda por essas terras, ora possuindo um corpo, ora outro. Sua maldade é tamanha que escolhe principalmente vítimas com poder da persuasão, ou seja, possuidoras de grande facilidade na comunicação e que podem multiplicar seus macabros ensinamentos como grandes líderes, escritores, cientistas, professores, atores, músicos etc. Há mais de dois milênios, Jesus Cristo alertou seus apóstolos sobre o demônio que anda na terra e o desejo macabro de sua mãe de exterminar todos os habitantes. Estes formadores de opinião, possuidores de grande conhecimento, escreveram cartas registrando tais fatos através de metáforas, pois sabiam que se escrevessem explicitamente sobre o poderoso demônio Qayin, o escrito poderia ser apagado no futuro. Então trocaram o nome Qayin pelo hebraico She'óhl que, na tradução de João Ferreira de Almeida, passou para Seol e suas conotações. Como os tradutores da Bíblia não sabiam do demônio que anda, a palavra Seol e as conotações permaneceram nos textos bíblicos até hoje, diferentemente do nome Lilith, que foi retirado (ressalva: Isaías 34:14, que foi um mero esquecimento dos tradutores).

Amós 9:12

Ainda que desçam ao mais profundo abismo, a minha mão os tirará de lá; se subirem ao céu, de lá os farei descer.

Provérbios 7:27

A sua casa é caminho para a sepultura e desce para as câmaras da morte.

Deuteronômio 32:22

Porque um fogo se acendeu no meu furor e arderá até o mais profundo do inferno, consumirá a terra e suas messes.

1 Samuel 2:6

O Senhor é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz subir.

Isaías 5:14

Por isso, a cova aumentou o seu apetite, abriu a sua boca desmesuradamente; para lá desce a glória de Jerusalém, e o seu tumulto, e o seu ruído, e quem nesse meio folgava.

Isaías 14:9

O além, desde o profundo, se turba por ti, para te sair ao encontro na tua chegada; ele, por tua causa, desperta as sombras e todos os príncipes da terra e faz levantar dos seus tronos a todos os reis das nações.

Isaías 14:15

Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo.

Isaías 28:18

A vossa aliança com a morte será anulada, e o vosso acordo com o além não subsistirá; e, quando o dilúvio do açoite passar, sereis esmagados por ele.

Oséias 13:14

Eu os remirei do poder do inferno e os resgatarei da morte; onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua destruição? Meus olhos não veem em mim arrependimento algum.

Em *Cântico dos Cânticos* 8:6 poderemos lembrar do ciúme de Qayin pelo irmão Abel: *o ciúme é cruel como o Seol (o ciúme é cruel como Qayin)*

Cântico dos Cânticos 8:6

Põe-me como selo sobre o teu coração

*como selo sobre o teu braço;
porque o amor é forte como a morte;
o ciúme é cruel como o Seol;
a sua chama é chama de fogo,
verdadeira labareda do Senhor.*

Dr. Murial Sante registrou dezenas de pessoas que, ao longo da história, provavelmente foram possuídas pelo demônio Qayin. Perdi muitos papéis e fichas naquela luta com o taxista, mas as que sobraram foram de imensa valia, um verdadeiro tesouro.

DIÁRIO: 15 de janeiro de 1979

Estou deprimido e cansado – o que não é novidade –, minhas mãos estão trêmulas e, constantemente, gotas de suor escorrem de minha testa, causando ardência em meus olhos. Às vezes sinto medo de perder este diário, toda minha pesquisa ligada ao caso Jacinto Rodrigues e o demônio Qayin, pois depois que iniciei a leitura das pesquisas do Dr. Murial meu estado de saúde piorou demais. Meus dois vizinhos me auxiliam na medida do possível, mas minha solidão já se tornou algo interno, da alma. Minha curiosidade e meu diário são constantes terapias e o que me mantém vivo. Não sei até quando continuarei escrevendo, mas digo-lhe que muito me esforço.

Quando descobri que o caso de suicídio se transformou em algo sobrenatural, perdi as esperanças. Afinal, o que um ex-detetive de polícia doente poderia fazer contra o milenar e versado filho do senhor das trevas que, a pedido de sua mãe, tenta destruir a humanidade em investidas friamente calculadas desde o início dos tempos? Sinto-me só e abandonado por Deus. Na claridade da vela enxergo metaforicamente a pequena luz de esperança que tenta clarear o negrume. Se existe algo que tenta manter o equilíbrio entre o bem e o mal eu não sei, só sei que até agora, pelo menos nos casos que investiguei e neste que assola a minha tempestuosa vida, só testemunhei o lado negro prevalecendo, e talvez isso venha desde o assassinato de Abel pelo seu irmão Qayin.

Fazem quase três horas que estou sentindo fortes dores no abdome, do lado direito, entre o tórax e a bacia. Minha perna direita apresenta uma forte e constante dormência. Temo por uma doença grave. Essa miserável condição, somada ao desalento, faz de mim um velho afadigado. Por hoje me despeço do meu amigo diário, pois preciso refletir e descansar minha mente para iniciar a reprodução das fichas do doutor Murial, a respeito dos prováveis manipulados e possuídos por Qayin, que sobraram.

¹ Denis Diderot (1713-1784), *A Religiosa*.

2 Ezequiel 28:12-19

3 Gênesis 4:18

CAPÍTULO 7

Possuídos e manipulados?

(...) Estava deitado sobre o dorso, tão duro que parecia revestido de metal, e, ao levantar um pouco a cabeça, divisou o arredondado ventre castanho dividido em duros segmentos arqueados, sobre o qual a colcha dificilmente mantinha a posição e estava a ponto de escorregar. Comparadas com o resto do corpo, as inúmeras pernas, que eram miseravelmente finas, agitavam-se desesperadamente diante de seus olhos.

Franz Kafka, *A Metamorfose*

DIÁRIO: 16 de janeiro de 1979

Sinceramente, não sei se um dia este diário será lido ou se escrevo apenas para mim mesmo. Mas se um dia chegar ao fim desse caso ou se minha saúde piorar ao ponto de me levar ao óbito, tomarei uma iniciativa que venho matutando há alguns dias para que descubram esses manuscritos com certa facilidade.

Relatando os fatos cotidianos, hoje quebrei meu único espelho, pois o que vi refletido nele não era eu, mas sim a imagem de um velho com os cabelos desgrenhados e os olhos inchados. As marcas da idade e da lassidão são inevitáveis. Via não os meus pensamentos, mas a máscara disforme de um homem marcado e acabado pelos problemas que o assolavam. Ao quebrar o vidro, feri profundamente a mão esquerda nos estilhaços. Lavei as feridas com um pouco da água que sobrou e a enfaixei com a tira de uma camisa velha. A dor só acrescentou mais sofrimento e ódio, mas na realidade não fez tanta diferença. Não mesmo. Arrastei-me até aqui, na cozinha, pois o estado de minha perna direita é de constante dormência.

É com certa dificuldade que escrevo essas linhas. Chego até a implorar que me perdoe se as ideias não apresentarem coerência pois, além do desconforto da dor, a febre parece ferver meu sangue de tal maneira que gotas de suor formam uma poça de incômodos em meu avelhantado assento. A caneta escorrega constantemente entre meus dedos úmidos. Ouço vozes. Parecem com as do meu amigo Ruivo. Ou talvez sejam do Jacinto Rodrigues. Parecem lamentações de um condenado ao fogo

eterno, mas não pode ser ele. Definitivamente, não podem ser dele estas lamentações. Elas estão dentro da minha cabeça, zombando do meu estado físico lastimável. Minha cabeça parece explodir.

DIÁRIO: 21 de janeiro de 1979

Retornei após algum tempo ausente destes manuscritos, digamos que um pouco melhor, apesar da aparência continuar a mesma. Meus vizinhos Maverick e Suzetti cuidaram de mim nesses quatro dias. Conversaram comigo, me alimentaram e tentaramme aconselhar a seguir com a vida e desistir desse caso que está acabando comigo. Aceitei a comida e o agradável bate-papo, mas não os conselhos, pois se brevemente morrer o farei dignamente, investigando esse macabro caso. Para não perdermos mais tempo, desta vez, como prometi, finalmente revelarei as fichas dos prováveis possuídos e manipulados pelo desgraçado demônio Qayin e sua aprisionada mãe Lilith.

Como disse anteriormente, muitas fichas foram perdidas no episódio com o taxista, mas mesmo assim tentarei seguir uma ordem cronológica, iniciando com a de número 14.

Uma observação: lendo as fichas notei que nem todos se suicidaram como Jacinto Rodrigues e o Dr. Murial Sante. Muitos dos prováveis manipulados e possuídos morreram como anciãos e de morte natural, mas alguns, mesmo que de modo inconsciente, foram grandes influenciadores dos desejos de Lilith. Outros, em sua essência perversa, massacraram milhares de pessoas em atos cruéis e demoníacos. Esses multiplicadores do desejo de Lilith foram registrados na história como reis, grandes líderes, músicos, escritores renomados. Ressalto que nem todo ato de crueldade registrado contra a humanidade possui uma ligação direta com esses seres dos confins do inferno e tudo o que o Dr. Murial Sante fez foi registrar possíveis casos que mantiveram certa ligação com Qayin e Lilith, mas nada pode ser provado em sua totalidade.

No caso dos possuídos pelo demônio que anda na terra que não eram tão conhecidos, foram completamente impossibilitados os registros, mas é sabido que isso ocorre desde a volta de Qayin da morada de seus pais, desde tempos imemoriais. Os relatos das fichas podem ser esclarecedores, já que em alguns casos os atos cruéis chegaram ao ápice da maldade contra a humanidade. Outros não foram possuídos mas manipulados, agindo como simples servos de Qayin, uma espécie de multiplicadores do mal. Para minha explicação ficar mais abrangente, lembre-se de Jesus Cristo como o centro da bondade e do amor no planeta terra, e seus apóstolos como os multiplicadores de seus ensinamentos.

CASO: Vlad Tepes ou Vlad III – O Empalador

SEXO: Masculino

ANO: 1431-1476

NATURALIDADE: Sighișoara, cidade da Romênia situada na Transilvânia.

BREVE RESUMO: Vlad foi um grande Cavaleiro Cristão que lutou contra o expansionismo islâmico na Europa. Seu pai, Vlad II, era um reconhecido Cavaleiro da Ordem do Dragão, designado para impedir a invasão dos turcos otomanos à Europa Oriental. Existem controvérsias, e uma delas é que Vlad Tepes nunca existiu, sendo ele o próprio Vlad II. Historiadores dizem que Vlad II teria sido brutalmente agredido e enterrado vivo, juntamente com o filho mais velho, Mircea, no ano de 1447, pelos burgueses e mercadores de Targoniste. Em 1456, Vlad Tepes retorna a Valáquia e assume o trono de Vlad II (seu pai), mas era tão idêntico ao seu antecessor que centenas de aldeões afirmaram que era o próprio Vlad II que tinha ressuscitado, enganando a própria morte.

Depois desses estranhos acontecimentos, Vlad Tepes adota o nome de Vlad III Dracul, mas passa a ser conhecido pelos inimigos como Vlad III – O Empalador por adotar o costume de empalar seus adversários usando requintes de crueldade enquanto fazia sua refeição diária. Aquele homem não era mais o antigo e heroico Cavaleiro Cristão de anos atrás, algo havia modificado drasticamente seu modo de pensar e agir, e algumas pessoas diziam que o demônio se apossara de seu falecido corpo, pois não conseguiam acreditar que um ser humano adotasse atos tão cruéis, mesmo contra os próprios inimigos. Além de empalar seus adversários, Vlad bebia o sangue de suas vítimas, originando, no ano de 1897, a lenda do Drácula, criado por Bram Stoker.

Empalador? Imortal? Vampiro? Possuído pelo demônio? Antigos manuscritos dizem que sim. E se ele realmente foi possuído, o único ser infernal com poder de fazê-lo seria o demônio milenar “Qayin”.

OBS.: Vlad II era um *voivoda* (Voivoda: governador de uma província ou principal comandante de uma força militar). Além de Vlad III Dracul empalar e beber o sangue de suas vítimas, ele às vezes as mutilava e se regozijava com o sofrimento e a degradação humana, o desejo de Lilith.

FICHA 17

CASO: Erzsébet Báthory

SEXO: Feminino

ANO: 1560-1614

NATURALIDADE: Reino da Hungria (República Eslovaca)

BREVE RESUMO: Historiadores afirmam que Erzsébet Báthory teria laços consanguíneos com a família de Vlad Tepes, além de que os Báthory eram uma poderosa família de nobres húngaros ligados ao poder na Transilvânia.

Com apenas 11 anos, Erzsébet ficou noiva do Conde Ferenc Nadasdy (um guerreiro cruel, conhecido na época), mas devido às constantes e longas campanhas de seu esposo nas batalhas, sentindo-se completamente solitária, a jovem Condessa conhece um camponês e tem um filho com ele às escondidas. Após o ocorrido, Erzsébet começa a gerenciar os negócios do marido no Castelo Sarvar, propriedade com inúmeros serviçais, na sua maioria jovens garotas.

Desde criança, Erzsébet Báthory sofria de fortes dores de cabeça e quando adulta as dores ficaram mais intensas. Nesse mesmo período, a Condessa passou a adotar estranhos métodos de tortura investidos contra os seus serviçais, por exemplo, enfiar agulhas sob suas unhas, mandar as jovens garotas andarem nuas no gelo por várias horas e depois jogar água fria em seus corpos, esquentar moedas no fogo e depois jogar na palma de suas mãos e, o pior, mordê-las fazendo-as sangrar até a última gota, armazenando o sangue em grandes banheiras nas quais se banhava por horas, pois acreditava que o sangue de jovens virgens a fazia rejuvenescer.

No ano de 1610, por motivos políticos, iniciaram-se várias investigações em torno da Condessa, e foi encontrado um diário em que a própria Erzsébet relatava o assassinato de mais de 650 jovens, incluindo os atos de tortura. Comprovados os assassinatos, Erzsébet teve os bens confiscados e foi enclausurada no próprio quarto a pão e água até o ano de 1614, época de sua morte.

OBS.: Erzsébet foi apelidada de Condessa Drácula ou A Condessa Sanguinária. Suas fortes dores de cabeça nunca foram diagnosticadas e desde criança ela já apresentava sinais explícitos de maldade, parecendo em alguns momentos uma simples e bondosa garotinha. Essa dualidade entre o bem e o mal, os terríveis atos de desumanidade seguidos da dor de cabeça intensa e a possível consanguinidade com Vlad Tepes (Vlad III Dracul) significam que Erzsébet tinha grandes chances de ter sido possuída ou influenciada pelo demônio Qayin, já que ele escolhia, na maioria das vezes, pessoas influentes e de famílias nobres – grandes multiplicadores –, consagrando o desejo de Lilith.

FICHA 18

CASO: John Milton

SEXO: Masculino

ANO: 1608-1674

NATURALIDADE: Cheapside, Londres (Inglaterra)

BREVE RESUMO: Criador de um dos mais importantes poemas épicos da história da humanidade, John Milton escreveu o incrível *Paradise Lost* (Paraíso Perdido). Apesar da sua excelente capacidade literária, olhos conservadores contestaram seu enaltecimento do diabo.

Em junho de 1642, Milton casa-se com Mary Powell, que dez anos depois falece em decorrência de complicações de parto. Quatro anos depois do falecimento de sua

primeira esposa, Milton se casa com Katherine Woodcock, que falece dois anos depois do casamento e quatro meses depois de dar à luz a pequena Katherine, que também veio a óbito apenas um mês depois. Em 1663, Milton casa-se novamente, desta vez com Elizabeth Minshull, e permanece com ela até o fim de sua vida.

John Milton faleceu em 1674 com sérios problemas de saúde, incluindo a cegueira. Mas mesmo cego e doente ainda conseguiu ditar a sua obra-prima *Paraíso Perdido* e quatro anos depois lançou sua continuação: *O Paraíso Reconquistado*.

OBS.: Antes de se casar com sua última esposa, Milton foi preso durante a restauração da monarquia, mas foi solto devido aos sérios problemas de saúde e à avançada idade. John sofreu muito com as críticas destrutivas referentes ao enaltecimento das trevas em *Paraíso Perdido*. John pode ter sido influenciado pelo demônio Qayin, já que se mostrou um grande conhecedor das trevas, sem falar na vida conturbada e azarada que o cercava.

Através de minhas pesquisas, pude notar que somente eram possuídos pelo demônio Qayin os que já tinham seu lado maligno elevado. Isso era uma espécie de ímã, uma porta para a entrada do demônio. Já os que não tinham esse lado mau tão elevado eram apenas manipulados, convivendo com a presença do ser mais desprezível a viver sobre a face da terra, tendo a vida completamente azarada, sem chances no amor e sem boa saúde, tornando-se grandes conhecedores e enaltecedores das trevas.

“É melhor reinar no inferno do que servir no céu”. – John Milton.

FICHA 22

CASO: Thomas Chatterton

SEXO: Masculino

ANO: 1752-1770

NATURALIDADE: Bristol (Inglaterra)

BREVE RESUMO: Nascido órfão de pai (seu pai faleceu três meses antes do seu nascimento), Thomas desenvolveu-se diferente das outras crianças de sua idade. Não gostava de brincar, era mal-humorado e passava horas parado em um único local, motivo que o levou a ser considerado retardado pelos mais próximos. Apesar da estranheza, sua mãe foi sua primeira professora, e, aprendendo a ler com 11 anos de idade, o jovem passou a escrever para o *Bristol Journal*.

Thomas era colecionador de antigas moedas romanas e estudava a arte negra de Cornelius Agrippa. Aos 13 anos de idade já escrevia poemas interessantes e desde que aprendeu a ler passou a devorar centenas de livros, principalmente os que carregavam textos medievais.

Não fez muito sucesso usando seu nome verdadeiro, diferente do que aconteceu ao adotar o pseudônimo Thomas Rowley. O menino disse ter encontrado os antigos

manuscritos de um monge do século XV chamado Thomas Rowley. A invenção foi o seu maior sucesso.

Após várias editoras rejeitarem suas obras, resultando em fracasso e dificuldades financeiras, Thomas se suicidou consumindo arsênico aos 17 anos. Sete anos depois de sua morte, seu pseudônimo, “Thomas Rowley”, foi venerado pelos críticos literários.

OBS.: Não vejo Thomas Chatterton como possuído por Qayin, pois segundo relatos, apesar de ser uma criança mal-humorada e de hábitos estranhos, ele tinha um bom coração. Mas existem possibilidades de Qayin ter influenciado o jovem nas artes negras de Cornelius Agrippa e no suicídio. Friso que é raro uma criança com apenas 11 anos escrever regularmente textos excelentes para um jornal, como se fosse um jornalista experiente.

O demônio que anda na terra é ardiloso, deveras inteligente, dotado de sabedoria milenar, incluindo as ciências ocultas.

FICHA 23

CASO: Percy Bysshe Shelley

SEXO: Masculino

ANO: 1792-1822

NATURALIDADE: Sussex (Inglaterra)

BREVE RESUMO: Amigo do grande poeta britânico Lorde Byron, Percy defendia o ateísmo, o que o levou a ser ridicularizado pelos mestres de sua universidade (Oxford) e mais tarde, a ser expulso. O fato ocorreu depois de Percy publicar um panfleto sobre a necessidade do ateísmo (doutrina dos ateus – falta de crença em Deus). Arruinando sua carreira acadêmica, defendeu seus ideais até o fim de sua vida.

Percy foi casado com Harriet Westbrook e amante de Mary Wollstonecraft. Porém, num triste dia, a esposa descobriu a traição e não a aceitou. Impulsivamente, Percy abandonou a esposa gestante e fugiu com a amante Mary para o continente. Dois anos depois do ocorrido, em 1816, ainda não conformada com a traição, Harriet se suicidou. Ao saber da tragédia, Percy não perdeu tempo e se casou com Mary, não apresentando nenhum remorso pela perda. Com o casamento, Mary adota o nome Mary Shelley.

O ateu Percy possuía ideias não convencionais. Uma grande prova deste fato é a admiração pelo autor William Godwin (1756-1836), também possuidor de ideias não convencionais e pai de sua segunda esposa, Mary.

Percy faleceu aos 29 anos por afogamento, em julho de 1822. Sua esposa, Mary Shelley, passou a ser responsável pela publicação de suas obras.

OBS.: Mary Shelley é a autora de Frankenstein ou O Moderno Prometeu. Muitas pessoas não sabem que a sua primeira publicação teve apenas 500 exemplares. A

obra foi publicada em 1º de janeiro de 1818 por uma pequena editora londrina e não trazia o nome do autor. O prefácio foi redigido pelo próprio Percy Bysshe Shelley.

Um ano depois da morte de Percy, em 1823, a 2ª edição de *Frankenstein* foi publicada com o nome de Mary Shelley.

Não seria Percy Bysshe Shelley o verdadeiro pai da criatura? Liguei tais fatos ao pesquisar a vida do poeta Percy, da escritora Mary Shelley e do anarquista filosófico, William Godwin (pai de Mary).

As ligações da obra *Frankenstein* com a vida real de Percy são imensuráveis, pois parece que não houve desprendimento do autor com a obra, que relatou suas ideias pessoais em relação ao ateísmo e a trazer falecidos de volta à vida, além do fato marcante de sua expulsão da universidade de Oxford bater com o tratamento dado pelos professores às ideias sobre alquimia da personagem Victor Frankenstein.

Saliento que não deixam de ser conjecturas minhas. Não seriam Victor Frankenstein e sua criatura alteregos de Percy? Será que ele não se sentira culpado pelo suicídio da primeira esposa. Note que em *Frankenstein*, o monstro sempre está próximo de seu criador, mas o pai da besta nunca conseguia alcançá-la, por mais que se esforçasse. Poderia ser um sentimento profundo de culpa que Percy carregava pela morte de Harriet, algo irrevogável e inalcançável, já que ela jamais retornaria à vida.

Enxergo o demônio Qayin em todas as letras desta tétrica história...

“Quanto a mim, o que me surpreende é não ter naquele momento, em lugar de perder-me em lamentações, dado vazão a meus instintos de perversidade e a meus impulsos de investir contra toda a humanidade e perecer na tentativa de aniquilá-la.” – Mary Shelley, *Frankenstein*.

FICHA 25

CASO: Robert Louis Balfour Stevenson (Robert Louis Stevenson)

SEXO: Masculino

ANO: 1850-1894

NATURALIDADE: Edimburgo (Escócia)

BREVE RESUMO: Robert foi o criador de “O Médico e o Monstro” (1886) e, como poucos, escreveu explicitamente sobre a dualidade interna do ser humano. Do mesmo modo que Mary Shelley se inspirou em O Castelo de Otranto de Horace Walpole, criador do gênero gótico, Robert Stevenson se inspirou na produção de Shelley.

Assombrado pela tuberculose e pela asma, doença que o acompanhou por vários anos, Robert escreveu em poucos dias O Médico e o Monstro, deitado em sua cama.

Como ninguém, escreveu perfeitamente as loucuras causadas entre a dualidade do bem e do mal em uma única pessoa: mortes, agressões e repugnância pelo ser

humano. Infelizmente, Robert faleceu com apenas 44 anos, vítima de um ataque cardíaco.

OBS.: Minha única observação para este caso é que Robert possuía o conhecimento do demônio Qayin e usou o Dr. Henry Jekyll e o tétrico Hyde como metáforas. Estariam suas doenças e morte prematura correlacionadas com o demônio que anda na terra?

FICHA 26

CASO: Edward Alexander Crowley (Aleister Crowley)

SEXO: Masculino

ANO: 1875-1947

NATURALIDADE: Warwickshire (Inglaterra)

BREVE RESUMO: Crowley foi um famoso ocultista britânico, iniciado em sua juventude nas artes negras por uma velha bruxa, descendente das antigas bruxas de Salém. Crowley disse por várias vezes ter sido possuído pelo demônio. Foi amigo do escritor português Fernando Pessoa (1888-1935), também bastante conhecedor das artes ocultas.

Com uma inteligência fora do comum, podendo ser comparada à do jovem autor Thomas Chatterton, já lia a bíblia aos 4 anos de idade. Como um exímio estudioso, ainda na juventude aprendeu hebraico, latim e grego. Apesar de vir de uma família cristã, destacou-se no meio literário pelos rebuscados textos pornográficos. Como membro da Ordem Hermética do Amanhecer Dourado (Golden Dawn, uma ordem pagã), Crowley progrediu assustadoramente e passou a adotar o hábito de invocar demônios no seu apartamento em Londres. Creio que um deles foi inesperado, aquele que não respeita os seres humanos e, muito menos, um pentagrama. Este ser era o filho de Lilith com Satanás, Qayin.

Crowley viajou pelo mundo: Nova York, México, Alemanha, Egito, Itália, Escócia, Ceilão. Aprendeu praticamente todas as filosofias religiosas e, com certeza, foi um dos homens que mais influenciou as Bandas de Rock, assim como vários compositores e escritores. Ele foi um dos maiores multiplicadores dos desejos de Lilith, e um dos poucos que afirmaram terem sido possuídos pelo demônio.

OBS.: Crowley tinha o poder de invocar tanto demônios quanto seres extraterrestres. Era usuário de drogas e fontes diziam ter sido praticante de rituais satânicos e orgias, o que resultou em sua expulsão da Itália pelo próprio ditador Mussolini (1883-1945). Curioso e muito perturbador foi o fato de ele ter tido apenas uma filha que sobreviveu, a primeira do primeiro casamento, batizada de Nuit Ma Ahathoor Hecate Sappho Jezebel Lilith Crowley.

Encerro essa ficha sem mais palavras para este caso.

CASO: Robert Lamarca Rodrigues

SEXO: Masculino

ANO: 1932 - 1965

NATURALIDADE: Lisboa (Portugal)

BREVE RESUMO: Aparentemente, Robert era uma pessoa normal: religioso, trabalhador e pai de família. Aos 16 anos de idade adquiriu o costume de capturar animais nas ruas, fato que ocultou de sua família. Pegava cães, gatos e pássaros e os escondia no porão de sua casa para torturá-los. Relatos dizem que Robert colocava um caldeirão com água em cima de uma grande fogueira e, quando a água estava em ponto de ebulição, ele amarrava os pobres animais pelas patas e os jogava dentro, deixando-os até a carne se desprender totalmente dos ossos.

Alguns vizinhos relataram que Robert mudou drasticamente da noite para o dia. Num sábado ensolarado de 1965, precisamente às 8h da manhã, a família Rodrigues se levantou e tomou o seu café matutino, mas algo lhe preocupava: Robert estava ausente. Uma hora e meia depois, Robert surgiu do porão como um espectro. Com os olhos aquosos e fixos, deixou reluzir o brilho da ponta do machado que escondia nas costas. Caminhou até a esposa Graziela Maria Rodrigues e, com um único golpe desferido, decepou sua cabeça. O mesmo foi feito com os dois filhos pequenos, Bianca e Jonas, ambos de apenas 5 anos. Jacinto, que tinha apenas 9 anos, correu para o quarto e se escondeu atrás da cama. De joelhos, rezou o Pai Nosso. Robert procurou o filho desesperadamente em todos os cômodos da casa, incluindo o quarto onde ele estava rezando e, como um milagre, não o encontrou. No final da tarde, a polícia chegou ao local e achou os cadáveres. Robert estava enforcado com um cinto, pendurado no lustre da casa, e o jovem Jacinto ainda ajoelhado atrás da cama, com os olhos fixos e aquosos como os de seu pai.

Alguns dos relatos que colhi de vizinhos e pessoas próximas da família:

“Robert parecia outra pessoa e até sua aparência modificou”, disse Margarethe Belzenic, de 58 anos, vizinha.

“Se o diabo realmente existe, ele era a sua encarnação”, disse Manoel Belzenic Fonseca, de 29 anos, vizinho de Robert e filho de Margarethe Belzenic.

“Lembro até hoje do dia em que ele veio aqui na mercearia e me encarou. Seus olhos brilhavam como chamas. Passei muito mal naquele dia”, disse Manuel Augusto de Souza, de 63 anos, dono da Mercearia do Porto.

“Da janela do meu quarto, eu via o Robert correndo atrás dos gatinhos e dos cães, e era sempre à noite. Teve um dia que ele deu uma paulada na cabeça de um gatinho. Acho que ele o matou.”, disse Fabiano Junior da Cruz, de 9 anos, amigo de Jacinto Rodrigues.

“Em 12 anos de carreira, nunca tinha visto uma cena tão macabra quanto aquela.” disse o policial Batista de Mello.

“Cuidaremos do pequeno Jacinto Rodrigues que, apesar do seu comportamento arredo, parece ser um bom garoto.” disse a assistente social Anna Lúcia Barbosa.

OBS.: Faz 6 anos que acompanho o garoto Jacinto Rodrigues, hoje com 15 anos. Ele é muito estudioso, além de ser um escritor de talento. Trabalha em uma gráfica de Hortolândia e consegue se manter muito bem com o seu salário. Mas algo nele me incomoda, pois às vezes noto certa estranheza em seu olhar. De uma hora para outra, sua face parecia ser a de outra pessoa que, com um sorriso malicioso zombava de mim. Queria não acreditar que Jacinto está sendo possuído pelo demônio Qayin, assim como o seu pai aparentemente o foi.

FICHA 28

CASO: James Douglas Morrison (Jim Morrison)

SEXO: Masculino

ANO: 1943 - 1971

NATURALIDADE: Melbourne (Flórida)

BREVE RESUMO: Místico, compositor, escritor e poeta Jim Morrison foi um dos vocalistas mais irreverentes e surpreendentes da história do rock' n' roll. Meu interesse principal nesse ídolo é o fato de ele ter afirmado por diversas vezes ter sido possuído por um índio, ainda na juventude. Morrison era rebelde e adorava a liberdade de tal maneira que chegou a expor seu órgão genital em uma apresentação para centenas de pessoas.

Para a criação da banda The Doors, Morrison se inspirou no livro *The doors of perception* (As portas da percepção), de Aldous Huxley (1894-1963), que por sua vez se inspirou no verso de um poema de William Blake: “If the doors of perception were cleansed, every thing would appear to man as it is; infinite.” (Se as portas da percepção estivessem limpas, tudo apareceria para o homem tal como é: infinito).

Além de fugir completamente das regras, Morrison era consumidor de drogas. No dia 03 de julho de 1971, aos 27 anos, foi encontrado morto por overdose em sua própria banheira. Foi constatado que Morrison morreu de ataque do coração, mas existem controvérsias. Algumas pessoas dizem que foi assassinato, outras que forjou a própria morte. Mudou-se de país, mudou de nome e tornou-se um célebre autor de livros. Teorias não faltam.

Quando Morrison afirmava ter sido possuído por um índio descrevia a cena com detalhes, relatando muito sangue e mortos. Os pais de Morrison diziam que isso era um pesadelo, mas verdade ou não, isso influenciou a vida do cantor, que chegou a incluir o acontecimento em letras de músicas e outros escritos. Chamam atenção o seu modo de vida, sua grande intelectualidade e a estranha morte, a legião de fãs, os ataques verbais constantes aos policiais e a sua alegria em ser preso, além de não

levar as gravações de suas músicas a sério (comprovo tal fato ouvindo a música original “Five to one”, na qual se ouvem soluços, como os de um embriagado).

Seria possível um homem com tamanha inteligência mentir que foi possuído por um espírito, ainda na infância?

OBS.: Índio, xamã ou Qayin? É sabido que Qayin possuía uma marca, segundo a Bíblia, que o distinguia das outras pessoas. Teria Morrison confundido a feição de Qayin com um índio? São essas cruéis dúvidas que levarei para o túmulo.

Sobre o sinal de Caim: (Gên: 4:15) É estranho o trecho do Gênesis que diz que Deus deixou uma marca em Caim (Qayin), destacando-o dos demais para que, se fosse encontrado, não fosse ferido. Ou foi apenas marcado para que os que o encontrassem soubessem quem ele era de verdade? Afinal, o que seria esta marca?

FICHA 29

CASO: Jacinto Rodrigues

SEXO: Masculino

ANO: 1954 - 1977

NATURALIDADE: Hortolândia (São Paulo)

BREVE RESUMO: Filho do assassino e suicida Robert Lamarca Rodrigues (ver ficha 27), Jacinto cresceu como um garoto normal, apesar das constantes crises de depressão. Religioso e escritor, Jacinto era perdidamente apaixonado por uma garota de nome Maria Isolda, vizinha e amiga de infância. Mas o destino prega peças, e nem sempre as coisas acontecem como gostaríamos que acontecessem. Maria Isolda se apaixonou pelo Gilberto Tristão e, em pouco tempo, eles se casaram. Friso que o demônio Qayin possui uma predisposição para possuir o corpo dos mais fragilizados que têm certa tendência para negatividade ou maldade. Enfim, vítimas frágeis do demônio milenar. No caso de Jacinto Rodrigues, o suicídio foi o seu crime e o provável ingresso para a entrada no inferno, o que me leva a uma dúvida: o castigo do fogo para esses possuídos que se suicidaram ou assassinaram é o mesmo dos assassinos e suicidas que não foram possuídos e manipulados por Qayin? Existiria uma redução na pena?

OBS.: Observei Jacinto Rodrigues durante alguns anos quando estive aos cuidados da assistente social Anna Lúcia Barbosa, pois foi o único sobrevivente da sua família após a terrível chacina. É difícil, mas não raro, Qayin possuir mais de uma pessoa de uma única família. Concluí esse caso após conhecer o detetive de polícia Rafael Monte Cerquillo, que veio de Hortolândia especialmente para investigá-lo. Se não fosse por ele eu não saberia do final trágico de Jacinto. Rezo para que Deus tenha piedade de sua alma.

Nos manuscritos que Rafael me apresentou, pude verificar trechos de uma novela intitulada “*Death of the soul - O triste fim de um escritor*”, de nenhuma forma

escrita por Jacinto, e sim por Qayin, que usou o pseudônimo que aparece 63 vezes na Bíblia, “Seol” ou “Sheol”.

Zombeteiro, ele usou o código que os escritores da Bíblia usaram para não designar diretamente o seu nome que, por certo, somente um grande estudioso descobriria. Pelos sinais, essa mensagem era para mim. Foi ele quem antes me descobriu, e não o contrário como deveria ser. Não me arrependo de tais pesquisas, mas temo pelos atos de fúria que me assolam constantemente. Meu fim, decerto, será igual ao dos condenados dessas fichas. A vida de Rafael Monte Cerquillo será penosa, pois vejo o mesmo triste fim para ele.

Ezequiel 31:16

Ao som da queda, fiz tremer as nações, quando o fiz passar para o além com os que descem à cova; todas as árvores do Éden, a fina flor e o melhor do Líbano, todas as que foram regadas pelas águas se consolavam nas profundezas da terra.

DIÁRIO: 03 de fevereiro de 1979

O texto que reproduzirei abaixo me fez sentir calafrios. Pelos indícios, ele foi escrito e depois apagado da ficha de nº 30, mas o seu escritor usou tanta força pressionando a ponta do lápis contra a folha que as marcas ficaram nítidas. Com um lápis, rabisquei levemente as marcas e um novo texto foi se reproduzindo. Sem dúvida, não foi escrito pelo doutor Murial, e sim pelo demônio Qayin. Não tenho mais dúvidas de que foi ele o causador do suicídio do doutor, o que me fez lembrar o nosso encontro no restaurante, quando notei seus olhos fixos brilhando como duas pequenas bolas de fogo. Estava possuído. Destaco sublinhando a última frase, com certeza escrita por Qayin.

Se alguém estiver lendo este diário, digo que as palavras do texto são extremamente fortes. Peço, por gentileza, que se sente confortavelmente e respire fundo antes de começar:

“Sinto nojo da raça humana. As flores, os animais, o cheiro e toda essa tal beleza que da terra emana me causam náuseas. Meu trabalho é cauteloso, vagaroso e eficiente. Quem neste miserável mundo seria capaz de derrotar o milenar filho de Lilith e Samael, o mais poderoso dentre todos os demônios? Quais anjos me enfrentariam? Aqueles miseráveis que selaram a tumba eterna de meus pais ou os pobres humanos e mortais? Zombo e influencio todos, sempre que desejo. Pronuncio todas as línguas e conheço todas as ciências e artes deste mundo. Estou nos livros, nos retratos e nos filmes. Posso ter várias aparências, sou homem e também mulher. Presenciei a destruição causada pelo Criador das cidades que desejei governar, Sodom e Amorah. Influenciei o primeiro holocausto e criei o Holocausto atribuído a Adolf Hitler, fui chanceler e ditador alemão, não perdi

tempo e, num sopro, influenciei Idi Amin Dada Oumee, militar e ditador de Uganda. Sou canibal, sou vampiro, bebo sangue quente, ando nas chamas e ouço as lamúrias de todos desse mundo desprezível.

Há dois milênios, conheci o homem chamado Jesus Christus, e possuí um dos seus apóstolos, aquele em quem ele mais confiava. Vi de perto o homem sendo crucificado e abandonei o corpo do apóstolo que logo em seguida se suicidou. Durante toda a história da humanidade influenciei reis, generais, ditadores, presidentes, escritores, cantores, pintores e quem mais desejasse. Este sou eu: poderoso, inteligente, belo, antigo, imortal e narcisista. Qayin, Caim, Seol, Sheol ou Xeol, tanto faz, verás meu nome e rosto de diversas formas, em lugares em que estarei por toda a eternidade. Em todas as guerras, nas piores chacinas, na fome, na dor e nos milhares de suicídios que causarei, lá estarei.”

FICHA 30

CASO: Murial Sante

SEXO: Masculino

ANO: 1901 - 1977

NATURALIDADE: Palma de Maiorca (Espanha)

BREVE RESUMO: Primeiramente, digo que é muito difícil escrever sobre mim mesmo e, neste lastimável estado, não sei dizer se o que escrevo é coerente para ser estudado no futuro. Serei breve, pois os ataques são constantes, e a qualquer momento estas palavras poderão ser redigidas não por mim, mas por um ser asqueroso. Sou um grande estudioso da Bíblia, possuo vários diplomas e me graduei em várias áreas, mas infelizmente o sobrenatural me perseguiu e me possuiu. Escrevo na velocidade de um furacão, pois minhas mãos já estão trêmulas e minha nuca dormente, sinais que indicam a aproximação do demônio Qayin. É triste saber desses sinais neste estado de terror, sinais que procurei por tantos anos. *Felizmente, tudo termina aqui para o mesquinho doutor Murial, pois o seu fim se aproxima.*

CAPÍTULO 8

De frente com a besta e outras descobertas

Eis os motivos da festa que hoje pretendo realizar convosco: Fausto, um atrevido mortal, que como vós contesta o Eterno e, pela força de seu espírito, quer tornar-se digno de morar conosco no Inferno, descobriu a arte de multiplicar com facilidade milhares e milhares de vezes os livros, esse perigoso entretenimento dos homens, propagadores da demência, dos enganos, da mentira e do terror, fonte do orgulho e mãe da trágica dúvida.

Friedrich Maximilian Klinger, *O Discurso de Satã*

DIÁRIO: 04 de fevereiro de 1979

Apesar do meu mau humor rotineiro, acordei deveras disposto. Senti o aroma da manhã enquanto observava algumas nuvens encobrendo o sol. Vi da janela do meu apartamento os transeuntes passando como formigas que trabalham para suas rainhas em troca de alimento e moradia, uma cena robótica e cansativa de olhar, quase hipnotizante. Mas apesar do aroma fresco dessa manhã algo me perturbou, uma neblina estranha que pairou naquele cenário cinzento salpicado de prédios. Por causa da ferrugem, fechei com certo esforço a janela da minha sala, livrando meus olhos da neblina. Neste exato momento, estou na cozinha, escrevendo e bebendo um copo de água como café da manhã. Sinto um odor estranho, muito semelhante ao do gás de cozinha, mas não possuo nenhum bujão de gás no apartamento.

Olhando novamente para a data no meu diário, 04 de fevereiro, e com certa tristeza, lembrei que esta é a data do meu aniversário. O que comemorar? Sozinho, doente, sem comida e agora com 49 anos? Sinto saudades de Hortolândia, do meu amigo Ruivo e do meu antigo apartamento. Sou um prisioneiro nesta maldita cela chamada solidão. Estou cansado e não é só um cansaço físico, mas também mental. Não sei mais o que fazer neste maldito lugar, pois tudo perdeu o sentido e não sei em quem mais acreditar. Se o demônio Qayin faz tantas atrocidades com os seres humanos desde tempos imemoriais o que Deus faz para nos ajudar? Apenas nos olha lá de cima e nos vê como formigas, assim como fiz minutos atrás da janela do

meu apartamento? Ou nos deixa à mercê desse demônio para lutarmos com unhas e dentes e mostrarmos que somos guerreiros? Só que guerreiros mortos não tem nenhum valor. Nenhum dos nomes fichados conseguiu derrotar esse ser demoníaco. Às vezes me pergunto quantos mais o enfrentaram. Quantos nomes estariam em sua lista? Quem sou eu para tentar enfrentá-lo? Não vejo mais nenhuma expectativa de vida para mim: sem esposa, sem filhos, sem dinheiro e cheio de problemas. Talvez a melhor escolha seja o fim. O cinto de couro que há muito tempo não me serve será muito mais útil noutro lugar.

Por um motivo desconhecido não fui possuído por Qayin, mas mesmo assim ele venceu, pois hoje será meu fim.

DIÁRIO: 04 de fevereiro de 1979

Sim, não me suicidei, muito pelo contrário, GANHEI A VIDA, mas ainda não sei muito bem o preço que paguei, visto que nada é de graça. Ah, você deve estar perdido, sem saber do que estou falando. Tentarei contar em detalhes o que ocorreu nestas quase cinco horas.

Acredito que fossem umas 8h da manhã quando iniciei os preparativos para o meu suicídio: eu me enforcaria com um cinto, e a estas horas deveria estar dependurado na cozinha. Mas alguns segundos antes de realizar meu plano, alguém veio me visitar. Antes de contar quem era essa visita, ressalto que não aumentarei nem diminuirei os fatos ocorridos.

Logo pela manhã, assim que parei de escrever no diário, senti que o estranho odor tinha aumentado, o que não interferiu em meu plano de suicídio. Subi em uma cadeira, entrelacei uma das extremidades do cinto de couro em meu pescoço e transpassei uma ponta da outra extremidade num cano de ferro próximo do teto. Quando me preparava para pular da cadeira, um homem completamente nu entrou pela porta da cozinha. Fiquei pasmo, assustado e arrepiado, pois este homem era possuidor de um tom de pele anormal, avermelhada, e o mais estranho eram as marcas negras em seu corpo e rosto, semelhantes às tradicionais tatuagens. Eram estranhas letras ou, quem sabe, uma língua estrangeira que fugia ao meu conhecimento. Seu corpo era bem definido, parecendo ter sido esculpido por um grande artista, lembrando muito a famosa obra de Michelangelo Buonarroti, intitulada “David”. O mais esquisito é que mal conseguia encarar seus olhos estranhos: luminosos, vitrificados e medonhos. Sua face apresentava sarcasmo, e seu caminhar parecia tão leve que a impressão era que flutuasse. Não demorou muito para eu entender que aquele era o bíblico e milenar Qayin. O fato mais intrigante era que aquele ser estava na minha cozinha me encarando com um sorriso desprezível.

Um turbilhão de ideias invadiu meu cérebro atordoado: ele tentaria me possuir? Estava ali apenas para assistir de camarote ao meu suicídio ou para mostrar que estava ciente das minhas investigações? O fato foi que, há uns três metros de distância, com apenas um leve gesto e sem me tocar, o demônio arrebentou o cinto de couro que estava em torno do meu pescoço. Foi aí que tive plena consciência de que era Qayin. Num reflexo, saltei da cadeira e a arremessei com toda força contra o demônio, que mesmo sendo atingido permaneceu intacto e com o mesmo ar de deboche. Naquele momento me senti um verdadeiro idiota. “Afiml, quem diabos é você?”, perguntei confuso. Ele vociferou com sarcasmo: “Diabos?”, e continuou a falar:

**”Sou uma Sombra! Venho de outras eras,*

Do cosmopolitismo das moneras...

Pólipo de recônditas reentrâncias,

Larva de caos telúrico, procedo

Da escuridão do cósmico segredo,

Da substância de todas as substâncias!

(...)

Com um pouco de saliva cotidiana

Mostro meu nojo à Natureza Humana.

A podridão me serve de Evangelho...

Amo o esterco, os resíduos ruins da planície

E o animal inferior que urra nos bosques

É com certeza meu irmão mais velho!

(...)

Quis compreender, quebrando estéreis normas,

A vida fenomênica das Formas,

Que, iguais a fogos passageiros, luzem...

E apenas encontrou na ideia gasta,

O horror dessa mecânica nefasta,

A que todas as coisas se reduzem!

(...)

Branças bacantes bêbedas o beijam.

Suas artérias hírcicas latejam,

Sentindo o odor das carnações abstêmias,

E à noite, vai gozar, ébrio de vício,

No sombrio bazar do meretrício,

O cuspo afrodisíaco das fêmeas.

No horror de sua anômala nevrose,

Toda a sensualidade da simbiose,

*Uivando, à noite, em lúbricos arroubos,
Corno no babilônico sansara,
Lembra a fome incoercível dos lobos.
(...)*

*Provo desta maneira ao mundo odiento
Pelas grandes razões do sentimento,
Sem os métodos da abstrusa ciência fria
E os trovões gritadores da dialética,
Que a mais alta expressão da dor estética
Consiste essencialmente na alegria.
Continua o martírio das criaturas:
– O homicídio nas velas mais escuras,
– O ferido que a hostil gleba atra escarva,
– O último solilóquio dos suicidas -
E eu sinto a dor de todas essas vidas
Em minha vida anônima de larva!” ⁴*

Depois de ouvir o recital, desisti dos planos de investir contra ele, enquanto pensava em Deus, afinal, por que ele não interferia naquele momento? Senti-me desprotegido, frágil... Caminhando em minha direção, o demônio pressionou gentilmente seu polegar esquerdo sobre o meu peito, pôs a mão direita sobre minha cabeça e, com eloquência, iniciou um ritual murmurando palavras desconexas numa diabólica oração. Ele parecia estar em transe. Senti meu sangue gelar nas veias e as mandíbulas completamente emperradas. Para aumentar o desespero, Maverick apareceu atrás da criatura, e, mesmo sem olhar para trás, Qayin sentiu sua presença. Estranhamente, parecia conhecê-lo: “O que faz aqui, ser odioso?”, disse a criatura. Temendo que Qayin investisse sua fúria contra o pobre Maverick, agarrei-o pelo pescoço num gesto insano. Foi aí que percebi que não só a sua aparência mas também a consistência pareciam à de David de Michelangelo. Sem muito esforço, Qayin me empurrou violentamente sobre a mesa da cozinha, causando vários ferimentos em meu dorso.

A presença de Maverick deixou a criatura assustada, como um animal acuado. Então eles começaram a discutir em uma língua que jamais ouvira, e foi neste momento que Suzetti apareceu. De animal acuado a criatura virou fera, investindo toda a sua força contra os dois e arremessando-os contra a parede. Suzetti estava muita ferida. Mesmo assim, levantou-se e investiu contra o demônio. Naquele momento, presenciei a cena mais terrível de toda a minha vida: com a mão esquerda, ele segurou Suzetti pelo crânio e esmigalhou sua cabeça, deixando o corpo ensanguentado caído no chão. Maverick se levantou e investiu mais uma vez

contra o demônio. Quando viu que ele se preparava para destruir seu crânio, como um relâmpago Maverick abriu a camisa e mostrou um símbolo em forma de pentagrama tatuado no peito, fazendo a criatura arregalar seus olhos inumanos. Num gesto de desespero, Qayin se jogou contra a janela fechada da sala causando um estrondo ensurdecedor, espalhando estilhaços pelo chão. Apesar da dor intensa, caminhei rapidamente até a janela para ver a queda do demônio, mas a criatura desaparecera como num passe de mágica.

Ajoelhado, Maverick olhava para Suzetti. Não notei tristeza em seu olhar, mas sim muito cansaço. Apesar da minha experiência como detetive, não conseguia me acostumar com as cenas de morte. Ao olhar novamente para os restos de Suzetti, senti ânsia e vomitei, e o vômito causou uma nova dor. Sentia como se os ossos deslocados arranhassem minhas entranhas. Percebendo meu desespero, Maverick segurou minha mão e disse baixinho ao meu ouvido palavras desconhecidas.

Depois que me senti melhor, comecei a lembrar dos fatos ocorridos e notei que a cena na sala do meu apartamento foi semelhante aos piores filmes de horror. Maverick se sentou ao meu lado e começou a falar coisas em que jamais acreditaria se há alguns minutos não tivesse passado pela terrível experiência de ficar frente a frente com a besta. Logo no início da conversa ele me fez um alerta: tome conta da sua alma, pois o demônio fará de tudo para roubá-la, já que ele te deu um grande poder.

DIÁRIO: 04 de fevereiro de 1979

Espero que você não se choque com o que direi, mas Maverick confessou que era o bíblico Lameque, o homem que assassinou Qayin e o mandou para a morada dos seus pais. Ou seja, ele foi o segundo assassino da história da humanidade. A diferença foi que assassinou o mal encarnado em forma de homem. Seu gesto, por incrível que pareça, acabou trazendo benefícios para Qayin, pois como espírito ele adquiriu o poder de andar nas trevas ou na terra quando bem entendesse e de se apresentar em sua forma real como matéria sólida, mesmo sendo apenas espírito. Maverick disse que Qayin é o demônio mais ardiloso e sanguinário de todos, por nunca ter ficado ao lado de Deus como os outros demônios, que são anjos caídos. Ele me explicou que existem três categorias de anjos: os que estão ao lado de Deus, os que estão no inferno e os que estão na terra – as últimas duas categorias podem ser intituladas anjos caídos. Maverick contou que ao assassinar Qayin, livrou sua cidade da perversidade de seu fundador. Assim, quando faleceu e abandonou a matéria, elevou-se ao plano dos anjos de Deus, mas por ter cometido assassinato decaiu para a terra. Ele também pode possuir corpos, mas somente os de pessoas que faleceram recentemente. Espantado com a confissão, perguntei se o corpo que estava usando agora era o de um defunto e a resposta foi positiva.

“Quando possuo um corpo que faleceu recentemente, ele se regenera e passa a ganhar vida novamente”, disse ele. No caso daquele corpo que estava usando, seu dono Maverick morrera devido a uma parada cardíaca por overdose. Ele ainda disse que o mais difícil em possuir um corpo era acabar com o seu vício, pois até hoje, mais de um ano depois de possuí-lo, ainda não tinha conseguido acabar com o vício do consumo das drogas.

Além de Lameque existem outros anjos caídos, mas o nome de um grupo que ele pronunciou me chamou a atenção: “Black Angels”, o grupo que me salvou da morte e me acolheu por alguns dias...

É muito estranho imaginar que anjos curtem rock e usam drogas, mas, como ele disse, eram de uma categoria diferente, abaixo do nível dos que estão ao lado de Deus e acima dos que estão ao lado de Lilith e Samael nos confins do inferno.

Lameque pegou uma Bíblia e pediu para que eu lesse Gênesis 4:23-24. Li o versículo e notei que se referia a ele, estampando-se um alargado sorriso na face do rapaz:

Gênesis 4:23-24

E disse Lameque às suas esposas: Ada e Zilá, ouvi-me; escutai o que passo a dizer-vos: Matei um homem porque ele me feriu; e um rapaz porque me pisou. Sete vezes se tomará vingança de Caim, de Lameque, porém, setenta vezes sete.

Para piorar a confusão em minha mente, Lameque disse que o travesti Suzetti também era um dos anjos caídos e que seu nome real era Ieialel. Ele tinha nascido anjo e era mais antigo do que o próprio Qayin. Seu pecado foi ter sido enganado pelo querubim Samael e, juntos, terem criado uma política que ia contra as ideologias do Criador: não seguir ordens e punir severamente os seres humanos por qualquer tolice que cometessem. Eles queriam se sobrepor aos mandamentos do Supremo. Furioso, Deus expulsou do paraíso milhares de centenas de anjos que apoiaram essa ideia, incluindo Samael, o líder da revolução que se tornou o maioral no inferno. Por não ser tão perverso e por ter sido confundido por Samael, Ieialel teve um castigo menor: permanecer eternamente na terra sendo guarda-costas dos seres humanos e enfrentar as forças de Samael e de seus lacaios. Foi a partir daí que passou a possuir os corpos daqueles que faleciam recentemente, tornando-se amigo e companheiro de Lameque em várias batalhas travadas contra as forças do mal.

Depois da explicação tudo começou a fazer sentido, inclusive o olhar sereno que Lameque lançou para o cadáver de Suzetti, pois não foi Ieialel quem faleceu na briga, mas um corpo que já perdera a vida antes.

Bom, penso que agora você acreditará com mais facilidade no que vou dizer: trinta minutos após o ocorrido, um homem obeso, de uns 130 quilos, calvo, apresentando alguns ferimentos na parte superior da cabeça, usando óculos escuros

com uma das lentes quebradas, calça e jaqueta de couro preta, descalço de um pé e o outro calçando um coturno, apareceu na porta da frente da minha sala. Era Suzetti, ou melhor, Ieialel, já com o seu novo corpo, um homem que acabara de ser atropelado em uma rua próxima do nosso prédio. Lameque sorriu ao ver o amigo. Parecia que se conheciam apenas pelo olhar ou por alguma espécie de aura que circundava os seus corpos. Seria mentira se não dissesse que nos abraçamos como três amigos milenares. Eu não sentia mais a terrível dor dos ferimentos, muito pelo contrário, estava me sentindo bem como nunca me sentira antes.

Lameque e Ieialel sorriram e procuraram um espelho pelo pobre apartamento, achando alguns cacos no chão do banheiro. Ieialel estendeu o pedaço de espelho como se me oferecesse um grande presente e pediu que me olhasse nele. Para minha surpresa, quem estava refletido no caco era um homem de aparência bem mais jovem e saudável. Ieialel disse que Qayin possivelmente estava tentando fazer com que eu me tornasse o seu arauto, ou seja, uma espécie de escravo com poderes, mas Maverick entrou no apartamento e acabou atrapalhando o ritual do demônio. Mesmo assim, acabei me tornando um imortal. Eles disseram que minha aura estava completamente diferente e que meu corpo seria o mesmo para sempre. Aquele foi um grande presente, mas não sei até quando a alegria irá durar. Lameque disse que um dos piores castigos é ser eterno e ter a plena consciência disto, pois os espíritos dos humanos também são eternos e trocam de corpo quando eles falecem, mas na forma de humanos não possuem a consciência do ato.

O tempo não existe para os imortais. Hoje sou um novo homem, mais jovem, forte e saudável. A única coisa que desejo fazer pelas próximas três décadas é curtir a vida ao máximo, depois pensarei no resto. Com a vida que eu estava levando não duraria muito tempo e se Qayin não interrompesse meu plano de suicídio, não estaria escrevendo agora.

Contei meus planos para Ieialel e Lameque, que me compreenderam e disseram para eu tomar cuidado com o demônio, porque ele poderia estar em qualquer lugar onde eu estivesse e que jamais me deixaria em paz. Eles também estariam sempre próximos, e Lameque me aconselhou a procurar os Black Angels, oferecendo um cartão do grupo, com telefone e endereço. Eles me forneceria toda a assessoria de que eu precisasse, fosse dinheiro, aconselhamentos ou mesmo um bom advogado.

OBS.: Algo que gostaria de ressaltar é que, segundo Ieialel e Lameque, os anjos caídos possuem qualquer corpo recém-falecido, seja de homens, mulheres, idosos, crianças, drogados, homossexuais, empresários, músicos, cientistas etc.

4 Augusto dos Anjos, Eu, Monólogo de uma Sombra (editado em 1912)

CAPÍTULO 9

Manual prático do imortal

Chega uma hora, para todo vampiro, em que a ideia da eternidade se torna temporariamente insuportável. Viver nas sombras e se alimentar no escuro sem uma companhia se torna uma existência solitária e vazia. A imortalidade parece uma boa ideia, até que você percebe que vai passá-la sozinho.

Scott Abbott e Michael Petroni, *A Rainha dos Condenados*, baseado nos livros de Anne Rice

DIÁRIO: 05 de fevereiro de 1979

Não preguei os olhos esta noite. Fui cercado por pontos de interrogação causadores dos mais terríveis questionamentos sobre a imortalidade. O tempo deixou de existir para mim no dia quatro de fevereiro de mil novecentos e setenta e nove e o que mais me preocupa é a dúvida sobre o que faria em cem, duzentos ou quinhentos anos. Como será o mundo no ano 3.000? Onde seria minha residência? Quem seriam meus amigos, se é que um imortal pode ter amigos? E mulheres? Um imortal pode ter mulheres? Pode ter filhos? E se for ferido, vai sangrar? E se sangrar, poderá viver sem o sangue que circula em suas veias? Liguei hoje à tarde para os Black Angels e tirei todas essas dúvidas. Bom, só sei que agora o meu desejo é aproveitar o tempo que perdi investigando meu último caso, depois pensarei no que fazer, pois o momento agora é de curtir muito a vida.

Antes que me esqueça, não escreverei mais com frequência no diário, apenas trimestral, semestral ou anualmente. Ou pelo menos quando acontecer um evento merecedor de ser transformado em manuscrito. Essa semana ainda registrarei a conversa que terei com os Black Angels, referente a minha imortalidade.

DIÁRIO: 06 de fevereiro de 1979

Logo pela manhã liguei para os assessores dos imortais, conversei com o Achaiah e expliquei meu caso sem dar muitos detalhes. Quando citei Ieialel e Lameque, na

mesma hora o rapaz perguntou meu endereço, dizendo que mandaria um motorista me buscar. Um tempo depois, ouvi a batida de três toques na porta. Era um senhor alto e magro, de cabelos longos e grisalhos, usando óculos escuros e roupas fúnebres. Ele perguntou se eu era Rafael Monte Cerquillo. Descemos os vários lances de escadas do meu prédio e da porta de entrada notei um novíssimo Lincoln Continental Mark V na cor preta.

O motorista abriu a porta do lado do passageiro. Sentei-me confortavelmente no banco e rumamos para os Jardins. O escritório dos Black Angels ficava em uma travessa da Avenida Brasil, em uma rua ao lado da Igreja Nossa Senhora do Brasil, obra de requintada arquitetura, simplesmente magnífica. O escritório ficava em uma apagada mansão. Apagada devido à cor cinza de suas paredes e ao jardim principal cuidado com desleixo, demonstrando falta de manutenção há vários meses. O porteiro surgiu como um espectro atrás do portão que, empurrou roboticamente, causando um ruído agudo e incômodo. Ele apresentava o mesmo aspecto do motorista que me conduzia, pareciam irmãos gêmeos. Descemos do carro e o condutor me acompanhou até a porta principal do local. Com seu longo dedo indicador pressionou o botão do interfone duas vezes e a porta se abriu como se já soubessem quem estava do lado de fora. Logo que entrei na grande sala principal, reconheci Yesalel, um dos homens que me salvou da agressão do taxista. O rapaz estava num canto escuro da sala, olhando com significativo apreço um livro exposto sobre uma mesa de madeira. Aproximei-me dele lentamente e, mesmo sem olhar para trás, ele disse: “Como estás, jovem imortal?” Confesso que fiquei muito feliz com o “jovem imortal” pronunciado pelo anjo caído, mas senti um certo desconforto ao notar que tanto o motorista quanto o porteiro estavam no outro canto de braços cruzados e estáticos, parecendo duas estátuas.

Como que ouvisse meus pensamentos, Yesalel vociferou: “Não se preocupe, eles também são imortais. Há centenas de anos, numa época nebulosa, quando eram apenas mortais, seu grupo de Cavaleiros foi intitulado Cavaleiros Templários, até que doze deles se destacaram dos demais e encontraram a famosa Arca da Aliança.

Forças ocultas emanaram da arca tornando-os imortais poderosos, para que passassem a eternidade protegendo as relíquias e segredos contidos na mesma. Desde então a Arca permanece sob nossos domínios, mas essa é outra história. A nossa tarefa é proteger a humanidade contra as forças malévolas de Qayin e seus pais.”

Durante alguns minutos, pairou um silêncio na sala. Completamente inquieto, perguntei que livro era aquele em cima da mesa e, sem hesitar, o anjo caído disse: “Este é o manual dos imortais, escrito em sírio-aramaico há alguns milênios pelo nosso amigo Ieialel, o anjo traído por Samael. A linguagem é arcaica, pincelada de muitas metáforas e significados que não fazem mais sentido nesta época, mas como

grande conhecedor dessa língua extinta, adaptei as regras para a nossa época, numa linguagem mais compreensível. Farei o possível para lhe explicar os tópicos principais. Antes vamos nos sentar confortavelmente. A prosa não será tão longa, mas talvez seja atordoante para você, um imortal recente.”

Como de costume, peguei minha caderneta e fui anotando o que Yesalel dizia. Transcreverei abaixo as milenares regras do anjo caído Ieialel – a antiga Suzetti – neste diário:

Procedimentos que todos os imortais devem seguir:

1 – Seguir todas as regras do *Manual do Imortal*, escritas pelo segundo anjo caído, Ieialel.

2 – Jamais prejudicar um mortal ou interferir em seu crescimento pessoal, a não ser no quesito *apenas beneficiá-lo*.

3 – Procurar manter a união entre os anjos caídos, humanos e outros imortais que convivem na terra.

4 – Lutar contra as forças de Qayin, seus pais, Lilith e Samael, e outros demônios.

5 – Para os recentes imortais: um prazo de 100 anos para escolherem de que lado pretendem lutar: o lado do bem ou do mal.

6 – Os imortais deverão se misturar aos mortais, no intuito de conhecer cada vez mais a sua cultura.

7 – Os imortais poderão se casar e ter filhos, mas nunca deverão se esquecer da promessa de proteger os mortais.

8 – Um imortal jamais poderá morar em um único local por mais de 30 anos, a fim de não levantar suspeitas sobre sua real identidade, pois um imortal jamais envelhece.

9 – Quando um imortal for destituído de sua matéria real (corpo), seja por meio de decapitação, cremação ou outro meio que torne impossível o funcionamento perfeito da matéria, ele deverá abandonar o antigo corpo e possuir o corpo de um mortal que foi recentemente abandonado por sua alma, ou seja, possuir um corpo sem vida e cuidar para que ele volte ao seu funcionamento normal.

10 – O imortal poderá se expressar através da arte ou escrita usando metáforas e mensagens subliminares, mas nunca explicitar suas reais intenções para os mortais, apenas para aqueles que procuram a verdade.

11 – Existirá um fundo financeiro que auxiliará eternamente os imortais, sejam os anjos caídos que vivem na terra ou os mortais que se tornaram imortais.

12 – Eu, Ieialel, e Lamaque seremos os fundadores da organização que auxiliará os imortais em quaisquer quesitos. Esta organização se chamará Black Angels.

13 – A organização Black Angels terá vários líderes, entre eles: Yesalel, Sitael, Achaiah, Hacamiah, Reyel, Omael e Mebahiah. Cada um será designado para

liderar um setor dentro da organização:

Ieiael: Presidente Fundador da Black Angels e autor do Manual dos Imortais.

Yesalel: mentor dos imortais e cofundador da Black Angels.

Sitael: líder da segurança e guardião dos bens materiais dos imortais.

(Durante os séculos, um grupo de guerreiros será escolhido para auxiliar Sitael na segurança dos bens materiais dos imortais).

Achaiah: porta-voz dos Black Angels, tanto para os recentes imortais quanto para os que mantem contato com os senhores do inferno ou os que estão ao lado do Onisciente Criador.

Hacamiah: tesoureiro, contador dos imortais, e encarregado da distribuição financeira, além de executor de trabalhos de advocacia e de liderança de um grupo de advogados dentro da organização.

Reyel: encarregado da disciplina e orientador de novos cursos para a pluralidade cultural dos imortais, sejam cursos de etiqueta, culinária, línguas, artes ou esportes.

Omael: zelador do bem-estar dos anjos caídos, da saúde dos corpos dos mortais que foram possuídos pelos imortais, além de ser nutricionista, liderando e trabalhando na variada e complexa alimentação de todos os imortais, juntamente com outros cozinheiros e chefes de cozinha.

Mebahiah: responsável por cuidar do visual dos imortais, para sempre mantê-los na moda, independentemente do local ou época.

14 – Existem três categorias de anjos: os que estão ao lado do Criador, os que estão no inferno sob o comando de Samael, e os que convivem na terra. Todos são anjos, o que os difere são suas escolhas:

14.1 – Os anjos que estão ao lado do Criador não questionam e aceitam qualquer um dos mandamentos do Senhor.

14.2 – Os anjos que estão ao lado de Samael (Satanás) não aceitaram os mandamentos do Senhor e mancomunaram-se com o traidor Samael. Foram expulsos da morada de Deus e convivem nos confins do inferno. São anjos caídos.

14.3 – Os anjos que convivem na terra respondem por menos de 1% de todos os anjos. Boa parte foi enganada por Samael e conspirou contra os mandamentos do Criador. Outra parte possuía ideias não convencionais, indo contra os mandamentos de Deus. Todos foram perdoados em parte, confinados na terra como guardiões dos seres humanos e se tornaram outra categoria de anjos, não tão bondosos como os que estão ao lado do Senhor nem tão perversos como os que estão ao lado de Samael.

15 – Deus e Samael estabeleceram o acordo de manter o equilíbrio, dando o livre arbítrio para cada ser vivente escolher o seu lado, o Yin e o Yang. Mas Qayin, filho de Samael e Lilith, quebrou o acordo seguindo os conselhos de sua mãe. Mesmo contra a vontade de seu pai, ele atormenta e influencia os humanos para o lado

negativo desde o início da história da humanidade e o trabalho dos Black Angels é combater este demônio perverso que anda na terra, e jamais deixá-lo influenciar a escolha dos humanos, a não ser que seja para o crescimento pessoal de cada um.

16 – Tanto os anjos caídos que convivem na terra como os mortais que se tornaram imortais possuem o livre arbítrio na escolha das armas para combater o mal.

17 – Quando for preciso possuir um corpo, que ele já esteja inerte (sem vida). Não deverá existir escolha, muito menos preconceito pela raça, idade ou sexo dos corpos, somente a exigência de que tenham perdido a vida recentemente e que estejam nas condições adequadas para recuperação.

18 – Os anjos caídos e os imortais podem idolatrar e conviver como os humanos, já que não devem levantar suspeitas em nenhuma hipótese.

19 – Caso algum anjo caído ou imortal quebre as regras, deverá ser estabelecida uma reunião com todos os líderes da Black Angels, que julgará e avaliará as condições do indivíduo, o qual, se condenado, deverá prestar contas ao Criador, que decidirá qual será a sua penitência.

20 – Os imortais ou anjos caídos jamais deverão se aproveitar das condições de imortais, a não ser para combater o mal.

OBS.: O Manual do Imortal é encapado em couro de animal e possui mais de 400 páginas. Segundo Yesalel, além de Ieialel ter escrito o manual em sírio-aramaico – uma língua morta –, instituiu também um complexo conjunto de metáforas, mapas, ilustrações e mensagens subliminares que fogem completamente de todas as regras linguísticas existentes no planeta terra, impossibilitando que um mortal faça a leitura. Os únicos capazes desse feito são os anjos caídos. Consta também no manual o resumo da história da criação do universo, dos anjos e dos seres humanos, além da perfeita descrição da morada de Deus, coisas que não me foram reveladas, pois meu mentor disse que eu só saberia esses segredos com o passar dos séculos. O Manual do Imortal é um tesouro que se equipara à Arca da Aliança ou ao Santo Graal.

CAPÍTULO 10

Curtindo a imortalidade?

*A dama se levanta de repente,
A bela dama Cristabel!
Algo suspira bem perto dali, bem perto,
Mas ela não pode dizer o que seja -
Parece estar do outro lado,
Do gigantesco, frondoso e idoso carvalho.*

Samuel Taylor Coleridge, *Cristabel*

DIÁRIO: 07 de fevereiro de 1979

Depois de ouvir os preciosos procedimentos do Manual do Imortal ditos pelo anjo caído e mentor Yesalel, retornei às 2h da manhã ao velho apartamento para pegar alguns pertences. Acordei Lameque e Ieialel e contei a eles onde estive, além de agradecer a Ieialel pelo excelente manual. Ele retribuiu com um sorriso e disse que sempre estará por perto para me auxiliar no que for preciso, pelo menos até o dia da fatídica escolha entre o bem e o mal.

Embora eu seja um imortal, sinto a fome de um mortal, só que ampliada. Yesalel me deu um bom dinheiro para que eu pudesse vir até o meu apartamento pegar os meus pertences e depois retornar de táxi até a Black Angels. Como o dinheiro que ele me forneceu daria para me manter tranquilamente por mais de um mês, convidei Lameque e Ieialel para um almoço com direito a vinho importado para comemorarmos minha imortalidade. Sem hesitar, eles aceitaram.

DIÁRIO: 07 de fevereiro de 1979

Depois de um almoço digno dos deuses, peguei um táxi e estou seguindo para a Black Angels. Prometo que hoje à noite ou amanhã cedo direi o que aconteceu.

DIÁRIO: 08 de fevereiro de 1979

Estou hospedado em um hotel luxuoso, digno de reis, situado na região dos jardins, próximo à Avenida Paulista. Agora são 5h15 da manhã, estou sem sono não devido a preocupações triviais, mas ao que aconteceu ontem. Yesalel me encaminhou ao setor financeiro da Black Angels e apresentou o encarregado, o anjo caído Hacamiah. Na presença de outros dois anjos caídos, pediu que me auxiliassem no preenchimento de alguns papéis para dar procedimento à abertura de uma conta corrente em um banco, pois me seria fornecido um salário mensal equivalente a 30 vezes o que recebia anteriormente, quando era um simples detetive de polícia. Preenchi outros papéis e, dos que me lembro, um era para a aquisição de um Lincoln Continental Mark V da cor vermelha, outro para encher o tanque quando bem entendesse e outro era para o luxuoso hotel onde estou hospedado por conta da Black Angels. Após o encontro com Hacamiah, Yeialel me encaminhou para o setor do anjo caído Mebahiah. Era um setor diferente dos outros que tinha visto dentro da organização, cheio de manequins, espelhos, revistas de moda, estilistas, manicures, cabeleireiros e roupas de todos os estilos e cores possíveis.

Mebahiah era um anjo peculiar. Usava roupas alegres e de fino trato, diferente dos outros anjos caídos que abusavam do preto. Sai de lá com um visual completamente diferente. Mebahiah bem que tentou cortar meus cabelos compridos, mas não deixei. Então, depois de muita insistência, deixei que fizesse relaxamento e depois escova, e até que ficou bom. Agora, as roupas que ele queria que eu usasse simplesmente odiei. Odeio roupas coloridas e alegres, e preferi as cores de sempre: cinza, vermelha e preta, principalmente a preta. Mebahiah disse que é muito difícil um anjo caído ou imortal gostar de outras cores e que ele era uma rara exceção.

Depois de um breve e delicioso *coffee-break* oferecido pelo anjo Omael, fui levado ao setor do anjo Reyel, que me inscreveu em alguns cursos internos da organização, iniciando com aulas de inglês, português, literaturas, etiqueta, culinária nacional e estrangeira, yoga e tai chi chuan. Depois de concluídos eu passaria para a segunda etapa.

Estou feliz, apesar do medo da novidade de ser imortal e vinte anos mais jovem. Ainda estou confuso, cheio de dúvidas e medos a cada momento que reflito. Mas Yeialel disse que isso é normal e que com o tempo minhas dúvidas serão esclarecidas. Ele me contou também de onde vinha o real faturamento da Black Angels, que não comercializa produtos nem presta serviços para os mortais. A organização foi criada apenas para assessoria eterna dos anjos caídos e dos imortais, sendo extremamente organizada. Acredita que possuem filiais em quase todos os países do mundo? Uma dessas filiais está na África, que Yeialel disse ser o berço do mundo e o local onde se situa a caverna onde Lilith e Samael foram trancafiados eternamente.

Essa caverna é a entrada para o inferno, onde também habitam os mais perversos anjos caídos que conspiraram contra Deus. Sei que você deve estar curioso para saber de onde afinal vem o dinheiro da Black Angels, mas não se esqueçam de que eles estão na terra desde o início dos tempos. Acumularam milhares e milhares de tesouros de povos extintos, imperadores egípcios, reis, *vikings* e piratas. Toneladas em ouro, pedras preciosas, esculturas, quadros de renomados pintores e muitas outras raridades. Um tesouro interminável, inimaginável e eterno, como nós, os imortais.

Bom, o que interessa agora é que há um Lincoln Continental Mark V me esperando lá fora no estacionamento. Seria muito pedir alguns dias de férias? Prometo que se acontecer algo de extraordinário relatarei no diário. Hoje, a noite será minha.

DIÁRIO: 09 de fevereiro de 1979

Algo de extraordinário aconteceu na noite passada, por isso escrevo, conforme prometido. Parece que não consigo ficar muito tempo longe desse diário. Logo no início da noite do dia 08/02, resolvi sair com meu carro. Rodei sem pressa por mais de duas horas nos arredores dos Jardins e Pinheiros, olhando cada passo nas calçadas, qualquer movimento estranho que revelasse o demônio, pois meu faro detetivesco nunca me abandonava, então por volta das 21h00 resolvi ir até um conhecido barzinho da Rua Vergueiro para tomar uma cerveja e comer alguns petiscos. Não sei dizer se o lugar era agradável para olhos conservadores, mas gostei e muito. Um ambiente enevado, pouco provido de luz em todos os sentidos, o que dificultava a compreensão dos moldes humanos daqueles que ali se apresentavam. O sussurro infernal daqueles vultos se assemelhava aos murmúrios das velhas beatas. Senti frio naquele lugar. Apesar da multidão o calor não me aquecia. Por que eu gostava disso? Por que me sentia tão bem nestes lugares obscuros? Talvez devido ao fato de ter sido transformado em imortal por um demônio.

Será que todos os imortais sentem o mesmo prazer que sinto nesses ambientes? Até então, nada diferente em descrever meu gosto pelo cenário gótico, mas algo me surpreendeu naquela noite. Sentei-me próximo ao *barman* e me senti completamente à vontade, ninguém estava me notando. Subitamente, uma jovem por volta dos 25 anos, não muito diferente da minha nova aparência, veio até mim. Apesar do ambiente enevado, a proximidade da jovem deixou transparecer nitidamente os detalhes do seu rosto belo e pálido, cabelos e corpo. Suas roupas negras se misturavam ao negrume do ambiente e seus cabelos ruivos chamuscavam na escuridão como um conjunto de velas fúnebres ritualísticas. Chamava-se Eveline.

Ofereci-lhe uma bebida, ela tomou três. Não hesitou quando pedi o número do seu telefone. Perguntei sobre seus gostos, música, comida e filmes. Tudo combinava comigo de forma milagrosa. Com apreço, segurei sua mão delicada e assim que perguntei onde morava e se poderíamos nos encontrar no dia seguinte, o som emitido pelos lábios salientes e vermelhos estremeceu minha alma: “*Meu Senhor, não desdenheis a confissão da mais triste de vossas servas. Sou uma perdida. Uma bêbada. Uma impura. Ah! Que vida!*” ⁵.

Ao emitir tais palavras, seus belos olhos transformaram-se em duas esferas aquosas e vitrificadas. Devido à inusitada tremedeira de minha mão, derramei cerveja em seu colo, fato que não surtiu reação, pois pareceu nem notar. Mas o que eriçou por completo os pelos do meu corpo, foi o movimento que a jovem fez depois de se levantar furiosamente: posicionou-se de cócoras, colocou as palmas das mãos sobre o chão deixando à mostra as unhas pontiagudas e iniciou um estranho ritual, um frenético vaivém da cabeça entre gargalhadas. Ao finalizar, selou a encenação com um intenso vômito que se espalhou ao seu redor. Estranhamente, ninguém além de mim parecia notá-la. Ao som de Black Sabbath em *Iron Man*, vários pés pisotearam o vômito, respingando detritos de alimentos nos calçados, saias e calças. A garota visualizou a cena como um grande prêmio.

Acredito que nem precisaria escrever mais nada, mas para finalizar o ocorrido no barzinho da Rua Vergueiro relato que saí do local às pressas, esquecendo até de pagar a conta. Vim para meu luxuoso apartamento, fiquei no banho por mais de duas horas e ainda me sinto sujo e enojado, pois no cenário gótico que criei em minha mente não existem cenas tão imundas. O fato é que elas fazem parte do cenário real e juro que se fosse possível excluí-las eu as excluiria. Como prometi desde o início que relataria todos os ocorridos, não posso falhar na promessa nem omitir os fatos, muito menos faltar com o meu comprometimento com você, caro amigo leitor.

DIÁRIO: 25 de maio de 1979

Faz mais de três meses que não escrevo, pois os dias foram cansativos e nebulosos. Qayin não me deixa em paz e me persegue onde quer que eu esteja. Ieiael disse que ele está cada vez mais poderoso e que agora possui humanos com mais agilidade. Durante esse tempo, ele foi o garçom do meu restaurante predileto, a recepcionista, o faxineiro, a camareira, o ascensorista e o gerente do meu hotel, além de pedinte, palhaço, vendedor, policial, engraxate e mesmo uma criança de uns seis anos: ela estava brincando no *playground* do hotel junto de outras crianças. Parei por alguns minutos e observei a cena para relaxar a tensão da perseguição tortuosa. Aquele colorido das roupas infantis me fez regressar aos meus tempos de criança, das brincadeiras sem preocupações, preconceitos ou deveres. Os gritos

desprovidos de maldades e impurezas me despertaram, fazendo-me notar que qualquer objeto nas pequenas mãos transformava-se em brinquedos requintados, fosse pedra, areia ou papel.

Fiquei hipnotizado, atraído pela simplicidade das brincadeiras infantis. Infelizmente, algo inusitado aconteceu e o horror voltou a dominar minha mente imortal, fazendo-me lembrar dos terríveis assassinatos que presenciei, dos corpos mutilados, dos olhares sem vida, do sangue derramado e da ferida incurável da solidão. A criança que mencionei veio até mim, mostrou-me com orgulho um soldadinho de plástico e logo em seguida mordeu com fúria e frieza a sua cabeça, cuspendo-a logo em seguida. Ela me presenteou com o que restou do corpo, e o que me disse me atingiu de modo certo, como um golpe de pugilista, atirando-me vergonhosamente de joelhos ao chão. Enquanto usava dois pequeninos dedos da mão atrás da própria cabeça, ele pronunciou: “Tornei-te imortal, mas devido à traição de mancomunar-se com os anjos caídos tornarei sua vida um verdadeiro caos. Estarei sempre ao seu lado, e na primeira oportunidade desmembrarei sua cabeça do corpo, assim como fiz com este pequeno brinquedo, então você será obrigado a possuir outro corpo, e finalmente sentirá a intensa dor da alma na transição da incorporação.” Passado o choque, senti um grande alívio ao notar que o garoto ficara confuso. Ele já não estava mais possuído e voltou a brincar como anteriormente.

Sei que a experiência foi tortuosa. A dor que senti ao ver uma simples criança possuída por um demônio foi multiplicada mil vezes, mas, como dizem por aí: “Deus escreve certo por linhas tortas”. Notei que Qayin adquiriu o poder de possuir rapidamente qualquer ser vivente, mas as mortes diminuíram. Devido ao fato dos meus constantes deslocamentos, a perseguição obrigou o demônio a agir com mais velocidade em suas incorporações. Sim, ele deve ter um ponto fraco, mas não sei se um dia descobrirei qual é.

DIÁRIO: 17 de setembro de 1979

Passei um bom tempo sem escrever neste diário pois nada mudou, a não ser pelo dinheiro que estou gastando aos montes. Estou logrando a juventude que não tive, sem me preocupar com dinheiro ou trabalho, tendo longos períodos de lazer. Sim, disse longos períodos de lazer, porque Qayin não me preocupa mais, pelo menos por enquanto. Sou protegido pelos anjos caídos e o fato de ter me tornado um imortal impossibilitou completamente o demônio de me possuir. A preocupação desapareceu, mas os sustos são constantes, não posso negar. O último sobressalto ocorreu ontem de manhã. Não que eu esteja arrependido, mas ontem me senti cansado de tanto me locomover de carro e acabei saindo do hotel deixando meu estimado Lincoln na garagem, pois precisava andar, ver as pessoas de perto, sentir o

aroma da manhã, caminhar entre os cães e fingir que era um simples mortal. É bom ser imortal, pois não tenho mais as velhas preocupações com a saúde, muito menos com a morte. Mas mesmo sendo rico, sem problemas de saúde, jovem e imortal, a solidão que sinto no peito dói muito, é uma dor constante e seu remédio parece ser uma companheira, uma garota que me entenda e me tire desse estado de eremita e me faça feliz.

Essa andança pelas travessas e alamedas da Avenida Paulista me fez parar em um ponto de ônibus com um aglomerado de pessoas. Mais uma vez o faro detetivesco me acompanhava, ou seria o demônio que me perseguia em todos os momentos? Ali, vi uma senhora com uma pequena barraca de doces. Seu olhar era triste, seu rosto marcado pelo tempo, pelos problemas financeiros e sabe-se lá mais o quê. O fato é que eu estava com o bolso cheio de dinheiro e a quantia que eu carregava dava para comprar umas três ou mais barracas de doces iguais àquela. Olhei vagorosamente para as embalagens coloridas dos doces, como se escolhesse um que me agradasse e não notei diferença alguma no olhar daquela senhora, até que resolvi pegar um bombom que deveria custar menos da metade de uma passagem de ônibus. Tirei todo o dinheiro do bolso e dei para a velha senhora. Aquela cena mudou completamente o seu semblante, revelando uma boca banguela, e aquilo fez com que me esquecesse por alguns segundos da solidão e da dor que sentia no peito. Ela pegou o dinheiro, desconfiada. Com um simples gesto, dei a entender que o dinheiro era para ela, mas ao virar as costas ela me chamou pelo nome e sobrenome: “Rafael Monte Cerquillo”. Fiquei estático, mais uma vez senti o sangue gelar nas veias e, após alguns segundos, resolvi olhar para trás. Os olhos da anciã revelaram o demônio que voltou a pronunciar palavras, enquanto deixava a baba escorrer sobre os doces: “Seu gesto de caridade vai livrá-lo da solidão? O misericordioso Criador viu sua gentil doação? Você acha que Ele lhe enxerga, sua formiga miserável? Você não passa de um verme aos olhos de Deus, seus belos gestos jamais lhe livrarão da dor da solidão pois sei o que digo, sou antigo e milenar, o primeiro homem nascido de uma mulher”.

Após ouvir as palavras carregadas de ódio, repliquei como nunca fizera antes: “O que você sabe sobre Deus? Um demônio pode falar bem de Deus? Sabe algo sobre compaixão ou caridade? E quem disse que você é o primeiro homem nascido na terra? Para mim você não é um homem, é um monstro odioso que jamais será visto como nós, e não é filho de uma mulher, e sim de um tétrico demônio em forma de mulher.” Pela primeira vez vi um demônio chorar. Ele tentou disfarçar de todas as maneiras, ora colocando as mãos sobre os olhos, ora virando o rosto para os lados ou disfarçando com um falso sorriso. Notando que não tinha escapatória, empurrou com toda força a barraca de doces sobre mim, deixando esparramar todos os doces na calçada e se jogou na frente de um caminhão de tijolos, fazendo com que o

motorista perdesse a direção e atropelasse os pedestres que estavam paradas no ponto de ônibus. Por míseros centímetros não fui atingido.

A cena foi terrível, dantesca, com sangue para todos os lados. A velha senhora foi esmagada pela roda traseira do caminhão, e seu último olhar foi para mim. Corri como nunca fizera antes, aproveitando o vigor da juventude e da imortalidade. O vento tentava me aliviar da tensão, mas ainda me lembrava dos semblantes felizes de alguns pedestres com o panorama de morte, fazendo-me recordar dos velhos tempos de polícia.

Minha parada foi no MASP, mas não entrei no museu, permaneci embaixo dele, ao lado de alguns hippies que vendiam brincos, colares, pulseiras e incensos, até o cair da noite.

DIÁRIO: 17 de setembro de 1979

Outra coisa que me surpreendeu nesta manhã, além do sangue derramado, foi a sensibilidade que o demônio apresentou ao chorar quando eu disse que ele não era como nós e muito menos filho de uma mulher, mas sim de um demônio em forma de mulher... Afinal, teria um devasto demônio sentimentos?

Ao sair do MASP tomei uma cerveja com Lameque e Ieialel e, claro, disse tudo o que acontecera nesta manhã. Ieialel falou que demônios podiam ter sentimentos, principalmente Qayin, filho de uma mulher e de um ex-soldado de Deus. Pela conversa que tivemos, deduzi que ele queria ser como os humanos. Lameque discordou, disse que Qayin é perverso e que tentou sorrateiramente me confundir. Eu não sei dizer quem está certo, mas sei que preciso pensar melhor a respeito e, apesar de saber que a criatura é ardilosa, pareceu não fingir e até tentou disfarçar suas lágrimas.

É verdade, fazia tempo que não via a cor do sangue e acho que o culpado fui eu. Se eu tivesse ignorado o demônio talvez ele houvesse poupado a vida daquela senhora e evitado todo aquele caos. Quem sabe no próximo encontro com o desgraçado eu não tente conversar com ele, ou quem sabe não entremos em um acordo? Será que durante todos esses milênios alguém teve a coragem de perguntar sobre os seus sentimentos e por que ele faz todas essas atrocidades? Será que ele obedece apenas ao comando de sua mãe, Lilith?

DIÁRIO: 27 de setembro de 1979

Eu e o demônio tivemos um encontro digno das histórias de livro de ficção. Tudo começou quando visitei uma tabacaria e revistaria da Rua Augusta, não para comprar cigarros com sabor de canela que eu tanto venerava quando era mortal, mas sim incensos de cravo, mirra e canela. É incrível, mesmo sendo imortal sinto

prazer em fazer compras. Mas o real motivo de escrever nesse diário hoje não é falar do meu consumismo, mas do novo encontro que tive com Qayin.

Ao comprar as caixinhas de incenso, vi um estranho senhor nos fundos da tabacaria. Devido à distância e à fumaceira do seu cachimbo, pude notar um par de olhos em labareda chamuscando de ódio. Cautelosamente me aproximei da chaminé humana, já sabendo que aquele senhor estava possuído pelo demônio, mas fui muito cauteloso, pois não queria causar a perda de mais uma vida, inocente ou não. O senhor, aparentando uns 55 anos, usava chapéu cinza, óculos de grau e terno cinza impregnado pelo forte cheiro de tabaco e naftalina. A princípio parecia descontraído ao olhar as capas de algumas revistas masculinas, e através do seu cachimbo tentava disfarçar com a fumaça os olhos vitrificados de demônio. Aproximei-me sorrateiramente, disse-lhe bom dia e, para meu espanto, ele prontamente replicou: “Bom dia, Rafael!” Eu sabia que aquela era minha primeira oportunidade de conversar com a criatura e, quem sabe, saber mais sobre ele e sua real intenção. Quase gaguejando, convidei-o para um café ali mesmo na tabacaria e para o meu segundo espanto do dia, ele aceitou.

Já sentados na pequena mesa redonda, pedi um café sem açúcar e ele um *capuccino*. Confesso que não estava acreditando no que acontecia. Eu de frente para um demônio bíblico e milenar, causador da chacina de milhares de pessoas que nem sequer conheci, tomando um simples cafezinho em uma tabacaria e revistaria da Rua Augusta. Minhas mãos e pernas estavam trêmulas, fato que me fez evitar tomar o café por algumas vezes. Para piorar a situação, foi ele quem puxou a conversa: “Rafael, Rafael... Afinal de contas, o que desejas saber? Quer me atacar mais uma vez com palavras porque sabe que corporalmente sou invencível? Diga, afinal de contas, o que realmente quer de mim? Só deseja tomar um cafezinho com o filho de um demônio em forma de mulher?” Sem dúvida, a conversa que tive com ele da última vez mexeu com seus sentimentos. Afinal ele tinha, sim, um ponto fraco, e em parte era igual aos seres humanos: perverso como poucos e sentimental como muitos. Para tirar mais informações do demônio, disfarçadamente e quase arrependido, pedi-lhe desculpas que foram aceitas de imediato. Já no terceiro cafezinho, o que ele falou, chegou a mexer um pouquinho com os meus sentimentos, pois poderia haver um pouco de verdade em suas palavras, mesmo sabendo que ele era um ser das trevas. Sem tirar nem acrescentar, seguem suas palavras: “Sabe qual foi meu maior pecado? Tentar agradar o criador com oferendas. Meu irmão Abel sempre foi melhor do que eu em todos os aspectos. Ele era mais inteligente, mais bonito, mais querido. Sou imortal e muito poderoso para os humanos, mas não passo de um condenado das trevas, submisso aos desejos de minha mãe, escravo de suas ordens. Sim, gostaria de ser livre, assim como você e os outros anjos caídos, mas a realidade é essa e já estou acostumado a ela. Possuir,

enlouquecer, trucidar e exterminar os humanos, é isso o que sei fazer, somente isso.”

E, mais uma vez, presenciei o demônio chorar, só que desta vez não escondia suas lágrimas e não tinha vergonha de expor seus sentimentos para mim. Estaria ele se acostumando comigo? O fato é que eu disse que o entendia em parte e até sugeri que desobedecesse sua mãe e quebrasse as correntes, já que seu desejo era ser livre. Cheguei até a comentar sobre o *Mito da Caverna* de Platão, e ele apenas sorriu e disse: “Você acha que foi mesmo Platão quem escreveu o Mito da Caverna? Sei cada palavra dessa parábola. Eu a intitulei ‘Alegoria da Caverna’ e depois ela foi modificada por outros para ‘O Mito da Caverna’.”

Ouvi as suas palavras atentamente e com certo contento por ter descoberto algo histórico. Ao tomar o seu último gole de café, ele disse: “Você é inteligente e um homem muito bom, sua alma vale ouro no inferno. Infelizmente, ainda não posso me libertar, pelo menos neste momento, e já que você também é imortal, sei que poderei lhe dar essa resposta dentro de alguns anos, pois espero o retorno de alguém que traí no passado e o seu perdão poderá modificar a minha estranha vida. Você paga a conta? Pois esse pobre cavalo que estou possuindo não tem nem uma moeda.”

Tirei o dinheiro do bolso e coloquei sobre a mesa. Saímos juntos da tabacaria, ele apertou minha mão e disse: “Não se sinta livre de mim por causa da conversa que acabamos de ter, pois estarei ao seu lado até o dia da minha libertação. Não vou deixar de possuir os humanos e muito menos de enlouquecê-los ou matá-los, mas como estou grato pela sua preocupação e sugestão da libertação, algo que já tento fazer há milênios, vou reduzir as mortes.” É claro que eu não queria nenhuma morte e o fato de ele propor a redução já era um grande avanço para cessá-las definitivamente.

Bom, acho que depois da conversa que tive com o demônio e de ter descoberto que foi ele quem realmente escreveu “O Mito da Caverna” e que espera alguém voltar não sei de onde para libertá-lo da condenação eterna, ficarei alguns dias sem dormir. Quem seria essa pessoa que poderia perdoá-lo e libertá-lo de Lilith?

5 Arthur Rimbaud, *Delírios: Virgem Louca, O Esposo Infernal*.

CAPÍTULO 11

O anjo Mebahiah

SATAN

Vem comigo.

MACÁRIO

Vai-te.

SATAN

És uma criança. Ainda não saboreaste a vida e já gravitas para a morte. O que te falta? Ouro em rios? Eu t'o darei. Mulheres? Tê-las-ás virgens, adúlteras ou prostitutas - O amor? Dar-te-ei donzelas que morram por ti, e realizem na tua frente os sonhos de seu histerismo. Que te falta?

MACÁRIO

Vai-te, maldito!

Álvares de Azevedo, Macário

DIÁRIO: 19 de dezembro de 1979

Logo pela manhã, fui até a Black Angels especialmente para visitar o anjo caído Mebahiah, e, como sempre, fui muito bem recebido. O jeito de Mebahiah é muito semelhante ao da falecida Suzetti, com a diferença de que Suzetti não era tão requintada e chegava até a ser engraçada. Mebahiah é um figurinista e estilista, com um forte sotaque francês. Os traços do seu rosto são delicados, seu andar e seus gestos são como plumas. Parece que vive dançando num mundo de sonhos e fantasias, bem diferente dos outros anjos caídos que combatem o mal com suas armas e forças sobrenaturais.

Tomamos chá enquanto conversávamos sobre moda. Mebahiah recordou dos velhos tempos, da época bizantina e das extravagantes roupas na cor roxa, e também das perucas e rendas usadas pelas mulheres e homens da idade moderna. Vi seus olhos brilharem quando falou que conheceu e elaborou o figurino do Rei Luis XIV de Bourbon, o Rei-Sol (1638-1715), moda que perdurou por cerca de 150 anos. Embora o corpo que usava não fosse dele, disse que estava com ele há mais

de 800 anos, pois se apegou aos seus traços. Após o chá e a aula de moda, aproveitei e visitei outros anjos, pois desejava iniciar os cursos de aperfeiçoamento.

Saí da Black Angels com a programação semanal dos cursos e com outro visual, embora as cores das roupas fossem as mesmas de sempre.

Sei que a partir de amanhã meu tempo será escasso. Farei muitos cursos em diversas modalidades. Quando voltar a escrever, relatarei o meu crescimento pessoal como imortal e todas as investidas de Qayin contra a humanidade.

CAPÍTULO 12

Anos 80, a perseguição continua

Nos últimos cinco anos eu desejei a morte todos os dias. Às vezes cheguei bem perto.

Kurt Cobain, vocalista do grupo Nirvana

DIÁRIO: 12 de novembro de 1980

Sim, já faz quase um ano que este diário está na gaveta de minha cômoda. Não fosse pelas roupas íntimas, diria que estive completamente solitário. A virada de ano foi deveras lastimosa. Acordei bêbado em uma das calçadas da Alameda Santos, usando roupas que não eram minhas, fato que me fez me lembrar dos últimos dias de Edgar Allan Poe que, a meu ver, também é um dos imortais, pois seus contos viverão eternamente em nossas almas. Bom, voltando ao assunto principal desse diário, o demônio Qayin cumpriu com sua palavra, deixando-me completamente em desacordo com relação ao que pensava sobre ele. As mortes cessaram completamente, por enquanto. Segundo Ieiael, eu fui um dos poucos a ter a coragem de conversar cara-a-cara com um deles. Sim, usei o plural porque descobri que além de Qayin existem outros demônios na terra, que se forem enviados ao nosso planeta, jamais poderão retornar ao inferno como Qayin.

Digo isso porque vi dois desses demônios outro dia. Num clima investigativo, eu percorria tranquilamente em meu Lincoln os arredores dos Jardins, mas no semáforo da Paulista com a Brig. Luis Antônio dois homens aparentemente distintos atravessaram na faixa de pedestres. Quando estavam bem na minha frente os dois me encararam com seus olhos luminosos, revelando o demônio em seus corpos. O sorriso que se estampava em seus rostos era de puro escárnio. Talvez estivessem me seguindo há horas. Pensei: *o que eles tinham a perder?* Ieiael disse que eles poderiam, sim, perder algo, e que todos os demônios, sem exceções, estão em busca de luz, e a terra é o lugar mais próximo do Criador, num nível bem mais elevado que o inferno. Lilith só tenta causar a destruição e a loucura na terra devido aos ciúmes que tem de nossa liberdade, para desafiar Deus e fazer com que outros compartilhem do seu desespero. Samael, o mestre do inferno, segue suas próprias regras e jamais quebrou o acordo que selou com Deus, mas sua própria ex-amante e esposa o leva à loucura, semelhante a algumas mortais. Fontes disseram a Ieiael que Samael não mantém relações conjugais há quase dois milênios, depois que

flagrou Lilith de conversas e carícias com um tal de *Bar Abbas*. Não por acaso ela foi figurada como a serpente que causou a expulsão de Adão e Eva do paraíso.

Fora os dois demônios que presenciei na Avenida Paulista, nada aconteceu. Qayin continuou a me perseguir, como havia dito. Em todas as ruas, bares, cinemas ou restaurantes, ele sempre estava no meu encalço. Não sei dizer se este demônio segue outros imortais, ou mesmo mortais, e não sei se o único interesse dele é no meu bom coração, coisa em que não acredito muito, pois não me considero tão bom assim.

E comprovo tal fato ao perceber que passei meses sem ligar para o meu único e verdadeiro amigo, o Ruivo. Na semana passada fiquei sabendo por um parente distante que ele estava muito doente, em estado terminal, devido a um câncer. Isso me enlouqueceu completamente. Preparei-me para ir até Hortolândia para pagar suas despesas e tentar confortá-lo, mas, ao chegar na garagem com minha bolsa de viagem e pronto para sair, um dos sagazes Cavaleiros Templários surgiu do nada e me segurou de tal maneira que mal consegui respirar. Ele me algemou e amordaçou, deixando-me furioso. Chutei tudo o que os meus pés poderiam alcançar, inclusive as suas pernas seculares. Fui jogado no bagageiro do seu Lincoln e trancafiado como um cão. Só fui libertado do cativeiro quando chegamos à Black Angels. O desgraçado templário mentiu descaradamente para Yesalel e para o líder da segurança Sital, dizendo que eu estava tentando fugir. Yesalel me olhou desconfiado, com uma força descomunal arrebentou minha amordaça, e disse: “O que acontece com você filho?”

Eu estava fora de mim, espumando de tanta raiva. Descarreguei tudo em cima dele, vomitando palavras: “O que vocês acham que sou? Um cachorrinho de estimação? Um escravo? Vou para onde quiser e na hora que bem entender, pois sou bem grandinho pra isso, não preciso de babás milenares no meu encalço. Como se já não bastasse um demônio, agora são Cavaleiros Templários e anjos caídos? É melhor me soltarem agora, pois não responderei pelos meus atos.”

Sim, fui grosso, rude e disse palavras impensadas, mas quem não age em completo desespero quando fica sabendo que alguém de sua família ou um grande amigo está em estado terminal? O pior foi quando o Sital, o chefe da segurança, me soltou das algemas. Minha primeira ação foi travar os dedos e esmurrar o Cavaleiro Templário que me sequestrou. Depois que quase quebrei minha mão em seu queixo, eu o vi sangrar. Jamais imaginaria que uma pessoa franzina como eu, mesmo sendo imortal, pudesse causar esse estrago em um guerreiro tão hábil. Atordado pelo sangramento, o Cavaleiro me olhou com fúria. Naquele momento senti que um imortal poderia morrer e temi por minha pobre vida, mas ele nada fez além de lançar faíscas pelos olhos. Sital disse que essa era a diferença de um

imortal secular para um imortal recente. Ele tinha autocontrole e muito treinamento e nada se comparava aos ensinamentos na escola da vida.

Depois que expliquei tudo para Yeiael ele achou melhor eu não visitar o Ruivo, pois como vivi em Hortolândia por muitos anos poderia levantar suspeitas em relação à minha imortalidade, aparência mais jovem e até sobre a existência dos anjos caídos. Yeiael explicou a situação para o tesoureiro Hacamiah, que liberou duas vezes a quantia que eu tinha solicitado. Como disse anteriormente, não pude ir visitar meu amigo para não levantar suspeitas. Eles enviaram Lameque e três Cavaleiros Templários para cuidar da situação, mas, infelizmente, chegaram tarde demais. Meu amigo honesto, inteligente, trabalhador, estudioso e bem afeiçoado perdera a vida jovem, e seu assassino foi esta terrível doença chamada câncer.

Não vi nenhuma expressão de tristeza por parte dos anjos caídos. Eles sabiam que falecera apenas o corpo do Ruivo e que o espírito é imortal. Eu me acabei em prantos e, aos soluços, perguntei se teria alguma forma de vê-lo um dia. Prontamente Yeiael disse que não, pois eles não adentram na morada do Senhor desde que foram expulsos. Se fosse no inferno talvez eu tivesse uma chance de vê-lo, pois eles possuem um informante lá dentro. Perguntei várias vezes para Yeiael quem era o informante, sem êxito, mas, após um cafezinho e uma boa conversa, ao sair do recinto ele sussurrou em meu ouvido o seu nome: Samael, o Senhor do inferno.

Sabe, é muito estranho ver os afrescos nas igrejas, as esculturas em formas de anjos, conviver com eles e saber que realmente existem e que são diferentes daqueles anjos com asas e auréolas. Algo completamente surreal. Pelo menos hoje entendo muita coisa. Sei que o espírito dos humanos é eterno e o que os diferencia de nós, imortais, é que nosso corpo não envelhece e resiste por séculos completamente intacto. Sim, os anjos existem e o Demônio também. Muitas vezes duvidei da existência de Deus, hoje acredito plenamente em sua existência, mas não sei como ele é ou o que é, pois isso eles não me revelam. Quem sabe, um dia saberei?

Antes que me esqueça. Eles também não me revelaram quem é a pessoa que Qayin tanta aguarda. A pergunta só aumentou ainda mais a minha curiosidade, porque eles se espantaram quando a fiz, como se fosse algo completamente secreto para um imortal recente. Mas deixemos isso para outra ocasião. Quem sabe Yeiael não me revela quem é essa pessoa assim como revelou o nome do informante do inferno?

DIÁRIO: 23 de fevereiro de 1981

Passei a virada de ano com Lameque. Infelizmente, ele não me deixou beber excessivamente, apenas conversamos e ceamos carne de carneiro assada na brasa

com molho de hortelã. Fomos interrompidos pelos fogos e euforia dos paulistanos e, em meio à comemoração, senti falta de Ieialel, que viajou para Moscou por ter assuntos importantes para resolver na Catedral de São Basílio, localizada na Praça Vermelha. Lameque me revelou que em uma das vidas de Ieialel ele fora arquiteto, e que em meados de 1550 ele projetou a Catedral de São Basílio, mas teve os olhos cruelmente arrancados pelo Czar Ivan, o Terrível, para que nunca mais construísse outra catedral igual àquela. Agora, o que ele foi fazer lá ninguém sabe. É, até os anjos têm seus segredos.

Intitulei a virada de ano de “A Virada das Revelações”, pois Lameque contou que existem apenas dois imortais iguais a mim no mundo. O primeiro mortal transformado em imortal era uma mulher, nascida em meados do ano de 1200, numa aldeia chamada Rennes-le-Château, situada no sul da França. Na época ela foi considerada por muitos como uma terrível bruxa. Seu nome é Cassandra Corbu e há cerca de 80 anos seu paradeiro é desconhecido. Lameque disse que a Black Angels trabalha com afinco para reencontrá-la. O segundo mortal transformado em imortal nasceu no Japão no ano de 1568 e foi um grande companheiro do xogum Tokugawa Leyasu (primeiro xogum do shogunato Tokugawa do Japão). Ele apoiou a proibição do cristianismo e o fechamento do país para estrangeiros. Seus pensamentos hoje são bem diferentes dos de antigamente, deixou de ser um extremista. Seu nome é Matsudaira Jirosaburo Motonobu, nome idêntico ao que o xogum Tokugawa Leyasu adotou em sua juventude. Minha história seria mais uma acrescentada à lista dos poucos mortais que se tornaram imortais.

Como podem notar, a vida de um imortal não é agitada, nem imagino o que terei que fazer para me distrair eternamente.

Apesar dessa quietude na virada do ano, excluindo a euforia dos mortais paulistanos, no dia 10 de janeiro mais uma vez Qayin se mostrou impetuoso e assassinou friamente mais uma vítima.

Sai com meu Lincoln para espairecer, mas com o hábito de sempre. Não conseguia relaxar, parecia que sempre estava trabalhando em busca de pistas. E realmente estava. Como todas as noites, a solidão atacava e meu estado naquele dia estava deploravelmente melancólico. Não conseguia enxergar as cores dos *outdoors* da Paulista, muito menos das roupas dos jovens noctâmbulos. Tudo era cinza, mas em tons diferentes, uns mais claros, outros mais escuros.

Foi nessa noite acinzentada que um motoqueiro se aproximou de mim com sua *Harley-Davidson*. Quando senti o calor do motor e ouvi o ronco do escapamento, o motoqueiro virou para mim com seus olhos demoníacos, revelando Qayin, o milenar demônio. Meu coração acelerou e o calor tomou conta do meu corpo de tal maneira que tive que tirar a camisa às pressas. Travei os dentes com tanta força enquanto o demônio acelerava ao meu lado que senti um deles explodir dentro da

boca, causando um sangramento que escorria pelos lábios. A rixa era inevitável. Aceleramos tanto que chamamos a atenção dos que perambulavam pela noite paulistana. Eles gritavam como que se vislumbrassem os maiores ídolos do *Rock and roll*. Hoje sei que o que fiz naquela noite foi insano, pois arrisquei a vida de muitas pessoas e me deixei levar pela emoção. Como para tudo que fazemos de errado existe uma consequência, paguei pelo meu erro.

Para continuar o relato da minha inconsequência, lembro-me perfeitamente quando acelerei a 150, 180, 220, na Avenida Paulista. Eu teria tentado acelerar ainda mais não fosse pelas rodas traseiras do meu Lincoln, que começaram a emitir um som estranho. A carcaça inteira do automóvel começou a tremer de tal maneira que minhas mãos mal conseguiam segurar o volante luxuoso. Qayin apenas gargalhava, um som que mais parecia o uivo de um lobo faminto do que o de um ser humano. O fato é que ele se mostrou um hábil piloto e seu equipamento tinha um excelente desempenho. Não emparelhamos nenhuma vez, pois o demônio manteve a dianteira em todo o percurso. Seguimos assim até que senti um forte cheiro de óleo queimado. A fumaça do motor era visível, mas o problema pior era o fogo que já se alastrava por todo o capô. Os espectadores se deliciavam com o show gratuito, enquanto eu sentia o calor e o odor que Samael e Lilith deveriam sentir nos confins do inferno. Meus braços ardiam muito e meus olhos lacrimejavam, mas o ódio que sentia por dentro percorria todas minhas entranhas, fazendo-me tão mais forte que pude suportar a dor. Se não fosse pela curva no fim da Avenida Paulista...

Tentei fazer a maldita curva para entrar na Consolação, mas o carro derrapou e atravessou a ilha central fazendo-me rodopiar por várias vezes, até que um poste acabou com o espetáculo. De relance, pude notar Qayin seguindo na contramão pela avenida, até dar de encontro com um caminhão. Estaria mentindo se dissesse que sobrou algo intacto daquele pobre corpo.

Mesmo atordoado pelo fogo e impacto do poste, tentei abrir a porta do carro. Algumas pessoas me ajudaram a sair. Fiquei deitado no meio da Rua Consolação, estático, olhando para as estrelas e tentando imaginar de onde tiraram a ideia de que os anjos moram nas nuvens. De repente, tive um ataque de risos incontrolável. Sim, já estava delirando, até que alguns anjos caídos conhecidos me socorreram e me levaram para a enfermaria da Black Angels. O Lincoln foi para a sucata, e eu tive alguns ferimentos leves nos braços e na testa, além de ganhar de presente um pivô no lugar do dente que explodiu. O pior foi o sermão que ganhei de Yeiael, digno dos manuscritos bíblicos.

Bom, estou pagando por isso. Eles me proibiram de comprar um carro, e adquiri uma nova dor, a da consciência, pois fui deveras inconsequente ao arriscar a vida de inocentes. Fiz o que Qayin queria; deixei-me levar pela emoção do momento e quase assassinei várias pessoas. Yesalel disse que eu poderia ter perdido o meu

corpo no acidente e que deveria seguir o exemplo deles, que mantem o mesmo há séculos, excluindo Ieialel, que sempre se envolvia em confusões e já perdera mais de 2 mil corpos. Bom, acredito que Ieialel deveria saber o que estava fazendo, afinal foi o autor do importante Manual do Imortal.

DIÁRIO: 03 de outubro de 1981

Hoje escreverei rapidamente. Estou deveras cansado devido às aulas intensas em diversas modalidades. No relato anterior, do dia 23 de fevereiro, Sitaël, o chefe da segurança da Black Angels, resolveu colocar dois Cavaleiros Templários como meus guarda-costas. Nem preciso dizer que odiei. Eles estão sempre atrás de mim em todos os lugares aonde vou, menos no *toalete*, pois isso não aceitaria de maneira alguma. Qayin não se intimida e sempre aparece, mas durante esses meses eles não se enfrentaram, já que seria insano tentar enfrentar Qayin. Os corpos que usa não são dele, mas de pessoas inocentes ou não tão inocentes assim. O único plano que temos no momento é tentar impedir as mortes, pelo menos até a chegada da pessoa que o demônio tanto espera voltar.

DIÁRIO: 18 de junho de 1982

Pronuncio perfeitamente o inglês e o espanhol, também tive aulas com grandes culinharistas e hoje me considero um grande cozinheiro. Aprendi a lutar, meditar e socorrer pessoas. Além de continuar me aperfeiçoando, estou me iniciando nas aulas de sírio-aramaico.

Este ano, Qayin pausou as perseguições. Yesalel disse que o informante do inferno relatou que ele está com Lilith em uma rápida visita. Mas como o tempo na terra e no inferno são diferentes, minutos transformam-se em meses. Sitaël está reforçando a segurança e já informou as sedes dos outros países, pois quando Qayin visita a sua mãe no inferno o terror volta multiplicado.

DIÁRIO: 10 de dezembro de 1982

Sitaël estava certo. Qayin retornou no mês de novembro causando diversas chacinas. Ele tem o poder de viajar como um relâmpago e sua força se compara a de 1000 homens. As perseguições continuaram, mas meu reflexo está bem mais acentuado. Além disso, devido à rotina de perseguições do passado acabei me acostumando com o demônio. Quando não estou sendo perseguido sinto-me esquisito, parece que me falta algo. Isso é muito estranho.

DIÁRIO: 26 de outubro de 1983

Volto a escrever, como prometi. Não que algo de anormal tenha acontecido... como se minha vida tivesse algo de normal! Mas para não dizer que nada mudou, vi o demônio se deliciar com os assassinatos, acidentes e a miséria, mas notei que estava extremamente feliz no dia 1º de setembro e comentei o fato com Yesalel, que mostrou o real motivo do regozijo de Qayin: o avião civil coreano, conhecido como KAL 007 ou KE 007, foi atingido por um caça soviético, levando à morte de todos os seus 269 tripulantes.

Sei que as almas são eternas, mas dói ver tantas mortes. Os anjos caídos da Black Angels são bons e não digo que possuem um bom coração, pois os que batem no peito deles são de outras pessoas que já se foram, mas digo que possuem um bom espírito, apesar do modo estranho como agem ou se vestem, bem diferente do tradicionalismo que víamos quando crianças nos livros infantis e nos afrescos das igrejas, museus e cemitérios. Sim, eles são bons, mas não possuem um bem muito importante que os humanos possuem que é o sentimento, algo que ainda não perdi, talvez por ser um imortal recente e manter este mesmo corpo.

DIÁRIO: 14 de maio de 1991

Isso é extraordinário e sei que você nem notou o que realmente aconteceu, mas se estiver atento às datas verá que já fazem mais de sete anos que não escrevo neste diário. Suas folhas estão amareladas, mas o seu conteúdo está intacto, e sei que você está apreensivo em saber o que realmente aconteceu, fato que relatarei com precisão nas próximas linhas:

No dia 28 de outubro de 1983, dois dias depois de ter escrito aqui pela última vez, seguindo as orientações do anjo caído Reyel, fui até o Pátio do Colégio, no centro da cidade, visitar o Museu Padre Anchieta. Ele queria que eu conhecesse a maquete que mostrava como era a antiga cidade de São Paulo de quase 500 anos atrás e a parede histórica feita de barro e óleo de baleia por um padre chamado Afonso Brás. O local é incrível! Descobri que lá os jesuítas Manuel da Nóbrega e José de Anchieta ergueram sua primeira capela, e conheci de perto dezenas de trabalhos da arte sacra destinada aos cultos sagrados. Bom, neste momento você deve estar roendo as unhas de ódio, querendo saber por que deixei de escrever por sete longos anos.

No dia da visita ao museu, quando retornei ao meu apartamento notei que a porta estava entreaberta e, ao entrar na sala, ouvi passos eufóricos no corredor. Rapidamente, corri para ver quem era. De relance, notei que era uma das camareiras. Por sorte, ela tropeçou no espesso carpete e deixou cair de suas mãos um objeto muito conhecido, meu estimado diário.

Quando me aproximei da garota, já sabia quem poderia ser. Qayin sorriu com os lábios avermelhados e, num gesto profano, vi sua língua num obsceno vaivém,

semelhante ao das mais traiçoeiras serpentes.

Peguei meu diário, e ao olhar novamente para o corpo possuído daquela garota jogada no chão notei que seu semblante mudara repentinamente. Ela não estava mais possuída. O demônio foi mais rápido e entrou no corpo de um robusto ascensorista e com um único golpe do seu poderoso punho, fez-me desabar no chão. Entorpecido, vi o demônio recuperar o meu diário e sair calmamente pelo corredor, enquanto ele assoviava uma música desconhecida, como que se nada pudesse impedi-lo.

Por incrível que pareça, meus guarda-costas não estavam presentes quando eu mais precisei. Apaguei. Quando acordei, já estava deitado em minha cama. Meus guarda-costas, Reyel e Yesalel, estavam ao meu redor. Levantei da cama como um relâmpago e um dos Cavaleiros me segurou pelo braço, fazendo-me enlouquecer novamente. Sabendo que ele era bem mais forte, mordi com todas as minhas forças seu poderoso braço e senti o gosto amargo do seu sangue imortal. O outro Cavaleiro me segurou pelos cabelos e puxou com tanta força que minha mandíbula trouxe junto um pedaço de carne, deixando nitidamente um braço com as veias expostas. Num único golpe, com os dedos da mão esquerda, atingi os seus olhos. Ele me soltou instantaneamente.

Levantei-me e passei pelos anjos caídos com muita fúria, mas Yesalel me segurou e me imobilizou. Não havia nada que eu pudesse fazer para me livrar das mãos daquele anjo que sorria cordialmente para mim, deixando-me muito mais furioso. Para me acalmar, ele iniciou uma estranha oração em mandarim. Suas palavras soaram como o som da chuva numa noite de inverno, anestesiando-me por completo e fazendo-me adormecer em seus braços angelicais tatuados.

Durante esses sete anos a Black Angels procurou pelo diário, assim como os caçadores de tesouros procuram pela Arca da Aliança e o Santo Graal em vão. Acredito que Qayin não leu o diário, pois sem dúvida informaria sua mãe que o informante do inferno é seu pai, Samael. Graças a esse ex-soldado de Deus, a Black Angels recuperou o diário, que estava guardado dentro de uma caixa de ferro completamente lacrada no porão da loja de um colecionador de objetos de arte e antiguidades no Anhangabaú. Os anjos caídos tiveram muito trabalho para abri-la, pois qualquer movimento em falso poderia danificar os meus manuscritos e toda a investigação que fiz em torno do demônio durante todos esses anos, incluindo as trabalhosas pesquisas (fichas) do doutor Murial Sante.

DIÁRIO: 14 de junho de 1992

O Brasil passa por uma séria crise financeira, e o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello já é praticamente certo. Adultos e jovens saem às ruas para protestar, e num dia desses me juntei a eles. Essa manifestação se deu em plena

Avenida Paulista e, por incrível que pareça, notei a presença de alguns demônios e anjos caídos da Black Angels. Não sei dizer se os demônios sabiam o que realmente acontecia, mas eles faziam parte dos *caras-pintadas* que agitavam pela saída do presidente. Talvez estivessem ali apenas pela agitação, pois se soubessem o real motivo, com certeza, não estariam. Fazia tempo que não via uma manifestação como essa. Realmente, os brasileiros se uniram para defender uma única causa.

DIÁRIO: 17 de janeiro de 1993

Em determinados momentos da imortalidade o corpo sente certa rejeição, como se tentasse expelir o espírito. Conforme passam os anos as dores aumentam gradativamente. Escrevo no diário com muita dificuldade, minhas mãos estão trêmulas, o coração acelerado e a sensação de que algo não está certo me deixa deveras irritado. Procurei o anjo caído Reyel para sanar minha dor, pois é o mais qualificado de todos nesse assunto, e o remédio receitado foi meditação diária, já que eu tinha o hábito de meditar apenas uma vez por semana. Ele disse que com o tempo não sentiria mais essas dores, mas para que isso acontecesse deveria ter algumas plantas no meu apartamento e praticar a meditação perto delas.

Depois de Moscou, Ieialel viajou para a Itália, Portugal, França, África e por último Japão, e sua volta foi ontem, dia dezesseis. Para comemorar, decidimos ir ao estádio do Morumbi assistir ao show de um grupo de grunge chamado Nirvana. Fomos em nossas vestimentas negras, e não sei se eram as roupas ou simplesmente eu que chamava a atenção daqueles jovens, mas me olhavam como se fosse um semideus, o ídolo do show. Os longos cabelos, a barba e as roupas estilosas eram minha marca registrada, o novo visual do imortal Rafael Monte Cerquillo. Ieialel já estava com outro corpo, desta vez era um rapaz com idade aproximada de 25 anos, esbelto e extremamente alto. Como sempre, tivemos a companhia de dois Cavaleiros Templários. Eles usavam sobretudo cor de gelo, cabelos amarrados e óculos escuros.

Yesalel resolveu não ir. Disse que tinha assuntos a tratar com alguns empresários, mas nos aconselhou sermos discretos e comportados. Pelos comentários que já ouvi nos corredores da Black Angels, Ieialel parece ser um dos mais antigos anjos caídos, juntamente com o mestre do inferno, Samael. Ele é extremamente sábio, muito diferente dos outros anjos e muito semelhante aos jovens mortais. Às vezes age como uma pessoa inconsequente, mas é apenas impressão, pois tudo o que faz é calculado e tem um propósito específico. Seu único erro foi acreditar mais no amigo Samael do que no seu próprio Criador. Bom, chega de delongas. Quero relatar alguns fatos interessantes ocorridos no show do Nirvana.

O público estava agitado, completamente impaciente e, quando o vocalista Kurt Cobain pisou no palco, a plateia delirou. Vi o semblante de Ieialel brilhar. Estava

muito feliz com toda aquela agitação. Os Cavaleiros Templários não se alteraram em nada e nem pareciam notar o vocalista no palco, apenas olhavam incessantemente para todos os lados à procura de demônios. Naquele momento me esqueci do passado, da minha imortalidade e das perseguições de Qayn. Delirei quando Kurt iniciou a canção *Smells Like Teen Spirit*. A plateia, completamente extasiada, dava saltos, uns caíam sobre os outros e, por incrível que pareça, Ieiael, um anjo caído que conheceu o nosso Criador e o Senhor das Trevas, fazia o mesmo e ainda me puxava para acompanhá-lo.

Eu me diverti sem pensar duas vezes, e foi muito bom, muito bom mesmo, uma tremenda terapia. O que me fez dar muitas gargalhadas foi notar os dois Cavaleiros Templários já sem os óculos escuros e com as roupas completamente amarrotadas. Os cabelos já não estavam amarrados e seu semblante era de puro ódio e arrependimento. Sem dúvida, eles não curtiram nem um pouco todo aquele frenesi.

Se tudo fosse só alegria e curtição seria perfeito, mas percebi algo muito estranho no vocalista. Não sei se era seu hábito esconder os olhos entre os cabelos enquanto cantava *Smells Like Teen Spirit*, mas aquele gesto me fez lembrar de todo o meu passado, incluindo as perseguições de Qayin. Ieiael nem notou o meu rápido desânimo e foi assim até o fim do show.

DIÁRIO: 10 de maio de 1994

Escrevo para dizer que minha dor cessou e a meditação indicada por Reyel foi a sua doce cura. Por incrível que pareça, Ieiael permanece no mesmo corpo. Os Cavaleiros Templários continuam sérios e totalmente sem graça.

Após saber que tenho este diário, Lameque resolveu ter um também. Ele disse que estava relatando tudo, inclusive os mínimos detalhes dos assassinatos de Qayin, e, falando no demônio, outras vítimas surgiram, entre elas um padre, um político, uma enfermeira e um carteiro. Vocês não imaginam o caos que ele causou quando possuiu um padre, levou um potente aparelho de som para a paróquia e colocou uma antiga canção dos *Rolling Stones* intitulada *Sympathy For The Devil* para tocar. Um político também foi possuído (não citarei o seu nome). Ele fez o seu discurso para centenas de pessoas pregando a liberdade geral em todos os sentidos possíveis. O carteiro jogou no bueiro todas as correspondências de uma determinada região de Pinheiros, e isso durante duas semanas. A enfermeira levou vários pacientes em suas cadeiras de rodas e macas para o meio de uma avenida, causando um dos maiores congestionamentos da história de São Paulo. Se continuar esse relato não existirá diário no mundo em que ele caiba.

É claro que você se lembra dos comentários que fiz sobre o show do Nirvana no estádio do Morumbi, não é verdade? O triste e lamentoso fato é que, no dia 5 de

abril deste ano de 94, Kurt Cobain se suicidou dando um tiro de espingarda em sua própria cabeça.

“Obrigado do fundo de meu nauseado estômago queimando por suas cartas e sua preocupação ao longo dos anos. Eu sou mesmo um bebê errático e triste! Não tenho mais a paixão, então lembrem, é melhor queimar do que se apagar aos poucos. Paz, Amor, Empatia.”. Kurt Cobain - Trecho de sua última carta.

DIÁRIO: 17 de janeiro de 1995

Eu, Lameque, Ieialel, Yesalel, todos os Cavaleiros Templários e outros anjos caídos nos reunimos de manhã para uma reunião importantíssima. O informante do inferno, Samael, relatou para Achaiah que Qayin tenta tirar sua mãe do inferno para finalmente, após milênios, retornar à Terra, pois o demônio acredita que se libertar sua mãe ele também estará liberto de sua escravidão. A primeira investida foi nesta manhã, exatamente às 5h46, e somente a tentativa de retirá-la do inferno causou um terrível terremoto em Kobe e outras cidades do Japão, deixando centenas de mortos e feridos, além dos danos físicos, com prédios inteiros demolidos, fogo pelas ruas e estabelecimentos comerciais fechados.

Yesalel estava preocupado, pois a união de Qayin e Lilith na Terra poderia ocasionar a destruição definitiva do planeta. Samael, o mestre do inferno, discorda de tais atitudes do filho e esposa, pois como Deus, ele não interfere em nosso livre arbítrio. Por isso nos avisou, dando chance de nos prepararmos. Ieialel mandou Achaiah, o porta-voz da Black Angels, agradecer a Samael pela informação. Alguns anjos caídos ficaram incumbidos de ligar para as filiais da Black Angels pelo mundo para ficarem atentos quanto ao perigo. Como o tempo no inferno é diferente do nosso na Terra, a próxima tentativa poderia levar anos.

Desde que conheci a Black Angels, foi a primeira vez que vi os Cavaleiros Templários sorrirem afoitos por uma boa batalha, como uma criança quando recebe o seu primeiro presente de natal. Yesalel não parava de fumar, deixando Omael extremamente preocupado com a saúde e bem estar do seu corpo, mas o grande mentor estava longe, muito distante entre a fumaça do seu *Camel Light* e seus pensamentos angelicais.

Foi assim até que um grito ecoou por todo o ambiente, nos despertando dos pensamentos: “Ele está voltando. Finalmente está voltando.” Fiquei confuso, pois todos os assessores dos imortais estavam na sede, então imaginei: “quem afinal de contas estaria voltando? Quem poderia causar tanto alvoroço? Seria a tal pessoa que Qayin tanta aguardava?” Vi os Cavaleiros Templários e os outros anjos caídos extasiados olhando para o céu. Yesalel estava boquiaberto, e seus olhos brilhavam como todas as 88 constelações. Fiquei curioso, perguntando a um por um quem estava voltando e por que olhavam como loucos para o céu, até que resolvi olhar na

mesma direção. Algo muito estranho estava acontecendo. No céu havia um extenso caminho de tonalidade rosa que sumia no horizonte, algo que nunca tinha visto em toda a minha vida. Ieiael se aproximou de mim e, ainda olhando para o céu, segurou em minha mão e disse: “Ele está voltando... O messias, nosso irmão Jesus Cristo, está voltando para nos salvar mais uma vez.”

Ele se aproximava... Olhei ao redor e não notei movimentação. Como num filme de horror, todos os seres humanos estavam paralisados como estátuas. Algumas pessoas paradas no meio da rua, outras com os braços erguidos num ponto de ônibus. O tempo parou, o mundo parou. Somente nós imortais estávamos cientes do que acontecia. Quando olhei mais uma vez para o céu, meu corpo estremeceu. Pude notar uma figura humanóide se aproximando. Seus cabelos longos esvoaçavam ao redor. A barba possuía duas longas tranças. O semblante sério dava medo, era difícil encarar aquele homem, completamente diferente das imagens dos afrescos. Ele não era louro, nem tinha olhos azuis. Seus traços étnicos eram semelhantes aos dos israelenses. Seus pés finalmente tocaram o chão e neste momento a poeira que cobria o asfalto ergueu-se, parou no ar por um momento e caiu. Meu coração parecia que ia explodir, quando um urro de ódio surgiu atrás de nós. Virei-me e meu sangue gelou nas veias, era Qayin com sua real aparência. Ele ergueu o braço esquerdo e num leve giro de sua mão, todas as vidraças da vizinhança explodiram, causando um estrondo ensurdecedor. Jesus permaneceu inatacável, desta vez apresentando um sorriso quase imperceptível atrás da barba. Isso só fez aumentar o ódio do demônio que investiu contra ele como um relâmpago, mas antes que desferisse o golpe, num ágil reflexo, Jesus segurou o seu poderoso braço. Seus dentes cerrados e suas veias visíveis demonstravam esforço inumano, mas continuou segurando, até que cansou e num simples golpe com a mão direita, o empurrou metros de distância. Jamais imaginaria que Ele lutaria desta maneira. Pela primeira vez Qayin estava em desvantagem. Fizemos um círculo e com um sentimento de vingança, esperei que o Mestre castigasse o demônio, mas logo me senti mesquinho, pois naquele dia aprendi a ter compaixão. Assustado com o poder do oponente, o filho de Lilith continuou no chão. Jesus se aproximou e ergueu a mão, com a outra afastou suas vestes e destacou um símbolo estampado no peito: “Vê este sinal? Ele representa os lados opostos, mas unidos se completam. Meu Pai marcou meu peito para que eu me lembrasse sempre de sua importância. Estou aqui para impedi-lo de libertar sua mãe, pois se acontecer, o destino da humanidade estará selado e o equilíbrio será rompido. Levante-se”. Qayin se levantou vagorosamente. Jesus pôs a mão direita em seu ombro esquerdo, o demônio retribui com a mão esquerda em seu ombro direito. Os dois entraram em transe. Ficamos sem saber o que fazer, mas permanecemos calados, enquanto assistíamos os dois milenares seres, até que ambos abriram os olhos. Qayin foi o primeiro a falar:

“Liberte-me de minha mãe, pois só você tem este poder”. Jesus consentiu e disse: “Sei que é um arauto de sua perversa mãe e que está cansado de seguir suas vontades. Se Lilith for libertada, transformará o mundo num caos, fundirá o inferno com a Terra e a raça humana será extinguida. Farei tua vontade e que fique registrado no livro dos anjos caídos que hoje foi o dia da sua libertação”. O Mestre olhou ao redor, contemplou os anjos caídos e os cavaleiros. Fixou seus olhos nos meus por alguns segundos e desta vez não apresentava tanta seriedade no olhar. Jesus, filho de Deus, o homem mais conhecido do mundo estava olhando para mim, como se dissesse que conhecia todos os meus passos e que eu estava no caminho certo. Todos ergueram as mãos, inclusive eu. Jesus ficou ao lado de Qayin, e mais uma vez pude ver o demônio chorar. Ambos desapareceram num feixe de luz. A população voltou a se movimentar. Algumas pessoas estranharam o nosso círculo, outras não entenderam os estilhaços no chão e, antes de desfazermos a roda, nos olhamos e depois festejamos como nunca fizemos antes. Lilith continuou em sua morada e Qayin estava livre das correntes. Pelo menos por enquanto a humanidade teria um pouco mais de paz.

*No silêncio de cinzas do meu Ser
Agita-se uma sombra de cipreste.
Sombra roubada ao livro que ando a ler,
A esse livro de mágoas que me deste.
Estranho livro aquele que escreveste,
Artista da saudade e do sofrer!
Estranho livro aquele em que puseste
Tudo o que eu sinto, sem poder dizer!
(...)*

Florbela Espanca, *Livro de Mágoas*

Faz mais de quatorze anos que não escrevo neste diário e sei que você nem notou, pois o último relato está na página anterior. Bom, decidi que era hora de parar definitivamente com ele. Não que eu deseje parar de relatar os acontecimentos para você, mas porque existe uma longa e intensa jornada pela frente, e quem sabe um dia você não fique sabendo mais detalhes sobre toda essa história no diário do Lameque? O fato é que essas folhas já estão ficando ressecadas e quebradiças, então decidi, com muita dor no coração, como um pai que abandona o próprio filho, que dentro de algumas horas irei para um local público e o deixarei a esmo e à mercê do destino, e se você está aí realmente lendo é porque o meu plano deu certo, alguém o encontrou e o publicou.

Deixo alguns conselhos: esteja sempre atento aos acontecimentos globais, às letras das músicas, aos noctâmbulos de preto, aos antigos livros, estátuas e afrescos. Existem sinais em todos os lugares. Esteja principalmente preparado, caso alguém com os olhos luminosos, vitrificados e aquosos se aproximar de você. Finja que não o viu, erga a cabeça e siga o seu caminho. Qayin foi liberto, mas alguns dos seus súditos ainda perambulam por aí, enfraquecidos, mas ainda perversos.

Muitos anos se passaram desde que me tornei imortal. A solidão continua e, apesar dos grandes amigos que encontrei, a falta de uma companheira é lastimosa.

Não sei se estou preparado para ter uma agora, pois qualquer romance me causaria dor, já que um dia presenciaria a sua morte.

Sem dúvida, escolhi trilhar o meu caminho ao lado dos anjos caídos, e hoje sou um dos membros da Black Angels que, por segurança, mudou-se de local, como costumam fazer de 30 em 30 anos. Você gostaria de saber onde nós estamos? Só posso dizer que ainda em São Paulo, nesta imensa selva de pedra, possuidora de cemitérios requintados e igrejas de belíssimo estilo gótico. Tive grandes mudanças se me comparar ao início deste diário. Minhas palavras não são mais tão melancólicas e minha aparência é bem distinta, mas continuo curtindo as cores vermelho, cinza e negro e, inevitável e incessantemente, o *rock and roll* não sai da minha cabeça.

Agora posso revelar que você é um dos meus companheiros. Estive comigo nesta jornada, mesmo quando eu era um velho doente ex-detetive de polícia.

Bom, este é o meu diário, esta é a minha história. Quem sabe um dia não nos encontraremos por aí em algum barzinho de São Paulo, ou mesmo nestas populosas e acinzentadas ruas?

Lembre-se, siga os sinais.

EPÍLOGO

(Carta recebida em 22 de dezembro de 2009)

São Paulo, 19 de dezembro de 2009

Senhor Editor,

Venho por meio desta carta apresentar o diário de Rafael Monte Cerquillo, encontrado juntamente com os livros de nossa biblioteca, em novembro passado. Como bibliotecária, li os manuscritos e ressalto que encontrei coerência e fatos históricos plausíveis para uma publicação. É difícil saber se ele se trata de mera ficção ou se os dados apresentados são verídicos. De qualquer modo, alguns dos nomes citados realmente existiram e fazem parte da nossa história. Destaco que o autor do diário é um doutor, chamado Murial Sante, descobriram algumas mensagens subliminares na própria bíblia, além de comprovarem tais mensagens em todos os 63 versículos citados. Como já disse anteriormente, sendo verídico ou não merece uma análise aprofundada. O que me causou grande surpresa foi que vi um homem como o descrito no diário: cabelos pretos longos e lisos muito bem tratados, barbado, magro e trajando uma roupa de couro aparentemente de *griffe*. Ele pensou que não estava sendo notado, mas vi quando colocou na prateleira seu diário entre os livros estrangeiros do gênero gótico. Logo após, saiu rapidamente do recinto. Para fazer a minha parte como cidadã, seguem os manuscritos. Só peço que leiam com zelo, pois as folhas estão quebradiças devido à idade aproximada de três décadas.

À disposição,

Cecília M. Assumpção
Bibliotecária

POSFÁCIO

por Roberto de Sousa Causo

Cresci e passei a maior parte de minha vida na cidade de Sumaré, na Região de Campinas, interior do Estado de São Paulo. Hortolândia, a cidade em que começa a ação deste livro de Ademir Pascale, foi durante muito tempo um distrito de Sumaré – até 1991, na verdade –, assim como uma outra cidade vizinha, Nova Veneza.

É curioso que esse estreito conjunto de pequenas cidades pareça ter uma vocação para o macabro e o gótico. Além deste *O desejo de Lilith*, o primeiro romance de Pascale – e do meu próprio romance *Anjo de Dor*, também ambientado na região –, Wendell Stein, um escritor nascido em Sumaré, escreveu o romance *Sangues da Noite*, ambientado na fictícia Fortunato, que ocupa quase que exatamente a posição geográfica de Hortolândia.

Talvez isso ocorra porque a região tem uma história propícia à discussão de destinos sombrios. Sumaré, Hortolândia, Nova Odessa e outras localidades são cortadas pelo Ribeirão Quilombo – cujo próprio nome indica que por ali se formou, na primeira metade do século XIX, uma comunidade de escravos fugidos, dando ao local um ar de liberdade contingente, de uma precária utopia surgida do desespero.

Os negros escravos estavam lá por causa da lavoura, favorecida pelo terreno composto de campinas e colinas como os que se vê em Campinas e Valinhos, com água em abundância e a ocorrência frequente de terra roxa. Ainda no século XIX, o café se tornou um dos principais produtos, e linhas férreas foram construídas para escoar a produção. Sumaré nasceu oficialmente de uma das paradas da ferrovia, tanto que seu primeiro nome, alterado apenas em 1945, foi Rebouças – em homenagem ao engenheiro-chefe da construção da linha férrea, Antônio Pereira Rebouças Filho.

A ferrovia trouxe as ideias de mobilidade, ligação com a metrópole, um comércio mais intenso. A região tornou-se estratégica para certos projetos. Entre eles, após a Abolição da Escravatura, o estabelecimento de colônias de trabalhadores europeus que vinham substituir os escravos, nas chácaras e fazendas. Gente da Itália, em Nova Veneza, do leste europeu, em Nova Odessa, da América confederada, em

Americana. Gente que fugia da fome e da guerra, seguindo outros impulsos utópicos, outras saídas para situações de desespero.

Quem tinha ofícios em demanda, porém, não ficava nas colônias estabelecidas pelo governo imperial, logo seguindo para centros maiores – fossem eles Campinas ou São Paulo. Talvez esse êxodo tenha pela primeira vez marcado a incapacidade desse espaço reter as pessoas e manter o seu caráter de utopia.

Não obstante, no século XX uma nova aura utópica marca o lugar – a do “Milagre Econômico” dos anos 1970, durante a ditadura militar, quando Sumaré se tornou um dos dois municípios de maior crescimento do Brasil. Crescimento frequentemente desordenado, com levas de migrantes buscando emprego nas indústrias que se instalaram lá, atraídas pelos terrenos baratos e isenções. Surgem bairros segregados do centro com cara de cidade interiorana – e com esses bairros de baixa infra-estrutura, vem o crime nos mesmos moldes das periferias dos grandes centros. A ponto de uma pesquisa ter revelado, em 2004, que Sumaré era uma das cidades mais violentas do Estado de São Paulo, em termos proporcionais de crimes de morte em relação ao número habitantes: “Em 2004... Sumaré (120 km de SP) e Hortolândia (105 km de SP), ambas na região de Campinas, foram as duas cidades no Estado onde mais se matou – taxas de 45,89 e 44,61 homicídios dolosos, respectivamente, por 100 mil habitantes”, segundo o jornal *Folha de S. Paulo*.

Um duro golpe contra a utopia do crescimento e do “progresso”.

Mas a maior parte do romance de Ademir Pascale se passa em São Paulo. É na grande capital que o protagonista, Rafael Monte Cerquillo, um investigador da Polícia Civil, segue as pistas do caso que o atormenta.

É claro, São Paulo tem a sua própria reivindicação do sombrio – incluindo a Catedral da Sé e seu esforço explícito de imitação da arquitetura gótica europeia. Será à toa que Cerquillo se instala nas imediações da Catedral?

São Paulo também tem sua própria história de incerta utopia. A maior metrópole do Brasil e da América do Sul é a cidade da promessa, da esperança de vida melhor e de sucesso. Mas é claro que a cidade não pode, para a maioria dos migrantes que acorrem a ela, cumprir a promessa. São Paulo tem a sua própria criminalidade urbana – e o seu rol de desastres naturais e problemas crônicos de infraestrutura – para marcar os limites da utopia.

Talvez, eu imagino, seja dessa tensão entre promessa e negação, entre utopia e distopia, que surge o impulso de traduzir tais contextos da realidade brasileira em termos de literatura de horror. É um impulso mais do que legítimo, no contexto da literatura brasileira atual, ele é absolutamente *necessário*. Necessário em primeiro lugar para firmar o gênero como uma ferramenta possível para o entendimento do nosso tempo e lugar; e necessário para fornecer uma alternativa à literatura urbana *mainstream*, também ela frequentemente focada na violência que marca o fim dos

nossos grandes centros urbanos como espaço da utopia. Lembro ainda que Pascale ambienta a sua narrativa de horror durante os anos de chumbo da ditadura.

Mas o romance de Ademir Pascale, um dinâmico editor, fanzineiro e agitador cultural, levanta outras questões. Sua prosa densa e complexa parece afirmar que o espírito de Edgar Allan Poe (1809-1849) ainda está vivo, mesmo no Brasil das primeiras décadas do século XXI. O espírito de Poe – o eterno pioneiro do horror no século XIX – e o espírito daquele que foi um dos seus maiores seguidores no século XX, H. P. Lovecraft (1890-1937). Ao trair essas influências, Pascale também não está sozinho; colegas como Carlos Orsi (autor de *Tempos de Fúria*, 2007), de São Paulo, e Paulo Soriano (autor de *Contos Nefastos*, 2008), da Bahia, também transmitem o toque de Poe e Lovecraft em seus trabalhos.

São influências significativas porque muito do que esses autores produziram baseia-se em uma prosa densa que favorece o mergulho no íntimo perturbado de um protagonista que sempre confronta a loucura e que filtra, por sua consciência excitada, ocorrências estranhas e bizarras. E o herói confronta a loucura que emana de uma *paisagem* em particular. Essa paisagem mudou, é claro, do século XIX para o XXI, mas talvez as angústias e ansiedades humanas não tenham mudado tanto. Esse confronto é exatamente o que temos em Rafael Monte Cerquillo, o protagonista de *O desejo de Lilith*, herói relutante e sem *glamour* que perambula pelas *mean streets* de São Paulo, encontrando-se com personagens reticentes enquanto faz a sua própria investigação erudita sobre segredos bíblicos de conflitos angélicos, a partir de restos e retalhos que lhes chegam por caminhos tortuosos. O contraste é gritante entre o herói e sua desesperada dimensão humana, e a escala transcendente da sua tarefa auto-imposta.

O formato escolhido também sublinha essa situação – o que lemos é o diário de Rafael Cerquillo, pessoal e intransferível, outro recurso para levar a subjetividade desesperada do herói ao primeiro plano.

Pascale já usara o formato do diário no conto de ficção científica e horror, *O Olho que tudo vê* (2009), que tive o prazer de incluir na antologia *Contos Imediatos*. Entre esse conto e *O desejo de Lilith* encontramos uma outra característica de Pascale, que inclusive o distingue dos seus colegas que empregam recursos semelhantes – o seu interesse pelas pessoas que estão na base da pirâmide social. Em *O desejo de Lilith*, Cerquillo, propenso a tropeços frequentemente dolorosos, é seguidamente amparado pelos pobres e excluídos.

E é nessa solidariedade precária, das ruas e de quem tem pouco a dar, que Pascale resgata um traço utópico para manter viva a esperança. E é nela que também encontramos a transcendência possível.

Roberto de Sousa Causo
São Paulo, dezembro de 2009.



O desejo de Lilith

Ademir Pascale